



Sobre Almas e Pilhas

Adilson Luiz Gonçalves

Adilson Luiz Gonçalves

Sobre Almas e Pilhas

Versão Digital - 2008

1ª. Edição Impressa, publicada originalmente em 09/2005.
Texto revisado em 07/2008.

Copyright© 2005 por Adilson Luiz Gonçalves
Todos os direitos reservados.

projeto gráfico digital

Adilson Luiz Gonçalves

capa

Cecília Helena de Almeida Gonçalves

diagramação digital

Adilson Luiz Gonçalves

Todos os direitos reservados por
Adilson Luiz Gonçalves
Tel.: (13) 97723538
E-mail: prof_adilson_luiz@yahoo.com.br

Distribuição Gratuita via Internet autorizada pelo autor.



Adilson Luiz Gonçalves

Escritor, Mestre em Educação, Engenheiro Civil, Professor universitário de cursos da área de Engenharia e Saúde, na UNISANTOS – Universidade Católica de Santos, e de Arquitetura e Urbanismo, na UNISANTA – Universidade Santa Cecília. Tem especializações no Brasil e na França. Atua, ainda, na área portuária, como conferente de carga e descarga, em Santos-SP. Iniciou suas atividades literárias em 2001, quando passou a colaborar regularmente com o Jornal “A Tribuna”, de Santos - SP. Também participou de concursos literários nacionais e internacionais, com crônicas e poesias premiadas, inclusive pela ABL.

Atualmente, é colaborador de vários jornais e revistas do país, impressos e virtuais, além de sítios da Internet¹, para os quais produz artigos e crônicas² sobre diversos temas.

Outra de suas atividades é a composição musical³, além da apresentação de palestras sobre temas de suas áreas de atuação.

¹ Para conhecer as mídias que já publicaram textos do autor, basta acessar: geocities.yahoo.com.br/prof_adilson_luiz/quem_ja_publicou.htm

² Os textos encontram-se publicados na página do autor, na Internet: geocities.yahoo.com.br/prof_adilson_luiz

³ Composições disponíveis no Youtube: br.youtube.com/adilson59

Para Cecília e Guilherme.

APRESENTAÇÃO

(edição digital)

Uma edição impressa tem a virtude do manuseio, o “glamour” do lançamento, da seção de autógrafos e do contato direto, presencial, com o leitor. No entanto, tem os inconvenientes das limitações de tiragem e distribuição, dos custos envolvidos e, mesmo quando produzida com papel reciclado, implicações ambientais.

O surgimento de meios de comunicação virtuais como a Internet representa, hoje, uma alternativa que permite contornar alguns desses problemas, constituindo-se, assim, numa importante ferramenta para difusão de idéias e conhecimentos. Outro aspecto relevante da Rede Mundial é a possibilidade de interação com o público, seja *on-line* (em tempo real) ou *off-line*. Nesse sentido, a Internet apresenta-se como um indispensável canal de aproximação entre pessoas, uma ponte dinâmica entre povos e culturas.

Num tal contexto, um livro em edição digital surge como forma de distribuição e redistribuição mais rápida e efetiva. Mesmo que não possuam todos os recursos tecnológicos que a Internet possibilita, como o hipertexto e a hipermídia, eles, a exemplo das versões impressas convencionais, também permitem “mexer” com o imaginário das pessoas. Assim, a palavra escrita continuará a provocar emoções e a transformar a realidade. Prova disso é que ao longo de sete anos de produção e distribuição de textos digitalizados, distribuídos via Internet, pude interagir com editores e leitores de várias partes do Brasil, refletir sobre suas críticas e elogios, e, sobretudo, aprender.

Por ter essa consciência e no intuito de prosseguir nesse processo de aprendizagem resolvi elaborar uma versão digital do livro “Sobre almas e pilhas”, coletânea de contos, crônicas, artigos e poesias, meu primeiro trabalho, lançado em 2005, e disponibilizá-la na Rede Mundial.

Quem sabe ele gere mais críticas... Talvez alguns elogios... Pode ser que alguns simplesmente o joguem direto na “lixeira”... Pode ser que outros o reenviem para novos leitores... A Internet é assim!

Qualquer que seja o caso, o importante é que expressemos nossas idéias por todos os meios possíveis, dentro de um processo dialético mutuamente proveitoso.

Nesse sentido, espero que a leitura desta obra seja minimamente útil.

Adilson

PREFÁCIO

(2005)

Um engenheiro escritor

Para muitos, escrever é profissão, que se exerce com esmero, porque disso depende a sobrevivência financeira. Para outros, momentos prazerosos, de lazer e de realização pessoal. Adilson se encaixa nesta segunda alternativa, com ingredientes a mais: não é apenas talentoso, mas também um escritor compulsivo, torrencial, incansável. Não lhe bastam a Engenharia e a docência, atividades às quais se dedica com igual dedicação e brilho. Arruma tempo igualmente para a família e para escrever.

O dia parece ter 36 horas para esse engenheiro que se divide em tantas realizações e a família. Quase que diariamente, ele distribui suas crônicas e artigos por e-mail, aos colegas e amigos. E publica em jornais e revistas de diversas cidades brasileiras, com uma frequência de dar inveja aos profissionais da escrita.

Não é apenas a quantidade de textos que impressiona, mas também uma aguda sensibilidade aos problemas, dores, qualidades e defeitos do ser humano. Suas crônicas abrangem assuntos variados: da mitologia à ficção científica, da literatura à ciência e à tecnologia, dos meios de transporte à reforma do Ensino Superior, dos sabores e a inocência da infância, à solidão dos idosos, aos relacionamentos e aos horrores do nazismo.

Não conhecíamos seu trabalho como contista e poeta, o que é mais uma surpresa.

Adilson nos surpreende com seus textos e com sua capacidade de comunicação e reflexão. E nos deixa cheios de orgulho, como educadores, em tê-lo no corpo docente da Universidade Santa Cecília. Como membros da comunidade ceciliana, partilhamos de sua alegria e realização pessoal por mais esta vitória, por este livro que agora se materializa em papel, mas que já existia na rede, sem contar alguns textos inéditos. Homem da tecnologia, Adilson Luiz Gonçalves permanece fiel à fascinação do livro e da escrita, como convém à humanidade.

Lúcia Maria Teixeira Furlani

Diretora-Presidente do ISESC/UNISANTA

Sete razões para ler este livro

A **primeira** é a tomada de posição. Aqui você não encontrará divagações ralas, amarelas, truísmos, idéias que mal escondem o medo da desaprovação. Ao contrário, o autor assume seus conceitos com firmeza; sabemos de que lado está. É um mérito em tempos de pensamento único e correção política.

A segunda é a nota memorialista. Reconheceremos sentimentos, quando não retratos e até personagens de um tempo que parece distante como uma era geológica. Felizmente não se trata do saudosismo choroso e doente – Ah, a grama era mais verde, o céu mais azul! Trata-se, sim, de uma alegre recomposição. Ao invés de queixas, lições para o dia a dia.

A terceira é o rebuscamento. Há exemplos? Aqui e ali. Há citações? Algumas. Mas são sempre pertinentes. Cumprem a função de fazer ressoar a idéia, avivar a impressão, dar contorno às imagens. É conhecimento que ensina, não erudição que oprime.

A quarta é o equilíbrio. Poucos têm tanta felicidade ao conjugar indignação e benevolência. O mais comum, ainda mais num livro de estréia, é que a primeira se sobreponha à segunda. Não é o que acontece aqui. Os vários aspectos de cada tema são considerados com moderação e equidade.

A quinta é o humor. Não a piada inoportuna ou o gracejo perdido no meio do pensamento – coerência sacrificada em nome da glória. No caso é um humor que apenas se insinua; aparece, não como fatalidade, mas como circunstância. Assim, por ser desprezioso, ele se engrandece.

A sexta é o envolvimento. Não nos deparamos com o sábio que pontifica sobre as questões da vida com ar distante e doutoral. Ao contrário, o autor se põe no meio dos textos, admite suas inseguranças e até ri de si mesmo. Pior para quem esperava um guru, melhor para quem busca identificação e cumplicidade.

A sétima é o tratamento literário. O confronto dos argumentos diluído na apresentação que envolve e agrada. O cuidado rítmico, a atenção às proporções, a busca da melhor palavra. E isso não só nos limites da crônica, mas também palmilhando os terrenos difíceis do conto e da poesia.

Feliz do leitor quando tem diante de si um livro em que o que dizer se casa com o bem dizer. Poderia dar vários exemplos de como isso acontece, mas paro por aqui. Para saber mais, será preciso ler.

Marcus Aurelius Pimenta
Jornalista, Escritor e Roteirista

ÍNDICE

Contos ... 11

À beira do regato	12
A noite eterna	16
A última cruzada	20
Outros quinhentos	24

Crônicas e Artigos ... 30

Maravilhas do mundo	31
Luz sobre a mesa	33
Graça da vida	35
O carteiro e uma história	38
Coisas do destino	40
Sinal dos tempos	42
Sede de cultura	44
Brevê poético	46
A alma do negócio	49
Ecos dos anjos	50
Estatua da vida	52
Viver com estilo!	54
Olhares, bocejos e sorrisos	56
Bilhões de sóis	58
Estupidez armada	60
Moinhos de vento	63
Portal do tempo	65
Amar é preciso!	67
O avesso da fé	69
O todo e a parte	71
Pelé eterno... e universal!	73
Hipótese Gaia	75
Tapetes Vermelhos	78
Pequenos milagres	80

Divinos e humanos dons	82
Autismo social	84
Cegueira da visão	86
Namoro e amizade	88
Mulheres de preto	90
Personalidade o'cultá	92
Brioques e a roupa do imperador	94
Salada mundi	96
A maior vitória de Senna	99
Ainda casa grande e senzala	101
Imagens e sons	103
Condomínio é difícil!	105
No escurinho do cinema	107
Bonsai de gente	109
Ventos e velas	111
Sobre almas e pilhas	113
As dimensões da vida	115
Um or gulho que não é pecado	118
Outros carnavais	120
"Catu plectu plin"	122
Germinal	124
Aversão ao novo	126
Anjos do cotidiano	129
Narciso, a verdade e a Torre de Babel	132
Fome de viver	134
Os 60 por um nos 40	136
Os dois príncipes	139

Poesias ... 146

Amar é preciso!	142
Não toques nos meus sonhos!	143
Caminhos da água	145

Flor-mulher	146
Sangria	147
Surreal	148
Magia	149
Memórias e sonhos	150
Pedido	151

Contos

À BEIRA DO REGATO

(2005)

Já eram cinco horas da tarde quando os peões, com todo o cuidado do mundo, colocaram o velho fazendeiro numa das cadeiras de palha trançada que existiam no alpendre da casa principal da propriedade. A viagem de volta da cidade havia sido cansativa e o filho mais novo recolheu-se para descansar um pouco. Os outros dois haviam ficado na cidade, acertando os detalhes para os próximos meses de tratamento.

O AVC havia sido devastador e definitivo! Os médicos acreditavam que a depressão que se seguiu à perda de sua amada esposa, poucos meses antes, era, em grande parte, responsável pelo desenlace. Ele havia perdido os movimentos das pernas, do braço esquerdo e a fala. Apenas o braço direito havia mantido condição suficiente para permitir que escrevesse e, assim, comunicar-se. Assim, na mesa ao lado da cadeira já estavam: caneta, um bloco de papel e uma sineta, para chamar os empregados. No lugar da aguardente “especial”, do alambique da fazenda, um aparelho de chá, para acompanhar os comprimidos da noite.

Uma criada insistiu em sentar ao seu lado, mas ele a dispensou, em gestos e por escrito, junto com um leve sorriso. Não queria ninguém sentado no lugar de sua amada, que ali sempre o acompanhara nas noites calmas, sorvendo a mesma xícara de chá que estava ao seu lado, em meio a animadas conversas sobre o dia a dia, as “artes” e conquistas dos filhos, os negócios da fazenda e novos projetos, que nunca deixaram de fazer juntos.

Eles haviam se conhecido bem jovens, quando um só tinha sonhos e carinho para oferecer ao outro. Isso lhes bastou para unirem suas vidas e partirem em busca de um lugar onde pudessem concretizar seus projetos.

Começaram com um pequeno sítio e muito trabalho, sempre honesto e compartilhado.

A propriedade era, então, pequena, mas tinha um regato onde costumavam banhar-se, namorar sob a frondosa árvore à beira, assistir ao belíssimo pôr-do-sol e sentir a brisa suave da noite envolver seus corpos. Acreditavam que todos os seus filhos haviam sido gerados ali e, como tributo a essa felicidade, plantavam um girassol para cada nascimento...

Com o tempo, prosperaram e criaram seus filhos, como pessoas dignas, alegres e conscientes.

Ele era o homem do campo, comandando camponeses, peões e máquinas. Ela era a responsável pelas finanças e pela educação das crianças. Uma sociedade perfeita permeada por um amor sincero e contagiante. Mas nem só de trabalho e responsabilidade eles viviam: os domingos e feriados eram dias festivos! Todos, inclusive os trabalhadores, reuniam-se para a missa. Depois vinham: a pescaria, brincadeiras, um farto almoço, onde cada um levava a sua especialidade, e, para terminar, modas de viola.

Os filhos cresceram... As terras também! Passavam de onde a vista podia alcançar. Mas o regato ainda era seu lugar preferido. Nem a idade havia diminuído o prazer que ainda sentiam em repetir aquela deliciosa rotina. Só que agora precisavam cavalgar para chegar até lá. Ela montava como uma “valquíria”! Ele sentia um misto de orgulho e desejo ao contemplá-la a galope.

Eles, ingenuamente, acreditavam que aquele era um segredo deles, mas qualquer peão, lavrador ou empregado da casa, quando os via partindo, quais adolescentes, sorria e pensava: “Tá na hora da safadeza!”.

Mas o mesmo coração que não se continha de amor por ele e pelos filhos, a levou, numa noite de sono tranqüilo, deixando-o viúvo, inconsolável, “órfão”, incompleto... Depois do enterro ele nunca mais foi até o regato.

Depois do retorno do hospital, a recepção havia sido calorosa, mas ele agora estava no alpendre, sozinho, vendo o sol descer à linha do horizonte... Seus olhos iam marejar, como sempre ocorria nessa hora, havia meses, mas seus olhos brilharam ao contemplar os cavalos no cercado próximo. Ali estavam apenas os dois que eles usavam em suas “fugidas”.

Ele tomou a caneta, com a agilidade que lhe era possível, e escreveu por algum tempo, após o que soou a sineta. Vários empregados acudiram imediatamente, mas ele apontou apenas para um deles, seu mais fiel e antigo companheiro, dispensando os demais. Quando estavam sós, ele entregou-lhe o papel, que o leu em silêncio.

O peão balançou a cabeça, com cara de espanto e desaprovação, mas ao olhar para o patrão o viu, pela primeira vez em vários meses, com um largo sorriso no rosto.

Os empregados já estavam se recolhendo as suas casas simples, mas confortáveis e sempre alegres. Uma agradável mistura de cheiros, de mato e comida caseira, era trazida pela brisa do início da noite, quando o peão chegou com o cavalo do patrão e um pequeno alforje.

- Mas o senhor não está em condição de cavalgar! Deixe isso para outro dia. – ele ainda insistiu.

O fazendeiro acenou-lhe com outro papel...

“Não há com o que se preocupar. Sente-se e tome um chá comigo, meu amigo!”.

O peão, ainda matutando o que faria para demover o velho fazendeiro de sua idéia, obedeceu.

O recado seguinte foi bem claro: “Ajude-me a montar!”.

Com a expressão mais obediente e matreira do mundo, o peão cumpriu as ordens.

Pelas limitações físicas, ele não tinha firmeza para manter-se sobre a cela, por isso enrolou a alça do alforje na mão boa e abraçou o pescoço do cavalo. Este pareceu sentir aquilo como um humano sentiria o abraço de um velho amigo. Uma leve palmada nas ancas, dado pelo peão, e a lembrança daquela paisagem e hora do dia fez o animal iniciar o galope na direção que nunca havia sido esquecida. No cercado, um outro cavalo – o que era de sua esposa - assanhou-se e, após algumas voltas, saltou com vigor prodigioso, para juntar-se à dupla, como costumavam fazer. Ao passarem entre as casas, algumas pessoas devem ter pensado, inconscientemente: “Ta na hora da safadeza!”.

Do alpendre, o peão olhava aquilo com admiração. Não acreditava no que seus olhos viam! Talvez por isso sua vista estivesse ficando turva...

O dia amanheceu...

Os filhos que estavam na cidade chegaram e estranharam ver o “tio”, maneira carinhosa como chamavam o peão, aboletado numa das caldeiras do alpendre. Acordaram-no e ele, agitado, contou o que havia acontecido.

O filho mais velho, médico, olhou para o recipiente de remédio vazio e para a xícara de chá e sentenciou: - O pai pôs você para dormir com o calmante dele!

Enquanto o peão corria, ainda cambaleante, a buscar a camionete, o irmão mais novo foi acordado. Em poucos minutos os quatro estavam a caminho do regato, pois ninguém tinha dúvida do destino daquela cavalgada.

A primeira coisa que avistaram foram os cavalos que, calmamente, bebiam a água fresca e cristalina. Apearam perto deles.

Mais adiante estavam os quatro girassóis. Cada um reconheceu o seu, bem como o quarto, que seu pai havia plantado sobre a sepultura de sua mãe, ao lado da árvore onde costumavam namorar.

- Mas onde está o pai? – se perguntaram, entreolhando-se.

O peão apontou para um rastro que saía dali e parecia contornar a árvore. Eles o seguiram até encontrar o corpo do pai, já há muito sem vida.

No bolso da camisa o mais novo encontrou um papel, que passou, emocionado a ler:

“Não culpem o ‘tio’ por isso. Ele sempre teve bom coração, mas eu sempre fui mais ladino! Eu só quis voltar a ver o pôr-do-sol com a minha amada, como sempre fazíamos: juntos! Então, resolvi ficar do lado dela e com vocês sempre por perto”.

A expressão no rosto do pai era de uma profunda paz e felicidade. Ao seu lado, o alforje aberto exibia algumas sementes de girassol e uma pequena pá. Foi então que notaram, perto da sepultura, a terra revolvida, que denunciava um plantio recente...

A NOITE ETERNA

(2005)

Jonas teve o mesmo sonho:

Anjos vieram buscar mais um deles, que havia atingido a idade de vinte e cinco anos. Aquilo era natural e todos já esperavam por isso, pois, desde a infância, o sistema de aprendizagem os havia preparado para esse momento. Aprenderam que depois da noite eterna, com suas poucas estrelas móveis, todos encontrariam uma luz que nunca haviam visto. Mas nesse sonho houve algo diferente: um dos anjos voltou e postou-se ao seu lado.

Jonas estranhou, pois ainda não era seu momento. O anjo tocou sua fronte por algum tempo e disse, calmamente: - Quando acordar, você estará livre, mas não se assuste nem haja estranhamente. No momento certo eu lhe direi o que fazer -. Depois de outro toque, Jonas mergulhou, novamente, em sono profundo. Quando acordou, tudo parecia igual. Parecia...

A vida ali era metódica: após receberem os suprimentos de luz e nutrientes todos iam para a sala de atividades. Lá, cada um tinha seu supercomputador e tarefas para executar.

A cada tarefa concluída, feitos todos os testes de consistência, uma transmissão automática era feita e, imediatamente depois, o arquivo eliminado. Os olhos se fechavam, num lapso de sono, e tudo era esquecido, após o que a tela exibia uma nova tarefa: sempre um novo desafio científico!

Jonas era um dos mais produtivos. Afora os lapsos de sono entre tarefas, não sentia cansaço, mas, apenas, sensações de frio ou calor no corpo. Mas, havia algo errado: sua senha era recusada e ele não conseguia acessar o programa principal!

Subitamente, ele sentiu uma vibração na têmpora e espasmos musculares. Surpreso com essas sensações, olhou ao redor até fixar o foco na companheira ao lado. Ela sempre estivera ali, mas ele nunca havia notado seus contornos que, sem explicação aparente, despertavam alterações biológicas com as quais não estava acostumado, estranhas...

Ele já estava meio confuso, quando uma voz familiar, que parecia vir de seu próprio cérebro, interferiu: - Jonas, você me ouve?

- Sim! – ele respondeu. Reconheceu a voz do anjo!

- Digite “Prometeus”, no lugar da senha.

Jonas hesitou. Já estava acostumado há anos com uma rotina imutável e aquilo fugia totalmente ao padrão.

A voz do anjo o exortou: - Jonas, você está livre! Você sentirá muitas coisas novas, boas e ruins. Sei que você deve estar confuso, mas deve aprender a lidar com ambas o quanto antes, pois são humanamente normais. Agora, faça o que eu disse!

Aquilo não tinha absolutamente nada de normal para Jonas, mas era novo: um desafio que se afigurava mais interessante do que os complexos cálculos e simulações que fazia com desenvoltura.

Quando a tela da rotina “Prometeus” se abriu, ele passou a acessar todos os dados disponíveis, mas a velocidade com que operava foi sendo gradualmente reduzida na medida em que avançava na pesquisa. Ao fim de trinta longos minutos, sentiu cansaço físico e mental, sensação que desconhecia, como se tivesse acordado de um longo pesadelo, que nunca tivera.

Descobriu que “Prometeus” era um grupo de seres humanos de inteligência superior, selecionados por critérios genéticos, isolados e aprimorados desde a infância em Física, Química, Biologia, Psicologia e Matemática. Sua finalidade era estudar e resolver problemas científicos complexos e, a partir deles, desenvolver tecnologias e procedimentos inovadores. Para tanto, além do aprendizado intensivo, era necessária concentração total, potencializada e otimizada por estimulantes. As sensações de frio e calor que sentia decorriam da injeção automática de substâncias em seu organismo. Outro fator que contribuía para a produtividade era a absoluta abstenção de estímulos sensoriais “deletérios”, obtida mediante um chip de comportamento implantado na têmpora de cada elemento do grupo. Esses dispositivos anulavam, química e eletricamente, qualquer sensação de fome, medo, cansaço, sono, libido...

Jonas era um ser humano sem emoções: um computador biológico! Ou, ao menos, fora até aquele dia. Pertencia à décima geração do projeto, que já tinha em seu histórico de produtos: esterilização em massa, condicionamento comportamental, melhoria genética, agentes biológicos letais, longevidade... O mais est arrecedor era que os estudos eram feitos como jogos, sem que o objetivo final fosse declarado.

Longevidade? Mas e os vinte e cinco anos? – pensou Jonas.

A resposta veio na tela seguinte: Efeitos colaterais de “Prometeus”.

Dias seguidos e prolongados de trabalho, sob estímulos artificiais, e o controle comportamental reduziam a “vida útil” dos indivíduos a vinte e cinco anos. Seus corpos e mentes eram consumidos até a falência orgânica! Era quando os “anjos” vinham buscá-los!

Mas quem era o artífice ou se beneficiava disso tudo?

Quando esta pergunta o fez interromper a pesquisa, a voz esclareceu: - O “Conselho dos Doze” deu origem ao projeto.

- Com que objetivo? – Jonas perguntou.

- Antes de vocês, a situação do planeta era caótica: poluição ambiental, guerras, superpopulação, fome, epidemias...

- Por que não nos propuseram o problema global, em vez de partes dispersas e disfarçadas?

- Queríamos poder! E longevidade, para exercê-lo.

“Queríamos”?

Jonas estava aturdido! Os novos sentidos, a ciência do que realmente era e fazia, mesmo que involuntariamente, o sentimento de culpa e o fato de estar falando com um de seus algozes o levaram a um limite que ele nunca havia experimentado. O único pensamento que lhe veio à mente foi fugir daquilo tudo...

- Eu quero a noite eterna! – murmurou.

- Tem certeza? – disse a voz, inalterada, como se esperasse por aquela decisão.

- Sim, quero deixar de existir!

- De certa forma, para eles você não existe mais... – ouviu. O tom dessa frase era algo irônico, mas passou despercebido a Jonas.

O conselheiro, então, guiou Jonas por corredores e compartimentos que ele desconhecia, até uma porta transparente, que dava acesso a um cubículo mínimo, onde cabia apenas uma pessoa, anatomicamente. Ao entrar e ajustar-se, já preparada para sua morte precoce, a porta fechou-se hermeticamente. Jonas sentiu uma leve fisgada no braço, seguida de um rápido entorpecimento. Ali estava seu fim e aquele era seu ataúde, pensou. Mas, em vez de desfalecer, sentiu-se como nos sonhos. Após um solavanco abrupto, a noite eterna o envolveu, com suas luzes móveis. A diferença é que elas pareciam mais próximas e iluminavam vultos atrás delas, que as acompanhavam em suas órbitas incertas.

Lentamente a pequena cápsula iniciou seu percurso ascendente, deixando a fossa abissal onde a base do projeto era mantida em segredo absoluto. A droga injetada em seu braço fora sintetizada por ele numa de suas pesquisas. Ela evitava qualquer efeito deletério da variação de pressão no corpo humano, mesmo numa emersão rápida. Era assim que os anjos faziam a mesma viagem.

Quando o veículo chegou à superfície, ao ver a luz do dia e sentir o suave balanço das ondas, Jonas pensou estar no paraíso.

A cápsula foi resgatada pela nave do conselheiro. Ele, que também saía de veículo semelhante, abriu-a e despertou o jovem daquele torpor: - Jonas!

Ainda sob efeito da droga, mas surpreso e decepcionado, murmurou: - Não quero mais fazer isso! Eu quero a morte!

O homem tomou paternalmente o adolescente no colo e disse, sorrindo: - Você a terá, meu jovem! Mas, naturalmente e no tempo certo. – Depois, com um brilho de astúcia no olhar, prosseguiu: - Quanto a não fazer mais isto, não se preocupe! De agora em diante você vai me ajudar a desfazer muito do que foi feito.

A nave partiu em direção à Grande Cidade.

Havia chegado com um ocupante e agora retornava com dois, mas o sistema global de rastreamento continuava a indicar apenas um!

Jonas, desconectado, livre, embora vivo era, agora, qual um fantasma: invisível aos controles, mas apto a manipulá-los. Esse era um novo desafio, que aguçou seus sentidos!

A noite chegou e ele sabia que aquela escuridão não seria eterna. As estrelas também em nada lembravam os organismos abissais luminosos.

Jonas teve sono...

A ÚLTIMA CRUZADA

(2005)

Depois de incontáveis ataques terroristas e guerras pontuais, o fundamentalismo religioso, estrategicamente apoiado pelo poder econômico mundial, havia assumido o poder. O ódio entre cristãos e muçulmanos havia atingido níveis alarmantes a ponto de ser ensinado oficialmente nas escolas e templos religiosos.

A exibição pública de símbolos religiosos, para quem era minoria, passou a ser um ato de elevado risco e os poucos que permaneceram em territórios “hostis” foram confinados em guetos. Quem se arriscava a circular fora desses limites era submetido, no mínimo, a humilhações, mas multiplicavam-se os casos de agressão física, sádica e assassina, que lembravam os obscuros tempos do nazismo. A censura rígida só permitia a leitura de livros religiosos autorizados, o que não incluía os livros sagrados de outras religiões. A ignorância e o ódio eram cultivados como um insano e lucrativo negócio. Nem mulheres e crianças eram poupadas!

As notícias da escalada de desrespeito e violência eram usadas pelos líderes como fermento para incitar ao revide igualmente covarde, que atingira seu estágio mais “puro” e irracional. O patrulhamento ideológico-religioso era intensivo.

Todos estavam armados até aos dentes com o que havia de mais sofisticado, tecnologicamente. Aliás, os únicos estrangeiros bem-vindos eram os mercadores e instrutores da morte: a indústria bélica! Estes eram mais protegidos que os próprios cidadãos e vistos como emissários divinos, capazes de assegurar o poder secular necessário à vitória física definitiva, já que a supremacia religiosa era tida como inquestionável, para ambos os lados.

Havia discursos de paz vindoura, pós-apocalíptica; promessas de paraíso repetidas à exaustão, por toda parte, mas condicionados ao aniquilamento dos adversários. E todos eram condicionados para acreditarem estar física e espiritualmente prontos para fazê-lo. Assim foi que os líderes das partes reuniram-se e decidiram promover um combate aberto, com data e hora marcada: um confronto final!

O emissário cristão o chamou de “A Última Cruzada”, enquanto o muçulmano a batizou de “A Última Jihad”, pois ambos acreditavam que nela seria decretada a destruição absoluta dos “infiéis”, ou seja, dos outros.

O poderio das partes era assombroso! Espiões e agentes duplos já o haviam constatado, mas o uso de armamentos de destruição em massa poderia tornar áreas inabitáveis e comprometer fontes de matéria-prima. A “pilhagem dos justos” seria prejudicada! Na partilha dos despojos todos demonstravam clara lucidez materialista, contrastante com o fanatismo religioso dos discursos ao povo, que só recebia informação autorizada, controlada, oficial.

Decidiram, então, que o confronto seria de infantaria, numa noite sem luar, numa área plana e desértica. Somente homens contra homens, todos treinados para tirar vidas sem piedade, entregues e devotados ao que lhes ensinaram ser a “vontade divina”!

Cada parte acreditava que sua fé, única verdadeira, seria correspondida com uma luz interior, que iluminaria seus soldados, enquanto uma luz sobrenatural exporia e tornaria frágeis seus inimigos. Nos termos do nefasto acordo, ficou acertado que os derrotados teriam duas opções: conversão ou morte! Mas as lideranças seriam poupadas e tratadas com distinção e cordialidade, como nos antigos embates medievais, onde tudo havia começado.

O destino de milhões foi, então, selado com um brinde de água!

Quanto o fatídico dia chegou, Gabriel, cristão, trazia um crucifixo no peito e um fuzil automático de última geração nas mãos. Do outro lado, Ahmad, muçulmano, tinha trechos do livro sagrado também junto ao peito e igual armamento. Todos já haviam feito suas orações pedindo a benção da vitória ou um lugar no paraíso, se tombassem. Aguardavam, tão somente, a ordem de ataque.

Ambos faziam parte do pelotão de vanguarda, pois eram soldados experientes. Também tinham em comum o fato de já haverem perdido vários entes queridos, enquanto atacavam os de outros. Sentiam a força do condicionamento guerreiro, o ódio do preconceito religioso inculcado desde cedo, mas, também, um imenso e doloroso vazio. O mesmo vazio que seus óculos de visão noturna mostravam no campo à frente, onde logo iriam batalhar. Estavam ali para cumprir ordens definitivas: matar ou morrer em nome de sua “fé”!

Rezavam pelo mesmo Deus, mas não tinham a menor noção disso!

Nas cidades, cientes da iminência daquele embate decisivo, mulheres olhavam os retratos de seus maridos e filhos, alguns mortos, outros prestes a morrer. Olhavam também para seus filhos e netos pequenos, desde cedo habituados a brincar com armas e prestes a serem iniciados no ódio. Já não tinham mais lágrimas para derramar e estavam cansadas de serem culpadas e vítimas de todos os males do mundo, desde a origem dos tempos.

Maria, cristã, esposa de Gabriel, e Samira, muçulmana, mulher de Ahmad, além de todas essas aflições, ainda tinham outro duplo temor: estavam confinadas em guetos e não sabiam o paradeiro de seus homens.

Subitamente, as luzes se apagaram e uma grande tempestade desabou sobre o mundo... Apenas o campo de batalha parecia poupado!

A escuridão era total e o ruído da chuva, ensurdecedor. Inexplicavelmente, talvez fruto do desespero, as mulheres sentiram ímpeto de ir para as ruas e caminharem sem destino, pedindo a Deus pelo fim de todas essas agruras. O ato foi repetido por outras milhões, que em meio àquela total escuridão sentiram mãos se encontrarem. Sem explicação, elas ajoelharam e iniciaram uma prece comum, silenciosa e profunda. Foi quando a chuva intensa somou-se um vento avassalador, que as fez deitar, sempre de mãos dadas, para não serem arrebatadas.

Pressentindo o momento do ataque, Gabriel e Ahmad abriram seus livros sagrados nas páginas indicadas pelos oficiais religiosos para aquele dia. Já sabiam as palavras por memória, mas haviam sido instruídos a lê-las à exaustão, sempre associadas aos sentidos que lhes ensinaram, para não titubear. Elas descreviam o paraíso reservado para os fiéis.

Subitamente, uma brisa repentina, de direção improvável, folheou os livros até que suas mãos detivessem as páginas. Para ambos, e para todos os que, obedientes, repetiram a ordem de leitura, os dedos tocaram nos escritos que falavam da origem da humanidade, sobre a criação do ser humano à imagem e semelhança de Deus.

Suprema contradição: eles estavam ali para destruir a maior obra divina!

De repente, todas as comunicações eletrônicas cessaram... Os sistemas dos óculos de visão noturna sofreram pane, os mecanismos eletrônicos de disparo travaram. A escuridão era total e não havia nenhuma referência.

Um grande alarido foi surgindo entre os combatentes... Uns gritavam: “Deus seja louvado!”, enquanto outros bradavam: “Alá é grande!”. Assim, “cegos” e aos brados, milhões de “defensores da fé” partiram para o imponderável...

Mas, quando o corpo-a-corpo teve início, era impossível identificar quem era o oponente. Não havia espaço para estocar baionetas. O caos era total e ninguém sabia se avançava ou recuava.

Foi quando a brisa transformou-se numa intensa tempestade de areia, que arrancou capacetes e arrebatou armas.

Quando os primeiros corpos também ameaçaram ser carregados, foram contidos por mãos desconhecidas. Então, instintivamente, todos se deitaram,

de mãos dadas, usando os corpos uns dos outros para protegerem-se do vento e da areia.

As tempestades, na cidade e no campo de batalha, prosseguiram, intensas, até a alvorada, quando o sol, como em todos os dias, distribuiu sua luz para todos os povos da Terra, sem distinção de raça ou credo.

A claridade da manhã, que muitos não esperavam mais ver, acordou homens e mulheres de um sono comum. Estes, ao recuperarem os sentidos, perceberam que ainda estavam de mãos dadas: cristãos e muçulmanos, e que haviam orado juntos e salvo vidas, mutuamente, em vez de extingui-las, como ordenado. Foi assim com Maria e Samira, com Ahmad e Gabriel, e com milhões de outros.

Houve, então, um grande pranto, mas de reconciliação!

Todos se abraçaram como irmãos, louvando a Deus! Não havia sangue na terra, mas ele circulava como nunca, nos corações!

A tempestade, que arranca, uniu! As trevas restituíram à luz! A humanidade reencontrou o caminho da paz, libertando e compartilhando a “terra santa” dos corações!

Assim foi a última Cruzada! Assim foi a última Jihad!

OUTROS QUINHENTOS

(2005)

Era o início do ano 2000 e o grande diretor português resolveu aproveitar os quinhentos anos do descobrimento do Brasil para fazer um grande épico, em louvor ao espírito desbravador do povo lusitano.

Sua idéia era repetir o grande êxito alcançado com a obra anterior: a epopéia de Vasco da Gama, mas sem os pequenos contratemplos daquela. Afinal, os naufrágios e desaparecimentos de figurantes na seqüência do Cabo das Tormentas, não chegaram a atrapalhar o resultado final. – Vão processar o Gigante Adamastor! – foi o que afirmou aos que queriam indenização. No mais, os “Tamancos de Ouro”, “Oscar” do cinema luso, estavam muito bem dispostos na sala de estar de sua casa; especialmente o de efeitos especiais, pois o júri ficou estupefato com as cenas de naus a pique e afogamentos: Pareciam verdadeiras! Só estranharam o fato de que alguns dos que se afogavam, em vez de clamarem aos céus por suas almas, como indicava o roteiro, pareciam dirigir impropérios a alguém... “O cinema-de-arte é pleno de ousadia. Estamos a inovar!”, devem ter pensado.

A idéia do diretor era encenar a saga do descobrimento do Brasil, com um realismo nunca dantes exibido e precisão absoluta. A idéia de transmitir ao vivo logo lhe veio à mente:

- Sim! Isto fará de mim um cineasta do quilate de Bertolucci ou Costa Gravas. Cuida-te, ó Spielberg! – exclamou, cheio de entusiasmo.

Mas os custos de produção preocuparam seus financiadores.

- Precisamos dividir esses custos! Que tal fazer uma parceria com os brasileiros? Podemos oferecer-lhes os direitos de transmissão para as ex-colônias. Afinal, eles também estarão a comemorar está data, ó pá! – sugeriram.

Seus olhos brilharam ao imaginar índios de verdade participando da encenação, todos pelados, como o homenzinho da estatueta de Hollywood, que ele já imaginava a calçar os tamancos que já tinha em casa... Daria até para fazer umas cenas picantes...

- Feito! Esta vai ser a película mais bestial da história do cinema português.

No Brasil, poucos dias depois, a produtora selecionada recebeu o roteiro e orientações cenográficas. O diretor descrevia os cenários que

desejava, a quantidade de índios, os animais silvestres que comporiam a paisagem... Dava ênfase especial para que a reconstituição de época fosse perfeita! Queria veracidade absoluta e, para tanto, sugeria que os figurantes fossem submetidos a um laboratório, com estudos sobre o período histórico. Segundo ele, isto despertaria, neles, admiração pelo passado lusitano. Até a leitura de “Os Lusíadas” foi indicada!

A produção brasileira contratou, então, um especialista em história do descobrimento e do período colonial brasileiro, e passou a arregimentar índios das tribos mais próximas do local escolhido para as filmagens, próximo da Baía Cabrália, na Bahia.

Os indígenas mais idosos recusaram-se a participar da encenação, sem explicar muito sobre seus motivos. No entanto, os mais novos, a maioria participante de projetos de preservação da cultura indígena, mas, também, estudantes regulares das escolas convencionais, ficaram curiosos com a possibilidade de mostrarem sua cultura.

Tudo acertado, a equipe de produção e o historiador contratado chegaram ao núcleo onde todos os indígenas haviam sido alojados. Inicialmente, foi feita uma explanação sobre o projeto lusitano. Em seguida procedeu-se a leitura do roteiro, com ênfase para as cenas em que os índios participariam. Por último, foram apresentados os figurinos: basicamente cocares e armas.

- Nós vamos atuar nus? – perguntou um dos mais novos, em meio a risos contidos de uns e olhares assustados de outras.

- Era assim que os antepassados de vocês viviam naqueles tempos. – confirmou o historiador.

- Vocês devem encarar isso como uma encenação artística, sem nenhuma segunda intenção. – complementou o chefe da equipe de produção local.

Só que o caldo entornou quando anunciaram a seleção de algumas mulheres para as cenas mais picantes com os desbravadores portugueses...

- O quê? Isso é um filme histórico ou a próxima edição do *Big Brother* Portugal? – gritou um dos mais atuantes do grupo.

Para conter o início de tumulto, o historiador anunciou, para o dia seguinte, o início dos estudos históricos. Ele trouxera farto material sobre o assunto. O sono e a curiosidade venceram esse ímpeto inicial e todos foram dormir.

No dia seguinte, foi feita a releitura do roteiro e iniciada a leitura de “Os Lusíadas”, considerada indispensável pelo diretor português. Um dos índios achou que Camões exagerara um pouco na maneira como descrevera os

episódios. O historiador disse, ironicamente, que isso era natural, pois nessa época aquele autor já estava cego de um olho... Os trabalhos foram avançando e, até que chegou o momento de descrever aspectos dos descobrimentos e dos primeiros povoados lusitanos no Brasil. A presença dos jesuítas e sua proposta de evangelização também foram enfatizadas.

O historiador ficou surpreso com o nível de atenção e curiosidade de sua platéia, bastante superior ao que encontrava nos ambientes universitários. Fazia sentido, pois era uma história que havia afetado definitivamente a deles, própria, até então senhores destas terras e partícipes de seu equilíbrio.

Quando ele terminou sua apresentação, certo de haver cumprido suas obrigações contratuais, foi surpreendido por um simples e direto: - E depois? – proferido por um dos indígenas.

Ele olhou em volta e percebeu que todos esperavam, em silêncio, por sua resposta.

- Nós não éramos os donos da terra? Então eles a tomaram de nós, certo? – questionou outro.

- Quantos índios existiam naquela época? Ouvi falar em alguns milhões... – ponderou uma adolescente, na primeira fila.

- Se os jesuítas tratavam os índios bem, por que os portugueses os expulsaram do Brasil? – inquiriu outro. E assim, várias perguntas foram surgindo, até que o historiador fez um sinal pedindo calma, no que foi prontamente atendido. Pegou alguns livros que estavam num baú e sugeriu que fossem formados grupos de estudo. Os livros foram distribuídos e ficou acertado um debate para o dia seguinte.

E veio o dia do debate...

Por volta de duas horas da manhã, o chefe da equipe de produção brasileira foi acordado, com batidas na porta de seu alojamento. Ao atender, ainda sonolento, divisou o historiador, acompanhado por alguns indígenas.

- Podemos conversar por um minuto? – pediu o historiador.

A conversa terminou pela manhã, mas ninguém parecia sonolento. Após o café, todos da equipe de produção iniciaram contatos telefônicos e montagens nos galpões. À tarde, um engenheiro chegou ao núcleo, indo direto para os galpões, onde o historiador já estava. Nem tiveram tempo de observar melhor as danças tribais, que estavam sendo ensaiadas pelos indígenas do jeito que vieram ao mundo, aliás, como viviam seus antepassados. À noite, todos se reuniram, para mostrar e avaliar os resultados obtidos. O núcleo foi tomado por um clima de ansiedade, afinal, faltava apenas uma semana para a chegada das naus de Pedro Álvares Cabral. O *set* da praia era o mais movimentado...

No alto do mirante, no mastro principal, o tal que alguns dizem ser o caralho, o ator já se preparava para gritar o indefectível “Terra à vista”, quando um atobá, satisfeito depois da degustação de boa pescaria, o alvejou, sem dó, com uma densa e volumosa gosma fisiológica. O infeliz marinheiro nem teve tempo de fechar a boca...

A série de impropérios que proferiu, transmitida ao vivo, só foi interrompida quando o dito cujo ouviu, pelo ponto eletrônico em seu ouvido, outra quantidade deles, endereçada a ele: - Estamos ao vivo, sua besta! E tua mãe não tem nada a ver com isto... – berrava o diretor, com proverbial “sutileza”. – Diz a fala ou vais te juntar aos desaparecidos do filme anterior!

Enquanto isso, no convés, “Cabral”, que já havia posto os bofes para fora por metade da viagem, lamentava, em pensamento: “Travessia por travessia, Cabral por Cabral, era melhor estar a filmar a viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral... De caravela ou hidroavião, íamos chegar por mar do mesmo jeito!”.

Lá estava o Monte Pascoal! No dia seguinte estariam em terra. No porão das caravelas a agitação era total. Em terra as equipes de filmagem da produção brasileira, de terra e aéreas, já estavam prontas. O diretor havia adorado as imagens dos ensaios do núcleo, enviadas pela Internet. Uma indiazinha, particularmente, já havia chamado bastante sua atenção. Sentia-se, de fato, o próprio comandante da esquadra, pronto para conquistar, novamente, as terras de Vera Cruz para El-Rei.

“Isto vai inflar tanto o orgulho dos patrícios, que vão espocar por todos os lados. Ai, Jesus!” – imaginou. Tinha lá seus motivos para acreditar nisso, afinal, as transmissões vinham batendo recordes de audiência na “Santa Terrinha”.

Enquanto isso, na noite anterior à encenação do desembarque, um índiozinho, deitado em sua cama, lembrava do debate dos grupos, na semana anterior: seus antepassados haviam sido dizimados, escravizados, contaminados, corrompidos e violentados impiedosamente. O comentário, tristemente irônico, do historiador também passeava em sua mente: “Os jesuítas falaram de Deus para os nativos. Já os conquistadores providenciaram um encontro pessoal com Ele, para os que não se submeteram aos seus intentos de dominação”.

As caravelas já haviam recolhido suas velas e fundeado. Os barcos já se aproximavam da praia, que começava a ser ocupada por indígenas curiosos, na maioria mulheres e crianças. A sensualidade era natural, inocente, como nos tempos de antanho.

A transmissão atingia índices próximos de 100%, afirmavam, a todo instante, os geradores de caracteres das emissoras da “Metrópole”.

Fora do alcance das câmeras, uma multidão de curiosos observava as filmagens. Escondido entre as árvores, o diretor coordenava, por rádio, os próximos passos da encenação do lado lusitano. Um pouco mais atrás, o historiador e o chefe da equipe de produção mantinham o olhar fixo na praia, e o rádio pronto para ser acionado...

Quando todos os portugueses desembarcaram, o chefe da equipe brasileira acionou o rádio e comandou: - Agora!

Para surpresa dos atores lusos, dezenas de índios surgiram do solo, puxando cipós escondidos na areia! Entoando gritos de guerra ensurdecedores e assustadores, os indígenas passaram a voltear os intrépidos navegantes, imobilizando-os em poucos segundos. Ao mesmo tempo, um outro grupo indígena lançou suas canoas ao mar e, com poucas remadas, alcançou as caravelas ao largo. Á bordo, a equipe técnica não entendeu nada, até que começou a ser lançada ao mar pelos bárbaros habitantes daquelas terras pagãs.

Em terra, os invasores, refeitos do susto inicial, já gritavam palavrões e ameaçavam reagir. Foi quando as meninas e as crianças jogaram as sementes e frutas que traziam sobre eles...

- Mas o que é isto, agora? – gritou o “Cabral”.

A resposta veio com uma revoada de araras, que passaram a bicá-los em busca das sementes e frutas. As mais rápidas e satisfeitas já se aliviavam ali mesmo...

Os telespectadores lusitanos assistiam, boquiabertos, aquela sucessão de descabros históricos. Alguns se engasgaram com o bacalhau e tiveram que ser socorridos. “Mas onde está o respeito?”, era o pensamento comum.

- Já basta de bosta! – ouviu-se, na praia, um coro camoniano. Mas o golpe de misericórdia já estava a caminho:

Centenas de cocos, lançados por catapultas escondidas atrás das árvores, atingiram com precisão os heróicos navegantes, inclusive os que haviam entrado em cena sem os trajes adequados: os da equipe técnica de bordo, que tinham nadado até a praia, depois do mergulho forçado.

O público brasileiro, tanto o que assistia a pouca distância, como o que via pela televisão, inicialmente, acordou. Depois, duvidou no que via. Mas, aos poucos, passou a torcer e comemorar os desdobramentos das cenas.

Os telefones começaram a tocar e quem não estava assistindo, sintonizou os canais que transmitiam.

O diretor português correu para a praia, logo no início da investida indígena, desesperado. Só se acalmou quando um coco certo atingiu suas

partes pudentes. Já o historiador e a equipe técnica brasileira, comemoravam cada nova etapa bem sucedida como um gol em final de Copa do Mundo.

Ao fim de quinze minutos de ação alucinante e fulminante, as caravelas ostentavam cocares, que tremulavam no lugar das flâmulas reais. Em terra, os invasores, amarrados e ainda atordoados, eram circundados pelos indígenas, que dançavam rituais de vitória. Alguns índios abriram uma faixa nas areias, com os dizeres: “A gente não cai nessa de novo!”. Depois, os atores foram tirados do laço comum e, um por um, despidos. Em seguida tiveram seus pulsos e tornozelos amarrados, de forma que pudessem ser transportados, pendurados em varas.

O “Cabral” repetia, irado: - Isto não estava no contrato! Vou processar este diretor filho de uma...

O celular do chefe de equipe brasileira tocou...

Depois de desligar, eufórico, ele abraçou o historiador e, aos brados, comemorou: - Recorde de audiência no Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde... Está chovendo telefonemas e *e-mails* de felicitações e perguntando se vão reprisar o último capítulo!

O público local abandonou sua posição de espectador e foi comemorar junto com a equipe e os índios. A festa na praia só foi interrompida quando os indígenas pediram licença para carregarem seus “troféus” para a “aldeia”.

Quando já caminhavam, enfileirados, aplaudidos pela assistência, o historiador, rindo de se contorcer, falou: - Pô, pessoal: a gente já se divertiu bastante com o que planejamos, mas essa brincadeira que vocês inventaram, de imitar tribo antropófaga é de rachar o bico...

Retribuindo o riso, os indígenas responderam, em coro: - Mas quem disse que nós estamos brincando?

Liderando a “bicha”, o diretor português silenciou, empalideceu e, depois de engolir em seco, balbuciou: - Ai, Jesus!

Crônicas e Artigos

MARAVILHAS DO MUNDO

(Fev./2005)

Estive, recentemente, em visita à Foz do Iguaçu, no Paraná. Lá, tive a oportunidade de conhecer, pessoalmente, duas maravilhas consagradas: uma da natureza, esculpida por Deus, e outra da Engenharia, construída por seres humanos, com a sabedoria que Deus lhes deu.

A visão das cataratas nos causa um misto de encantamento e respeito, pela beleza de suas inúmeras quedas e pela energia grandiosa e destrutiva que exibe. Já a Usina Hidrelétrica de Itaipu surpreende pelo arrojo e pela grandiosidade artificial. Para aumentar a admiração, um dos vertedouros estava em operação e, qual uma catarata, lançava o excedente de água da represa no rio, numa imagem quase tão magnífica quanto a visão das cataratas naturais. Não é à toa que Itaipu é considerada uma das sete maravilhas do mundo atual.

Sete por sete, número cabalístico por essência, é inevitável fazer uma analogia entre Itaipu e as sete maravilhas do mundo antigo:

Aquelas foram feitas para celebrar deuses, reis, o poder de civilizações ou seu temor de outras. Apenas uma servia para o bem de todos, pois iluminava os caminhos dos seres humanos em meio à natureza: o Farol de Alexandria.

O gosto da humanidade pelo monumental e pelo simbólico persiste. Muitas “maravilhas” continuam sendo construídas sem objetivo prático e universal. Várias delas continuam servindo apenas para saciar a megalomania ou esperteza de poucos, em detrimento dos muitos que suam, sangram e até morrem para concretizar suas vaidades e falcatruas. Mas há exceções!

Ao contemplar os imensos paredões e contrafortes da barragem que contém o Rio Paraná, e os enormes dutos que conduzem as águas até as turbinas da usina poderíamos imaginar a presença de estátuas de deuses egípcios e gregos, imponentes e temíveis como nos templos da Antiguidade. Atrás deles imaginaríamos hordas de bárbaros tentando sobrepujá-los, para invadir saquear e destruir, pela força, o que não conseguiam por inteligência. Mas a energia que se “vê” é outra, invisível, que ilumina e move as vidas de milhões de pessoas, a milhares de quilômetros dali. É a natureza contida e modulada para produzir energia, que gera o milagre do emprego e ilumina cidades, escolas, hospitais e templos onde os seres humanos vão agradecer a

Deus por ter-nos provido de capacidade para aprender a tirar proveito da natureza em benefício da humanidade.

As Cataratas do Iguaçu estão lá: símbolo natural da magnificência de Deus! A Usina de Itaipu também: símbolo da exortação divina do Gênesis: “Crescei, multiplicai-vos e dominai a face da terra!”. Enfim, todas são obras de Deus!

Itaipu não é o Farol de Alexandria e milhares de anos separam estas duas maravilhas, mas ambas são símbolos da importância da luz em meio às trevas, naturais ou induzidas.

Assim, nossa vida deve ser um misto de admiração e respeito pela energia que a natureza esbanja, e de análise e desenvolvimento de formas de aproveitar esse potencial para o desenvolvimento sustentável da civilização.

A visita à Foz do Iguaçu foi, sem dúvida, inesquecível; mas a maior lembrança que guardo comigo é a insofismável certeza de que, quando o ser humano usa adequadamente: inteligência e sabedoria, os resultados sempre são, naturalmente, divinos!

LUZ SOBRE A MESA

(Fev./2005)

Numa das passagens do Novo Testamento, Cristo afirma, sobre o risco que corria pela exposição clara de sua doutrina, que para iluminar a luz deve ficar sobre a mesa e não sob ela!

Assim é com o conhecimento: ele também deve ser aberto e exposto, para gerar frutos que alimentem todos!

Infelizmente, a história mostra que nem sempre é assim...

Desde a Antiguidade o conhecimento sempre foi tratado como instrumento de poder secular, sem muita preocupação com o bem comum. Não raro, seus portadores e detentores o envolviam com aspectos místicos, para amedrontar os ignorantes e tirar proveito da má índole dos poderosos.

A transferência do conhecimento era feita em círculos fechados e somente para “iniciados”, selecionados por critérios próprios. Todo esse processo envolvia: rituais, códigos e segredos mantidos “às sete chaves”, que amedrontavam e afastavam os plebeus, mas estavam adequadamente disponíveis aos poderosos.

Qualquer falha na proteção e ocultação do conhecimento era punida de forma terrível, tida, externamente, como sobrenatural. Na melhor das hipóteses, o destino do responsável era semelhante ao de Prometeu... O objetivo, obviamente, não era preservar ou aprimorar o conhecimento, mas assegurar o poder que seu domínio propiciava. A luz era mantida sob a mesa, pois as trevas eram o ambiente ideal para o exercício de suas más-intenções. Não é muito diferente hoje.

Quando alguns pensadores antigos resolveram pregar e discutir suas idéias em locais abertos, passou a ficar igualmente claro que qualquer um, desde que demonstrasse aptidão e empenho, poderia assimilar e, mais que isso, aperfeiçoar e evoluir conceitos e conhecimentos.

Os mestres e seus conhecimentos optaram por serem luz, em vez de sombra! Mas aspectos menos nobres, como a exigência de ascendência nobre para ter acesso ao aprendizado, ainda limitavam essa evolução. O conhecimento ainda era utilizado como instrumento de elitização, sem necessariamente, produzir benefícios universais.

Centenas de anos se passaram até que a capacidade intelectual do ser humano fosse reconhecida e valorizada fora dos âmbitos aristocráticos e burgueses, embora sempre ao serviço destes. Ainda existem os mesmos

segredos, mantidos “às sete chaves”, acrescidos dos segredos de mercado, o que os anteriores também não deixavam de ser. O que há de novo é que hoje o conhecimento é exposto nas Universidades, de forma aberta e democrática.

É certo que ainda existem mestres que escondem o que sabem. Eles permanecem envoltos em “misticismo”, mais ávidos em arrebanhar admiradores e seguidores do que em difundir e aprimorar os saberes. Mas a maioria dos sábios contemporâneos encara sua função como a de um atleta numa corrida de revezamento: sabe que é portador de um conhecimento, dá o melhor de si para desenvolvê-lo, mas tem consciência de que é parte de um processo. O sucesso dessa corrida sem fim está em saber passar corretamente o bastão para que o próximo avance além, em nome da evolução da humanidade!

A luz está sobre a mesa e lembra outras passagens bíblicas, análogas: a do senhor que, antes de viajar, distribuiu valores aos servos e a das sementes lançadas ao longo caminho, em diferentes tipos de solos. Nos dois casos o conhecimento só tem valor quando se multiplica, dissemina e promove o bem comum.

É óbvio e natural que quem participa diretamente da evolução do conhecimento deseje e mereça obter proveito de seu esforço; mas quem o mantém inerte e oculto por medo, vaidade, interesse ou má-fé presta um desserviço inaceitável e imperdoável para com a humanidade!

GRAÇA DA VIDA

(Jan./2005)

Minha infância e adolescência, como a de muitos colegas, contemporâneos, não teve pompas nem circunstâncias. Não passamos necessidades, mas sabíamos que nossos pais se esforçavam ao máximo para nos dar tudo o que podiam. Se nas épocas de festa os presentes eram dentro das possibilidades, em nossas mentes o futuro abria perspectivas sem limites.

Nas casas não havia luxo nem desperdício, o já era uma primeira lição de vida; mas havia amor e respeito: a maior lição de todas!

Nossos passatempos principais eram: colecionar figurinhas, jogar damas, xadrez - o Mequinho era um ídolo entre a molecada -, futebol de botão ou bola, na rua. Como quase ninguém tinha carro, nossa única preocupação era conter o ímpeto para não acertar nenhum pedestre, ou a roseira da vizinha ou uma janela... Mas quem controla uma bola dividida ou um chute que pega "na veia"?

As meninas usavam laço de fita nos cabelos e os meninos: se filhos de pais "caretas" ou econômicos, os cortavam no estilo "americano curto"; se filhos de pais "moderninhos", usavam longas madeixas, seguindo a "onda" da "Jovem Guarda" e das bandas de rock progressivo. Mas dava para identificar claramente quem era menino e quem era menina, o que hoje em dia não é tão evidente.

As famílias eram grandes e os salários pequenos, mas dava para viver.

Não havia espaço para roupas de grife. Aliás, eram poucas as marcas disponíveis, até porque a indústria nacional ainda não dava muita bola para a qualidade de produção. Em vez de seguir o exemplo dos orientais de "olhos puxados", as confecções de então preferiam fechar os olhos. As calças "Rancheiro" tinham bocas que mal davam para passar o pé e as pernas quase sempre tinham comprimentos diferentes. A alternativa era a roupa sob medida, feita por costureiras ou alfaiates. Mas a desculpa tinha que ser boa: casamento, formatura, funeral...

Tênis era "Conga"! Quem tinha um pouco mais comprava um "Ki-chute" ou "Bamba". Sapatos? Eram os mais baratinhos, pretos, e tinham que durar um ano, no mínimo, resistindo aos "rachas" com pedras e tampas de refrigerante, no pátio da escola, festas... Ter um "Passo Doble" ou um "Vulcabrás 752" era um rito de passagem!

O sonho de consumo era uma bicicleta, uma miniatura da nave “Enterprise”, da série “Jornada nas Estrelas”; um autorama, um “Pequeno Químico”, um “Engenheiro Eletrônico” ou um cérebro-eletrônico. Quase ninguém tinha, mas ninguém chorava ou batia o pé por causa disso: se não podíamos comprar, construíamos nossos próprios brinquedos de “alta tecnologia”! As aulas de “Artes Industriais”, na escola, nos ensinavam a fazer caixas-acústicas, a entalhar madeira e a fazer rádios básicos. Alguns compravam material novo, mais a maioria apelava para a reciclagem. Fazíamos romarias às marcenarias e serralherias, em busca de restos de materiais que servissem para executar o que imaginávamos. Desmontávamos aparelhos eletrônicos antigos, descartados... Creio que essa geração aprendeu a ter “jogo-de-cintura” um pouco em função disso. Não tínhamos tudo o que queríamos, mas usávamos e abusávamos da criatividade!

Talvez a grande diferença fosse que nossos pais nos ensinavam a assumir responsabilidades pelos nossos atos, respeitar o próximo, buscar nossos sonhos e traçar caminhos. Já outros preferiam mimar seus filhos, pagar por seus excessos e caprichos em nome do “sossego”, pregar a “legitimidade” da discriminação social em benefício próprio, negociar seu futuro ou levá-los de carona para “circuitos fechados”... Em resumo: davam-lhes tudo de valor, mas nenhum valor moral ou ético.

Nossos pais nos exortaram a olhar em todas as direções, inclusive além e acima, enquanto outros preferiram doutrinar seus filhos para olhar os outros de cima para baixo, a julgar pelas aparências e sobrenomes. Talvez por isso tenhamos aprendido a sonhar melhor. Afinal, o desafio de construir uma vida é muito mais instigante e proveitoso do que o simples gozo de uma vida “pronta”, sustentada artificialmente.

Talvez alguns ricos de posses, cheios de vontades, mas vazios de sentimentos e sonhos, digam: “Que vidinha sem graça era a de vocês!”.

É compreensível, pois as facilidades e preocupações de uma vida onde “sonhos” podem ser comprados e os “méritos”, herdados, o que tende a resultar no desprezo ao valor natural, intrínseco, de coisas e pessoas. Afinal, o que conta para eles são os “códigos de conduta” e modismos aparentes, oportunos e descartáveis, estabelecidos ao sabor da conveniência das “elites”. As tradições só são mencionadas ou exaltadas se servirem para preservar seu status. Seus sonhos ou ideais quase sempre são de consumo que, não raro, os consomem, ou devaneios esotéricos exóticos. Na busca de graça na vida, acabam tornando-se pessoas sem graça, egoístas, vazias ou superficiais, que beiram o ridículo, a temeridade ou o sadismo, na busca desesperada ou alienada por algo que dê sentido às suas existências, não importa o preço a ser pago.

Só que a graça da vida está, basicamente, no que conseguimos extrair e acrescentar de bom a nós mesmos e aos outros! O resto é acessório!

Daí, não existe vida sem graça! A gente é que precisa prestar mais atenção nela, e aprender a sonhar direito, o que é de graça, mas não tem preço!

O CARTEIRO E UMA HISTÓRIA

(Jan./2005)

Aix-en-Provence é uma cidade do Sul da França conhecida, entre outras coisas, pelas universidades e museus que abriga. A conheci em 1986, por conta de um convite para proferir uma palestra no Rotary Club local, na qualidade de bolsista da Fundação Rotária.

Antes da apresentação, um sócio, com um sorriso mais que cordial, fez questão de apresentar-se. Ele havia morado no Brasil por alguns anos, no início da década de 1970. Falou, com emoção e saudosismo, das lembranças que guardava e do prazer do trabalho que havia desenvolvido aqui.

Fiquei curioso e entrei em detalhes. Soube que ele havia participado da equipe de consultoria da empresa estatal de correios francesa, “La Poste”, que havia vindo ao Brasil para auxiliar na modernização do sistema postal brasileiro.

“La Poste”, na França, sempre foi sinônimo de confiabilidade, segurança e rapidez, enquanto que, no Brasil, os serviços postais estavam, tecnicamente, bastante defasados, na época. Somente o carteiro era poupado de críticas, tão conhecido e aguardado como o padeiro e o leiteiro, que ainda circulavam pelas ruas., com seus triciclos. “Faça chuva ou faça sol...”.

As mudanças, depois da reformulação efetuada, tornaram a EBCT um modelo de eficiência e credibilidade. Todas as pesquisas de opinião pública, elaboradas a partir de então, sempre apontam esta empresa como uma das três instituições mais confiáveis do país. Eu mesmo havia comprovado sua qualidade, por conta dos preparativos para a viagem de estudos e quase um ano de permanência na França. Os prazos eram cumpridos e regulares, as remessas chegavam incólumes.

Cumprimentei o experiente técnico francês com sinceridade, confirmando a excelência do resultado de seu trabalho. Ele ficou especialmente agradecido quando incluí a parceria “La Poste” / EBCT em meu discurso, como exemplo de relacionamentos de sucesso entre o Brasil e a França.

Quando retornei ao Brasil, meus parentes contaram que quando o carteiro avistava minha mãe, na janela, já acenava para avisar: - Hoje tem carta do filho!

Era a presteza do sistema aliada ao romantismo secular do portador de notícias. A “caixinha” daquele fim de ano foi, merecidamente, “gorda”...

Mas esta não foi a última vez que o Correio “mostrou serviço” para mim. No final de 1989 eu o usei como um escudo contra a minha timidez. Com medo de ouvir um não a um convite para sair, enviei um cartão de fim de ano, apócrifo, para a “vítima”. No texto, manuscrito, além de desejar-lhe boas-festas, sugeri que gostaria de sair com ela, mas só se descobrisse quem eu era. A fórmula era simples: se ela ligasse para mim, dissesse a frase indicada e eu respondesse com outra, ambas sem maiores conseqüências, isso significaria um “sim” ao convite. Caso contrário, eu não tocaria mais no assunto.

Convite semiplatônico... Timidez quase patológica!

Para minha surpresa, no dia 31 de dezembro o telefone de casa tocou... Minha irmã, em tom malicioso, avisou que era uma ligação para mim.

Cheio de expectativa e meio desnortado, ouvi sua voz retribuir os votos, mas sem dizer a frase-código! Só faltou o “seu tolinho” quando ela disse que havia reconhecido minha caligrafia, comparando com outros textos que havia lido, no escritório. Esqueci de dizer que ela trabalhava comigo.

Sáímos a primeira vez, a segunda, a terceira... Pois é... Coloquei a timidez num SEDEX e despachei para a Cucamonga. Já meu coração: entreguei a ela, em mãos! Estamos casados desde 1990.

Outro dia, enquanto conversávamos sobre lembranças e planos, num dado momento ela parou e olhou para mim por alguns instantes, silenciosa, com um misto de carinho e reprovação. Eu já estava ficando preocupado. Parecia que ia levar uma palmada, quando ela pegou minha mão e me deu um terno beijo, para depois dizer:

- Ah, se o Correio falhasse...

Ainda bem que não falhou! Valeu, Sr. Carteiro!

COISAS DO DESTINO

(Jan./2005)

Às vezes, a vida nos dá alguns sinais. Ora a gente os capta imediatamente, ora eles passam despercebidos; ora demoramos a compreendê-los. Na maioria dos casos, pecamos por acreditar que as coisas não sejam tão simples e diretas como aparentam.

Isso aconteceu comigo há alguns anos, por conta de meu gosto musical.

Sempre fui fã da dupla Simon & Garfunkel! Desde criança, nos anos sessenta, gostava de ouvir suas músicas, quase todas acústicas e com uma sonoridade fantástica. A habilidade instrumental de Paul Simon e os “passeios vocais” de Art Garfunkel tornavam suas músicas indispensáveis em qualquer discoteca contemporânea de qualidade. Mas só dava para ouvi-los no rádio, pois meu irmão mais velho, que comprou o primeiro gravador da casa, no início dos anos 1970, nunca gravou músicas deles.

Quando ele, já casado e de mudança para o Rio, deixou seu toca-discos para nós, meu pai preferia comprar discos de orquestras. Além disso, ele nutria certa aversão pelo filme “A Primeira Noite de um Homem” (*The Graduate*, EUA, 1967). Como a trilha sonora era da dupla, “fiquei na saudade” por mais algum tempo.

Só comecei a “tirar o atraso” em 1975, quando comecei a trabalhar, aos quinze anos de idade. Apesar de já economizar para a universidade, sempre separava algum para duas de minhas grandes paixões: cinema e música. Quando encontrei o disco de coletânea da dupla – aquele em que eles aparecem com Nova Iorque ao fundo e Simon de boné – comprei-o no ato, como se fora uma preciosa relíquia. Ainda o tenho. Mal sabia eu que nele havia uma espécie de presságio.

Quem conhece a dupla lembra que eles raramente gravavam músicas “agitadas”, mas a última música do lado B do LP era especialmente ritmada e alegre. Tinha nome de mulher.

Às vezes eu ficava imaginando como seria a musa que inspirara aquele “hit”. Devia ser igualmente alegre e bonita, daquelas que iluminam o ambiente em que estão.

Um dia, uma moça começou a trabalhar na mesma empresa que eu. Depois de algum tempo, surgiu certa afinidade entre nós e ela pareceu se

encaixar no perfil que eu imaginava para a moça da música. Emprestei o LP para ela e, pouco tempo depois, começamos a sair.

Namoro relâmpago: deu tudo errado! Eu era tímido, inseguro e, para piorar, ainda estava na faculdade: não sobrava um centavo para nada!

Em vez da música de Simon & Garfunkel, a trilha sonora estava mais para Taiguara: “Pra ser feliz na mentira, melhor que eu chore com fé!”. Para desandar de vez, continuamos trabalhando juntos por algum tempo, com um clima nada animador, até que ela saiu. Só teve um probleminha: ela esqueceu de devolver o LP!

Fui buscá-lo, obviamente. Afinal, se não se empresta livro, disco e mulher, nada nos impede de resgatá-los. Ainda mais aquele disco.

Depois de formado, morei algum tempo no exterior, estudando. Isso contribuiu bastante para o combate à timidez e insegurança. De volta ao Brasil, recomecei a trabalhar. A parte afetiva, no entanto, continuava morna e sem graça. Até que uma moça – outra, bem entendido! - começou a trabalhar na mesma empresa onde eu atuava, na sala ao lado. Usava óculos e, quase sempre, “rabo-de-cavalo”. Além de fatores “anatômicos”, seu sorriso era especialmente radiante. Onde ela estava o ambiente ficava excepcionalmente mais leve.

Eu já estava de saída da empresa, mas, por força da interação entre nossos setores, começamos a conversar diariamente. E era muito bom!

As pressões dos colegas começaram, mas eu não me sentia seguro. A experiência do relacionamento com uma colega de trabalho, anteriormente não era de boa lembrança.

Um dia, não sei por qual motivo, lembrei do LP: aquela música tinha tudo - mas tudo mesmo! – a ver com ela. Perguntei se ela conhecia a dupla e, diante da negativa, emprestei-o a ela.

Logo depois, saí da empresa, mas com uma frase da música na mente: “... don’t break my heart!”.

Um dia ela me ligou, entre outras coisas, para lembrar que estava com o disco. Fui buscá-lo, mas, dessa vez, não ficou por isso só. Até hoje, trago comigo as duas Cecílias: a da música e a mulher, que não partiu meu coração. Pelo contrário, faz ele bater cada vez mais forte!

Coisas do destino...

SINAL DOS TEMPOS

(Fev./2005)

A sociedade evolui quando tende ao equilíbrio!

Assim, manter desequilíbrios, por qualquer que seja o motivo, é contribuir para gerar estados de tensão que podem explodir a qualquer momento, com conseqüências imprevisíveis.

Não foi à toa que foram necessários milhares de anos para remover várias das barreiras e tabus, que tornavam as mulheres meras coadjuvantes da humanidade, oprimidas desde a origem dos tempos por leis seculares e religiosas. Mesmo assim, preconceito e insensibilidade ainda persistem em algumas civilizações, onde o sexo feminino continua a ser culpado pela falta de autocontrole do sexo masculino.

O Século XX foi um marco para a civilização ocidental! Direito a voto, expansão do mercado de trabalho e liberação sexual foram algumas das evoluções, obtidas com muita coragem e obstinação.

Consciente de sua força, o antigo “sexo frágil” vem conquistando todos os espaços que lhes eram negados. Só peca quando tenta equiparar-se ou superar o comportamento primitivo, imbecil e belicoso característico de homens que tem pouco cérebro e muito anabolizante nos músculos. Autoritarismo, arrogância, violência e intempestividade são comportamentos execráveis em qualquer ser humano!

A realidade é que, um a um, até os, antes, intocáveis baluartes do machismo: política, futebol, boxe e halterofilismo foram caindo. Mas a busca desse equilíbrio também resultou em novos desequilíbrios, acentuados, sobretudo de personalidade, de ambas as partes.

Antes, as mulheres eram submissas institucionalmente aos homens, embora muitas delas sustentassem famílias. O advento de mudanças pegou muitos “machos” de surpresa, deixando-os progressivamente desnorteados, alguns sofrendo até crises de identidade sexual. Não foi diferente com muitas mulheres, que deixaram de ser vendidas como objetos sexuais, para passarem a se vender como tal, nem sempre por necessidade de sobrevivência. Mas o uso e abuso de atributos físicos sempre foi uma “arma”, e o duelo entre testosterona e progesterona, incensado por instintos e feromônios, nunca deixará de existir! Mas uma coisa nunca mudou: a mulher continua de joelhos perante o homem! A diferença é que, antes, isso era cultural, hoje é para mandar o marido sair de debaixo da cama...

Ainda há muito a equilibrar, sem dúvida, mas depois dos dramas e exageros iniciais a tendência é de que os próximos lances ocorram de maneira cada vez mais natural. Isso não impede que algumas surpresas ainda estejam reservadas para observadores mais atentos. Por exemplo: assisti, recentemente, a uma cena desse processo evolutivo que até pouco tempo atrás seria improvável. Por isso mesmo, ela demonstrou que estamos diante de um caminho sem volta de ruptura de conceitos e invasão de domínios nessa busca de “equilíbrio” entre os sexos.

O cenário era uma loja de sapatos de um movimentado shopping. Nela, três casais adentraram com um simples objetivo, ao menos em tese: dois dos homens desejavam comprar sandálias para viagem (sem aspas!).

Segundo a lógica machista de outrora, essa tarefa não levaria mais do que alguns minutos e o produto adquirido seria um modelo discreto, espartano.

Pois bem, após cerca de uma hora e vários pares experimentados mais de uma vez, a indecisão dos rapazes assumia aspectos dramáticos, quase existenciais, sem muita perspectiva de breve solução. Mas isso não era o que despertava maior atenção. No meio da loja duas das esposas discutiam, acaloradamente, sobre quais seriam os investimentos financeiros mais rentáveis do mercado, com direito a citações de analistas conceituados e argumentações recheadas de siglas, índices e experiências pessoais!

Sinal dos tempos...

SEDE DE CULTURA

(Dez./2004)

A multidão se aglomerava na areia da praia...

O menino circulava agilmente entre o povo, com sua geladeira de isopor.

- Olha a água geladinha! Mulher bonita não paga, mas também não leva! -, era seu canto de pregoeiro.

Fazia calor e ele já pensava nos bons trocados que levaria para casa, no subúrbio. Era pouca coisa, mas indispensável para quem não tinha quase nada.

Ele mal sabia o que iria acontecer, mas não importava. Em sua cabecinha, ainda ingênua, a praia e a escola eram dos poucos lugares onde não se sentia pobre. Eram seus refúgios e paraísos!

Como não era muito alto, mal conseguia vislumbrar o palco. Ouvia alguns sons, desconhecidos e abafados pelo alarido do povo. Não pareciam com nada que já tivesse ouvido, antes. Ninguém cantava e nem dava para dançar com aquilo.

"Esse pessoal deve ser muito ruim, pois já começaram a tocar e ninguém está prestando atenção!", pensou. De repente, os sons pararam e a multidão silenciou. Parecia que alguém havia gritado "Estátua!". Mas como ele não estava ali para brincar, continuou o seu pregão: - Olha a água geladinha!

Os olhares de desaprovação e vários dedos indicadores cruzados em lábios fechados o deixaram ressabiado.

- Mas, se eu calar a boca como é que vou vender? - falou baixinho.

Foi então que começaram a bater palmas...

"Mas ninguém tocou nada!", estranhou, em pensamento.

Ele entendia cada vez menos, mas como todos olhavam na direção do palco ele resolveu avançar até lá.

Uma das vantagens de ser criança é não ocupar muito espaço, mas, no caso dele, havia um agravante: a geladeira de isopor! Mas sua mãe o havia ensinado a pedir licença e assim ele foi abrindo sua "picada" por entre o povo, até que não havia mais ninguém na sua frente.

Surpreso, viu um monte de gente no palco, quase todos sentados, segurando instrumentos estranhos, mas muito bonitos. Na frente deles havia um homem com "roupa de casamento"!

O menino sorriu ao pensar: "Isso é jeito de vir para a praia? Esse cara deve ser de fora".

O sujeito estava em cima do que parecia ser um caixote, muito parecido com o que servia de cama para ele e seu irmão. O tal homem ficou de costas para o público, “mal-educado”...

Foi quando soaram os primeiros acordes da orquestra sinfônica... O concerto ao ar livre começara!

Ele nunca tinha ouvido nada parecido no rádio, na televisão ou em sonho!

O homem com roupa de festa tinha uma varinha numa das mãos, que quando apontada numa direção fazia o som de um instrumento diferente aparecer!

"Será uma varinha mágica ou o pessoal tem medo de levar uma surra com ela?", imaginou o menino.

Sem perceber, a geladeira de isopor, que lhe arqueava o corpo, virou um banquinho. Ele parou de piscar e seu coração começou a bater mais forte, no ritmo da música. Seus braços, quase que instintivamente, começaram a imitar os gestos do regente.

As pessoas em volta passaram a observá-lo, mas ele não notou, pois estava numa outra "praia", onde só havia ele e a orquestra. Não sentia fome, nem sede, nem cansaço. "O céu deve ser assim!", pensou.

Quem o via sentia-se duplamente entretido e tocado. Alguns poderiam jurar que viam um brilho emanar de seu corpo, tal era o deslumbramento de seu rosto.

Ele ouviu, aplaudiu e pediu bis, junto com a multidão embevecida. Seus olhos também marejaram com o solo de violino.

Terminado o concerto, ele ainda levou algum tempo para sair daquele êxtase, mas, quando “acordou”, os que haviam apreciado os dois espetáculos trataram de comprar todos os copos de água que restavam, com direito a "caixinha", inclusive.

Estoque encerrado, o garoto partiu feliz da vida para pegar carona no ônibus e voltar para sua humilde e distante casa. Levava os trocados no bolso e uma riqueza incalculável na alma! Ele havia saciado a sede de muitos, mas também havia saciado uma fome e sede que ele ainda não conhecia: a de cultura!

Saciou, mas logo depois já queria mais...

Senhores governantes e empresários: o povo tem sede de cultura, como tem fome de alimento! Não lhe neguem nem essa "água" nem o pão nosso de cada dia!

Cara Evangelina: tentei imaginar por seus olhos. Um grande abraço!

BREVÊ POÉTICO

(Nov./2004)

Desde criança, sempre fui fanático por aviões!

Tomar sorvete era um evento raro, mas sempre que era possível eu fazia questão de pegar o brinde: um botão com a estampa de um avião. O de um bombardeiro Vulcan, inglês, era o meu favorito.

Adorava ver filmes e ler livros sobre o tema. O primeiro navio que eu visitei foi o navio-aeródromo Minas Gerais!

Minha maior decepção, nessa época, foi quando aprendi o Hino da Força Aérea, que era muito anacrônico e devagar para o meu gosto. Fala em hélices, quando eu já estava habituado aos Sabres, Migs, Xs e Bs.

O fato é que por muito tempo alimentei a idéia de que tiraria o brevê antes da carteira de motorista. Sonhos de criança...

E por falar em sonho, que tem tudo a ver com poesia, lembrei, outro dia, de uma série de televisão muito antiga, que se passava numa base aérea dos EUA. Eram tempos de Guerra Fria e quase todos os episódios mostravam as prontidões, treinamentos e ameaças de crises. Mas, eventualmente, outros temas, mais leves e humanos, eram abordados, às vezes com uma sensibilidade marcante.

Num desses episódios, os roteiristas arriscaram abordar dois temas cuja associação sempre pode descambar para a pieguice: orfanade e Natal.

Não me lembro por qual motivo os pilotos foram parar num orfanato e passaram a acompanhar a expectativa de um menino por adoção ou, no mínimo, um convite para passar o Natal com uma família temporária. Como não poderia deixar de ser, o garoto viu suas esperanças frustradas e, tristemente, passaria mais um Natal solitário. Foi quando um dos pilotos se rendeu à compaixão e, em plena noite da véspera de Natal, pegou o garoto e saiu rapidamente, dizendo que tinha um presente inesquecível para lhe dar, que poucas crianças jamais teriam igual.

Qual seria? Foi a pergunta que eu e, provavelmente, todas as crianças que assistiam a série devem ter feito, em comunhão de pensamento. Daí a pouco, eles já estavam na base aérea. O garoto foi cuidadosamente alojado no assento de artilheiro de um caça, com direito a capacete, máscara de oxigênio e cinto de segurança. O jato decolou numa missão dada como de rotina, com a cumplicidade dos operadores de vôo. Pouco depois, quando o vôo atingiu a altitude desejada pelo piloto, este anunciou seu presente:

- Esta é a maior árvore de Natal do mundo!

O menino era apenas um ator e a TV era em preto e branco, mas, naquele momento, eu vi pelos seus olhos, maravilhado, um céu límpido, repleto de estrelas cintilantes. Era um presente único, que naquele dia também foi meu!

Nunca mais vi a série, mas aquela imagem foi tão forte, que eu nunca pude esquecer. A cena era totalmente improvável, mas de uma força poética impressionante. Talvez minha paixão pela aviação tenha começado ali.

O tempo passou, eu vôo de vez em quando e é pouco provável que tire o brevê. No entanto, esta lembrança me conforta, pois é prova de que não é preciso de um avião para voar: basta ter alma livre e nunca perder a capacidade de sonhar!

A ALMA DO NEGÓCIO

(Nov./2004)

Até o início dos anos 1960 era hábito entre os principais compositores - e uma quase imposição do mercado fonográfico - fazer músicas para três eventos: Carnaval, Festas Juninas e Natal.

No caso específico do Natal, além das composições clássicas, também tínhamos obras-primas modernas, consagradas nas vozes de Chico Alves, Bing Crosby, Elvis Presley e, até, John Lennon.

"Noite Feliz", *White Christmas*, "O Primeiro Natal" e muitas outras fazem parte do repertório de todas as apresentações natalinas e trilhas sonoras de shopping centers. Mas existem algumas que também foram produzidas para essa época, só que como "jingles", ou seja, associados a campanhas publicitárias. Isso prova que o Natal é uma eterna fonte de inspiração, até por conta de sua forte relação com a infância. Assim, é fácil lembrar de letras como: "Estrelas brasileiras no céu azul, iluminando de Norte à Sul. Mensagens de amor e paz: Nasceu Jesus! Chegou o Natal! Papai Noel voando a jato pelo céu, trazendo um Natal de felicidade e um Ano Novo Cheio de prosperidade..."; ou: "Dezembro, vem o Natal! Os presentes mais bonitos, as lembranças mais humanas, pra seus entes queridos todos vão comprar... Que em todos os lares a paz seja total e mais os nossos votos de um Feliz Natal!"; ou, ainda: "Pois a festa mais bonita é viver, é querer bem!".

Às vezes, nem o autor tem noção do alcance de sua obra, como se ela escapasse de seu controle para, efetivamente, cair no gosto popular. As imagens também ajudam bastante, pois uma bela melodia fica irresistível quando cantada por um coral de crianças vestidas como anjos: "Quero ver você não chorar, não olhar pra trás, nem se arrepender do que faz".

As empresas podem não ir bem das pernas ou, até, não existirem mais. O mesmo vale para as agências de publicidade que produziram essas campanhas. Então, porque essas canções eminentemente comerciais ficaram: por terem apelo sub-liminar ou apenas por serem muito bonitas?

Pode ser um pouco disso tudo, mas não há como negar que todas têm uma mensagem que transcende, mesmo que involuntariamente, o simples desejo de vender mais, tirando proveito da sensibilidade das pessoas. Nem todos pensarão na viagem de avião ou na loja de departamentos, no supermercado, no banco... Mas sempre lembrarão da mensagem de amor, paz e esperança que o Natal representa e renova. Isso prova que o Natal não é,

como muitos querem fazer crer, o ponto culminante do consumismo materialista. É, sobretudo, uma celebração de louvor e sentimento, uma grande festa de aniversário para a qual todos nós somos convidados a receber, individualmente, o mesmo maravilhoso presente coletivo!

Então, se a propaganda é a alma do negócio, que o negócio seja fazer publicidade de amor, paz e esperança!

Isso não pesa no bolso e deixa a alma infinitamente mais leve!

ECOS DOS ANJOS

(Nov./2004)

Uma luz intensa brilhava no céu...

Indicava uma direção e, mais que isso, a efetivação de uma promessa: Deus, que já havia se comunicado com a humanidade de várias formas, havia decidido enviar seu próprio filho para fazê-lo! Mandou-o comandando um exército de anjos exterminadores, montados em carros de fogo, para libertar Israel de seus opressores pagãos e colocar a pátria de Abraão no comando do mundo? Não! Fez Jesus nascer de uma mulher, como qualquer um de nós, sem pompa nem circunstância, mas cheio de glória. Nasceu judeu, na mesma linhagem de Davi e, portanto, do mesmo patriarca Abraão.

A humanidade já não prestava mais atenção em sinais e ninguém percebeu que havia algo diferente naquela mulher grávida. Apenas os magos eram capazes de pressentir as maravilhas que se avizinhavam.

Dentre os magos, havia os maus e os bons. Os maus amedrontaram um rei ganancioso, que com medo de perder seu trono, mandaria matar incontáveis inocentes. Nada de novo sob o Sol... Mas os bons seguiram uma intensa luz no céu até encontrarem o verdadeiro rei, que deveriam presentear e adorar. Encontraram-no numa manjedoura, mas viram além das aparências, do ouro e do poder temporal que sempre marcaram a ascensão e queda dos grandes impérios. Nenhum deles era judeu, mas conheciam o Deus de Israel, que era o mesmo dos árabes.

Deus que já havia mandado do céu o maná, alimento para o corpo, agora mandava seu filho, alimento para o espírito!

Ele veio para colocar povos acima de povos? Para dizer que uns são melhores que os outros? Para impor sua doutrina a ferro e fogo? Não! Ele veio para anunciar a "boa nova" de uma aliança expandida para todos os povos, para pregar a paz!

Um coro de anjos se ouviu e seu canto ecoou pelos ares de forma que sempre pudesse ser ouvido. A humanidade tinha mais uma chance para realizar que todos somos filhos do mesmo Deus e, portanto, irmãos sem distinção de credo, raça ou posição social. Mas isso nunca interessou aos que vivem e reinam em nome das diferenças. Para estes o poder é encarado como um sinal de luz divina, mesmo quando deixa a humanidade mergulhada em trevas.

Os tempos mudaram? Nem tanto... As crianças ainda nascem como símbolos de esperança, mas os "magos" que as visitam se apressam em apagar essa luz, cada um cooptando-a para servir aos seus deuses particulares, sejam eles o dinheiro, o vício, a violência ou qualquer outra espécie de poder.

Ainda podem ser vistas luzes no céu, brilhando em várias partes do mundo, mas nem sempre elas são sinais do renascimento de uma esperança universal. Nas favelas brasileiras, no Oriente Médio ou em qualquer lugar onde haja conflitos, as balas traçantes que cruzam os céus nas noites escuras representam morte, perpetrada por anjos exterminadores tortos, que às vezes nem sabem bem a quem servem ou seus propósitos.

A explosão das bombas é fascinante, mas essa luz maravilhosa - como todas as criadas pelos seres humanos de má-fé - é efêmera e logo substituída por uma lúgubre escuridão. Assim, a pobreza, a fome, a mentira, a violência e a guerra são, desde o início da humanidade, parceiras de uma imensa escuridão, mantida por aqueles que só pensam em acumular, em vez de compartilhar. Para eles, a paz não é lucrativa! Gastar fortunas com armamentos é alta prioridade, mas resolver problemas sociais e ambientais, não!

O canto dos anjos do Natal ainda ecoa, mas os gritos de guerra, os clamores de vingança, a histeria dos fanáticos e o ruído das armas de destruição teimam em ensurdecer a humanidade a ponto de um não entender o que o outro fala, mesmo quando falam a mesma coisa. Na Babel das línguas, credos e preconceitos transformaram a ganância e a violência na linguagem universal! E são tantas trevas induzidas, as luzes artificiais, enganosas. Se fosse hoje, será que os reis magos saberiam qual estrela seguir?

Com certeza, sim! Pois a verdadeira luz do Natal não é externa, nem exclusiva, nem falsa. Ela está no coração de cada um que reconheça o próximo como um irmão e cada criança como uma esperança a ser preservada.

Mas como encontrar essa luz? É simples: basta remover as trevas do egoísmo, da ignorância e da passividade, e aprender a ouvir além das palavras, ver além das aparências.

No Natal, como em qualquer tempo, deveríamos imaginar nossos corações como uma manjedoura. Depois, como a alma nunca é estéril, veríamos o Cristo recém-nascido sobre ela e sua luz limpar e clarear o espírito. Então, o eco do canto dos anjos se tornaria cada vez mais nítido, forte e belo, para nos lembrar da única fórmula capaz de acabar com todos os males que assolam da humanidade: "Glória a Deus, nas alturas! E paz, na terra, aos homens - e mulheres - de boa vontade!".

ESTATURA DA VIDA

(Nov./2004)

Existem algumas frases que ficam marcadas em nossa mente por muito tempo, às vezes por toda a vida. Uma, especialmente, me acompanha há bastante tempo. Trata-se do início da letra de um hino religioso, que diz: "Eu vivo à procura da minha estatura...".

No início, creio que ela chamou minha atenção por fugir a convenções, mas, depois, cheguei à conclusão de que eu me identificava com ela, pois, de fato, ainda vivo à procura da minha estatura e talvez o faça até o fim da vida.

Obviamente, não estou falando da estatura física, mas de outras, muito mais significativas. Crescer fisicamente é, a priori, um processo natural, embora existam "culturas" que enfaixem pés, para mantê-los pequenos, ou estiquem pescoços, por razões estéticas. Também existem tratamentos glandulares que aceleram ou contêm processos de crescimento. Mas todos esses exemplos são exceções à regra.

A estatura física elevada, aliás, é muito útil em várias situações, tais como: em cinemas e shows, para fazer sombra, no vôlei e no basquete. Mas ser alto não é, necessariamente, sinal de inteligência, sabedoria ou elevação espiritual. Esse tipo de estatura é muito mais difícil de alcançar ou medir, até porque não tem limitações físicas. Enquanto o crescimento do corpo ocupa espaço, tridimensional e limitado, o desenvolvimento da mente otimiza um espaço já disponível que, até prova em contrário, é multidimensional e infinito.

No caso da estatura física, existem sistemas de medidas e padrões mundialmente adotados, que medem sem discriminação. Alto é alto e baixo é baixo! E não importa credo, raça ou condição social. Já no caso do intelectual, os educadores do mundo se desdobram na busca de fórmulas eficientes para ensinar e aferir a aprendizagem, num dinâmico e constante processo evolutivo. Mesmo assim, ainda lutam para identificar a tênue fronteira entre a formação de pensadores autônomos e a tentação de doutrinar discípulos servis e dóceis. Já os critérios de medição sócio-político-cultural ainda são bastante arcaicos, pois têm como referências intransponíveis os objetivos e predileções de quem faz a "aferição". "Esse me serve! Esse não me serve!", parece ser o critério de avaliação padronizado, com ênfase especial nos quesitos: obediência cega, culto à personalidade e capacidade de renunciar à liberdade de pensamento. Os "pés", "polegadas", "braças" e afins ainda são

estabelecidos pela anatomia dos "reis", em cada um de seus "reinados". As únicas regras comuns que eles adotam são: o condicionamento de quem se submete a esse tipo de avaliação à reverência pessoal e sua condição de intocáveis e inatingíveis. Será que isso é algum tipo de compensação? Será treinam física e mentalmente as pessoas para que assim "curvadas" fiquem menores do que elas? Obviamente, isso denota o medo que cada um tem de perder seu trono. Afinal: "Rei morto, rei posto!".

Infelizmente, sua sobrevivência depende da manutenção da ignorância. Daí, sua influência no desenvolvimento intelectual se limita à interposição de barreiras ao crescimento dos outros.

Por isso é importante que nunca deixemos que os outros definam nossa estatura. Para tanto é indispensável que nossas vidas sejam estruturadas com elementos e princípios que nós dominemos e saibamos revisar e aprimorar, de forma a preencher bem e progressivamente os infinitos espaços disponíveis em nossas mentes.

A relação entre o conhecimento e a mente é como coração de mãe: sempre cabe mais um! Mas não basta preencher espaços com conhecimento. É preciso fazer bom uso de ambos, senão seremos apenas arquivos de cópias ou, pior, lixeiras dos pensamentos dos outros.

Viver, como na letra da música, deve ser uma consciente e constante busca da própria estatura. É uma benção divina que ela não tenha fim! E maior ainda, porque sempre nos surpreende!

VIVER COM ESTILO

(Out./2004)

Algumas coisas a gente ouve e fica remoendo, sem encontrar as palavras exatas para exprimir o que pensamos sobre elas. Ficam passeando em nossa mente à procura de exemplos e analogias, aguardando a maturação do discernimento, até que geram uma conclusão pessoal, ou seja, segundo os valores que cada um de nós tem, acredita e defende.

Foi o caso quando ouvi o desfecho da história de um famoso *playboy*, que alardeava não haver trabalhado um único dia de sua vida e, mesmo assim, gastara fortunas em festas e viagens. Pagou por tudo o que quis.

Isso, em princípio, me chocou, pois num país onde o povo sofria – e muitos ainda sofrem - de fome e doença, esse modo de vida deveria ser execrado e não exaltado! Mas, de certa forma, seu modo de vida é justificável. Talvez ele tenha sido educado apenas para ser charmoso, culto e refinado, embora nada o impedisse de ampliar esse leque com outras qualidades mais úteis à sociedade. Quem sabe por essas limitações de formação ele tenha escolhido viver a maior parte de sua vida fora do país. De fato, observando o cotidiano da imensa maioria do povo, muitos "balançariam" diante da possibilidade de uma vida despreocupada e cheia de prazeres, numa realidade diferente da nossa.

Já com idade avançada, ao se desfazer de sua última propriedade de um patrimônio totalmente herdado, ao qual nada havia acrescentado, ele teria afirmado que havia vivido com "estilo" e pretendia morrer com "estilo"!

Isso é motivo de admiração ou de pena?

Talvez nem de um nem de outro, afinal, cada um vive como quer. Mas quando a pessoa busca, vive ou é alvo da mídia, suas atitudes passam a ser objeto de análise livre, e às vezes ela leva algum tempo.

Assim foi que só depois de alguns meses lembrei de um médico francês, que conheci quando estudava no exterior. Encontrei-o numa reunião formal e tive a oportunidade de sentar a sua mesa. Minha primeira "surpresa" foi saber que ele, sem nunca ter visitado o Brasil, sabia que nosso idioma era o português, o que era raro entre seus compatriotas. A segunda foi constatar que, apesar da idade avançada, ele continuava trabalhando, o que havia feito por toda a vida.

Ele era de família rica e socialmente bem posicionada. Seus modos eram extremamente corteses e refinados, sem os exageros pedantes e desnecessários que caracterizam pessoas fúteis e pretensiosas.

A conversa seguia agradável e interessante, acompanhada por deliciosa comida e bom vinho, na melhor tradição francesa. Talvez em função disso ele tenha lembrado da época da II Guerra Mundial.

Na França ocupada, oprimida por nazistas e colaboracionistas, ele era um jovem médico num hospital público. Como tal, lutava contra a falta de recursos para salvar vidas e, como qualquer um de seus compatriotas, sofria os efeitos do severo racionamento de alimentos, além de atuar secretamente em favor da resistência francesa, no que arriscava a própria vida.

Acostumado a uma vida abastada, precisou habituar-se às condições espartanas que lhes eram impostas, em meio a tiros, perseguições e bombardeios.

Num dado momento, seu rosto se iluminou, num misto de gravidade e meninice. Relatou, então, um artifício que ele e seus colegas usavam, para satisfazer um dos poucos luxos a que se davam direito, durante os infindáveis plantões: comer crepes (panquecas)!

Apesar do racionamento eles conseguiam, eventualmente, separar um pouco de farinha, ovos e leite, mas faltava a manteiga!

A solução que encontraram foi pouco ortodoxa e faria alguns *gourmets* torcerem o nariz ou coisa pior: derreteram supositórios em "banho-maria" e separaram, cuidadosamente, a manteiga de que eram feitos, na época, do princípio ativo do medicamento. Sua expressão, enquanto descrevia o fato, era a de quem havia provado um finíssimo prato, da mais sofisticada cozinha!

Ele passou fome, frio, era estrangeiro em sua própria terra, mas conseguiu espaço, em meio a tanto horror e desesperança, para cultivar um gosto, sem desleixar de uma vida devotada ao próximo e à pátria.

Isso, sim, é viver com estilo!

OLHARES, BOCEJOS E SORRISOS

(Out./2004)

Dizem que quando olhamos fixamente para uma pessoa e ela boceja, automaticamente repetimos esse gesto. Experimente! E você verá que isso realmente “pega”!

Agora experimente olhar para seu filho:

Veja como ele está crescendo! Mas preste um pouco mais de atenção: na cor de seu cabelo, nos detalhes dos pés, nos contornos das mãos, que um dia já couberam dentro das suas; no seu porte, nas suas atitudes... Depois, realize que, num piscar de olhos, ele vai começar a mudar. A adolescência vai chegar com uma avalanche de mudanças, que talvez deixem você mais atordoado do que ele.

Mas não entre em parafuso! Volte ao presente e revise o cronograma da infância. Lembre que ele vive querendo chamar sua atenção, sobretudo quando você está mais concentrado. Será porque você não lhe dá atenção suficiente? Cuidado: se você não cuidar alguém o fará, quase sempre sem pensar no bem dele!

Pise no freio e pense um pouco sobre isso!

E aí? Será que você sempre esteve disponível para se ocupar dessa sua preciosa obra tanto quanto de sua carreira e prazer?

Pois saiba que criar um filho também é um trabalho e um prazer! Aliás, se você pode fazer algo de realmente bom e útil em sua vida é gerar, mais do que um filho, um amigo e um bom ser humano!

Você está em débito? Tudo bem... É certo que hoje em dia é difícil ter tempo para alguém tão pequeno, quando temos projetos e problemas tão grandes e complexos. Além disso, todo o seu empenho é para que ele tenha tudo o quizer na vida!

Calma! A escala de valores da infância ainda não está distorcida pelo materialismo de nossa sociedade de aparências. Mas saiba que a maioria dos problemas do mundo é causada por pessoas mal-criadas e mal-amadas na infância.

Talvez ele só queira um pouco mais de tempo com você!

Então, desligue o piloto-automático que o mercado implantou subliminarmente em você e dê um “jeitinho” em sua agenda, sem medo de que alguém encare isso como um deslize de foco, um “desperdício” de tempo ou um “arranhão” em sua imagem de profissionalismo, austero e fleumático.

Vá ver o que ele está fazendo. Se for a lição de casa, perceba como ele segura o lápis; ouça sua voz como se nunca a tivesse ouvido antes; pergunte sobre o dia dele; diga como foi o seu... Gaste um pouco mais desse seu precioso tempo e dê uma olhada em seus desenhos, seus brinquedos... Quem sabe você tenha vontade de desenhar e brincar com ele. Quem sabe ele goste. Quem sabe você goste! Quem sabe ambos descubram que o simples fato de estarem juntos já é um baita brinquedo! Aproveite e viva um dia de criança!

Talvez seu filho estranhe, em princípio, essa súbita atenção e fique eufórico e sem saber bem o que fazer, ou querendo fazer tudo ao mesmo tempo. Não se preocupe: as crianças têm uma capacidade infinita de adaptar, perdoar, esquecer e amar. Quem sabe você perceba que todas as vezes que ele olhou nos seus olhos ele sempre buscou um reflexo de seus anseios de criança: um apoio, um consentimento, uma cumplicidade, uma explicação ou, simplesmente, um sorriso. Quem sabe você descubra que ele pode ser um confidente interessado e conselheiro surpreendentemente sensível e objetivo! De fato, a grande surpresa na relação entre pais e filhos não está na herança genética, mas nas diferenças que delineiam o caráter de um novo e especial ser vivente.

Mais tarde, antes de dormir, experimente levá-lo até a cama. Converse mais um pouquinho. Faça um carinho e lhe dê um beijo de boa noite. Provavelmente ele irá pedir um abraço e, brincando, prenderá você! Meu amigo: aceite essa “prisão” por toda a vida, pois “gastar” tempo com os filhos é investir numa adolescência bem-resolvida, numa maturidade consciente, enfim, num futuro melhor para a humanidade!

Com tudo isso, ele vai demorar um pouco mais para dormir, mas, com certeza, dormirá muito melhor. E você também! Mas antes do sono vencê-lo ele ainda vai olhar novamente nos seus olhos e, angelicalmente, bocejar, ao que você, naturalmente, não resistirá. Finalmente, ele sorrirá... Sem querer, querendo, você também repetirá o gesto.

Uma criança que boceja sorrindo... Não deve haver maior exemplo de uma alma em paz e feliz!

A partir do dia seguinte, sorria para ele toda vez que encontrar o seu olhar. Repita isso até que esse sorriso esteja impresso em suas almas, de forma que sempre que um lembrar do outro ele brote, espontâneo: bálsamo do espírito!

Pais, mães, filhos e filhas: os laços não devem prender, mas abraçar! E se "é de pequenino que se torce o pepino", também é de criança que se molda, suavemente, o caráter, e se ensina a linguagem do coração: linguagem que ensina e aprende com um simples olhar, como as coisas devem ser.

Essa deve ser a verdadeira língua dos anjos!

BILHÕES DE SÓIS

(Jun./2003)

Existem bilhões de pessoas no mundo, cada uma com suas características, suas virtudes e seus defeitos. Em sua infinita sabedoria, Deus nos fez semelhantes, mas nunca iguais. Dessa magnífica diversidade vem o verdadeiro fascínio da Humanidade. Assim, tentando corrigir os defeitos e lapidar as virtudes, levamos a vida num processo que é tão mais prazeroso quanto mais buscamos simplificá-lo.

O problema é quando esquecemos nossos defeitos e passamos a julgar os outros, como se fossemos o parâmetro da Criação. Lembrando da piada, é quando chegamos àquele estágio em que para trocar uma lâmpada basta segurá-la que o mundo girará a nossa volta.

Temos, todos nós, lapsos de egocentrismo. O problema é quando ele assume posse e domínio de nossas vidas. De certa forma, ele nos dá algumas características comuns aos vampiros: cremos que somos capazes de penetrar no íntimo das pessoas, conhecendo-as profundamente, adivinhando seus pensamentos, seu caráter e seus defeitos sem, no entanto, conseguirmos enxergar nossa própria imagem no espelho.

Em certos estágios, passamos a sofrer de um estranho tipo de amnésia seletiva. Somos capazes de lembrar de tudo o que acreditamos que fizeram contra nós, com o requinte empírico da matemática do rancor, que cita números, exemplifica, porém não demonstra. No entanto, estranhamente, esquecemos de tudo o que porventura fizemos aos outros. Somos infinitamente condescendentes com nossos deslizes, mas implacáveis com os outros!

Nossa experiência é a melhor! Nossa dor é a maior! Nossa conquista é memorável, mesmo que tenhamos que reavivar insistentemente a memória dos outros! Nossa liderança é a mais justa! Nossa presença é indispensável! Se estivermos felizes, o mundo todo deve celebrar! Mas, se nos quedarmos tristes, todos têm que ser solidários!

Existem até algumas frases sintomáticas desse estado de espírito:

"O mundo não é justo!", quando não alcançamos o que queremos.

"Que bom, pra você!", quando alguém compartilha conosco uma felicidade que não nos abrange, favorece ou interessa.

"Como você é uma pessoa inteligente, há de convir comigo que...", quando queremos constranger quem não concorde conosco, sobretudo frente a outras pessoas.

Também é comum condicionarmos a qualidade das amizades à disposição do amigo em seguir nos passos, gostos e crenças.

Nos raros momentos em que nos propomos a uma auto-reflexão, temos dificuldade de identificar o que nos leva a essa condição. Seriam traumas, frustrações, medos ou o quê? Normalmente, a culpa é dos outros. No limite, chegamos a pagar para tentar encontrar essas respostas.

O certo e preciso é aprender a evitar que isso nos afete e a nossos semelhantes. Evitar que isso chegue ao limite de isolarmo-nos num pedestal, negando-lhes brilho próprio e surpreendente; ou que a tentação da presunção, que turva o discernimento, leve-nos a um estágio "telepático", que transforme nossos atos falhos em pensamentos alheios.

O livre-arbítrio tem que ser parceiro da razão e a razão siamesa da autocrítica. Um não é frutífero sem os outros!

Como seres humanos, todos estamos sujeitos aos ciclos da vida! Devemos aceitar que somos parte de um concerto para o qual a orquestra deve estar cada vez mais harmônica e afinada. Precisamos reconhecer que nela, cada instrumento tem seu momento de brilho e cada música tem sua nuance. Por fim, é importante realizarmos que insistir na mesma música, ou no mesmo solo, conduz à monotonia e destrói o encanto da vida.

Não se trata de renunciarmos ao amor-próprio, pois, mesmo entre bilhões de sóis, cada um é único! Tudo é uma questão de procurar preparar-se, tanto para o clássico como para o improvisado, e de estar sempre pronto e disposto a encontrar o tom e o compasso certos da vida!

ESTUPIDEZ ARMADA

(Set./2004)

A evolução da humanidade sempre esteve diretamente associada à subversão da ordem natural.

Antes que alguém interprete essa afirmação fora do contexto é necessário comparar a evolução da civilização com o mundo animal:

A "Lei da Selva" é natural e compreensível nesse meio. Até lutamos para restabelecê-la, contra nossos atos predatórios. Entretanto, ela é inadmissível no meio humano! Daí a necessidade de subvertê-la, pelo uso da razão, mas também da sensibilidade.

A evolução, portanto, é um processo de superação das limitações naturais e deficiências físicas. O problema, então, não é o emprego da razão, mas seu mau emprego.

O filme "2001: Uma Odisséia no Espaço" (*2001: A Space Odyssey*, 1968, EUA) tem uma cena emblemática: um grupo de homínídeos é expulso de uma lagoa por outro, fisicamente superior. Lei da Selva. Posteriormente, por conta da recém adquirida racionalidade, o grupo que fora expulso - sedento e inconformado - realiza que o uso de uma "ferramenta" potencializava uma forma diferente de força, superior à natural. Retornam, então, à lagoa e com suas clavas ósseas enfrentam e matam um dos mais fortes oponentes. Com isso, intimidaram e expulsaram os invasores.

"Lei da Selva", "Lei da Volta" ou vitória da razão? Depende, pois o mais civilizado, teoricamente, seria o consenso de que havia água para todos, a qual poderia ser tranqüilamente compartilhada. Mas a espécie humana ainda estava em seus primórdios, engatinhando, embora já sobre dois pés. Hoje em dia, considerando as atitudes de alguns seres humanos, parece que voltou à fase quadrúpede, quando não, rastejante...

A partir daí, a evolução da engenhosidade humana permitiu que sobrepujássemos obstáculos da natureza e nossas próprias limitações, para suprimos nossas necessidades. Foram várias idades, várias descobertas: pedra lascada, metais, substâncias, átomos... Só que, para cada nova descoberta construtiva, uma legião de estúpidos, ávidos de poder e lucro estabelecia formas destrutivas para seu uso.

Mas como os estúpidos chegam ao poder?

Simple: pela violência física, psicológica e religiosa. Nesse extenso rol de deturpações oportunistas e convenientes, os preconceitos, o poder bélico e a intransigência têm lugares de "honra".

A violência, aliás, sempre foi a solução preferida pelos estúpidos e a História é pródiga em exemplos de: escravidão, amputações, chacinas, massacres, guerras e genocídios. Só que, da mesma forma que existem os estúpidos históricos, também não faltam os exemplares cotidianos.

A relação de seres humanos com armas, por exemplo, continua a incorporar o mesmo maniqueísmo que persegue a humanidade desde sua origem: nas mãos de uns elas parecem proteger ou evitar que a violência os constranja, enquanto que nas mãos de outros são instrumentos de multiplicação dramática das possibilidades de intimidação e opressão! Em qualquer um desses casos, qualquer descuido pode provocar desastres de proporções pessoais, familiares, públicas ou mundiais.

Defender a vida é natural do ser humano, mas ameaçar a vida de inocentes, por qualquer que seja o motivo, é a mais pura manifestação da estupidez humana, em seu estágio mais primário e desprezível. E a engenhosidade humana, a serviço da irracionalidade, tem criado armas cada vez mais sofisticadas para que estúpidos de todos os níveis: governantes de grandes potências, líderes de fanáticos ou "simples" marginais as utilizem para impor suas condições unilaterais: "Façam o que eu mando!", "Passa a grana!", "Tira a roupa!", "Seu petróleo é meu!", "O mundo é meu!"...

Hoje, por um módico preço, em vez de acertar com o fêmur de uma anta na cabeça do oponente, qualquer "anta" pode: esfaquear, alvejar, explodir, contaminar ou, simplesmente, pulverizar seus adversários, sem o inconveniente de ver a expressão de seu rosto ou ouvir seus gritos e súplicas, embora alguns gostem desses pormenores, como se a humanidade fosse um videogame.

A inteligência torna-se, involuntária ou perigosamente desviada, instrumento de perpetuação da violência e da estupidez, pois se coloca ao serviço de seus interesses escusos. A vida, própria e dos outros, perde valor nessa escala de valores, que coloca o ser humano em último lugar, pois a primeira vítima da violência é a sanidade!

Paradoxalmente, quem ameaça com uma arma pode alegar legítima defesa quando enfrentado e, assim, transferir a culpa para a vítima!

É óbvio que enfrentar uma arma não é racional, mas ser refém do medo não é uma sensação natural nem agradável. Depois da sede, da fome e da tortura talvez não haja maior agressão ao ser humano do que a sensação de impotência perante a violência. E assim, sem freios, a violência amplia seu

leque de vítimas inocentes, de intenções cada vez mais dolosas, que tornam a "Lei do Mais Forte" superior a qualquer exercício de lógica.

E esse é o quadro que nos é apresentado todos os dias, na mídia e nas ruas: criminosos bárbaros, sádicos e inconseqüentes, e cidadãos estupefatos, amedrontados e indefesos.

Cidadãos? Parece que só são tratados como tal na hora de recolherem impostos e em época de eleições. E seus protestos e mobilizações ainda correm riscos de serem tratados e reprimidos como atos de desobediência civil!

Assim, um momento de felicidade, o sucesso financeiro, a beleza feminina, o caminho para o trabalho ou um simples passeio pela rua podem ser o prólogo de uma tragédia.

As feras estão soltas em todos os escalões da estupidez humana. Estão equipadas, "motivadas", experientes, bem assessoradas, eficientes e impunes em seus atos. O cidadão civilizado teme, esconde-se ou paga para transitar pelo que paga para existir e ainda é responsabilizado pelos crimes que sofre, pois muitos afirmam que a culpa é da sociedade!

Ora, se a culpa é da sociedade, então ela já está exageradamente punida com a perda do fruto de seu trabalho, da liberdade e, às vezes, da própria vida. O mesmo não se pode dizer sobre os criminosos, dos "pés-de-chinelo" aos "social e politicamente" cortejados e bem situados pelas elites.

Resta-nos saber quando teremos nossos: hábeas corpus, sursis, defensores competentes, julgamentos justos, liberdade condicional e reintegração ao mundo civilizado!

MOINHOS DE VENTO

(Set./2004)

Don Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura imortalizado por Cervantes, tornou-se o protótipo daqueles que lutam contra “moinhos de vento”, leais defensores de utopias e valores que estão se perdendo, ou já se perderam.

Como ele, ainda existem muitos que insistem em lutar contra marés e ventos, e provar que o ser humano não é apenas uma gota d’água no oceano da mediocridade, mas um oceano na gota d’água da virtude.

A fragilidade e o anacronismo de suas aparências e atitudes escondem uma infinita e incansável força de espírito, pois não é fácil remar contra a correnteza, enfrentar tornados e sobreviver às avalanches em nome de ideais e sonhos.

Suas lutas podem parecer inglórias e temerárias, pois estão sempre em menor número. Suas armas aparentam não servirem mais para o combate moderno, pois: honestidade, coerência e discernimento não são páreos para a corrupção, malícia e violência que ponteiam e são celebradas pela sociedade. Mas nem por isso eles esmorecem, prostram-se ou rendem-se. Pelo contrário, eles prosseguem sua saga por entre obstáculos, renovados e multiplicados, tudo para protegerem os castelos da farsa, da cobiça e da tirania.

Muitos os questionam por não aceitarem as facilidades oferecidas e as conjunções de forças. Seria tão mais simples! Mas quem o faz ignora que essas “facilidades” são como “nós górdios” e a conjunção de forças opostas tende a exaurir o espírito, transformar ideais em oportunismo ou provar que eles nunca foram nada mais do que isso!

Muitos, na verdade, os respeitam por isso, mas têm medo de tornar sua luta solitária o ideal de uma legião. A sombra e as sobras do poder ainda fascinam mais.

Os que os crêem tolos ou insensatos têm, na verdade, medo do sucesso de sua luta, pois sabem que seus “atributos” não teriam serventia num mundo utópico. De fato, o pior momento da escravidão, para quem aceita ser escravo por conveniência ou inércia, é o da libertação, pois quem vive assim tem medo de enfrentar os desafios da liberdade. Então, preferem continuar escravos ou feitores, por medo do novo ou de descobrirem seu real valor.

Os moinhos de vento ainda existem e os ventos são cada vez mais fortes. Os cavaleiros ainda lutam, não mais contra os moinhos, mas contra as

tempestades de um mundo cada vez mais desumano e limítrofe. Hoje, além de motivo de escárnio ou condenados ao ostracismo – pois negar o sucesso material “fácil” é um pecado mortal, num mundo sem virtudes – esses “quixotes” também estão próximos da extinção!

Se deixarem de existir, num átimo o vento será tão forte, que erodirá todos os sonhos, Sanchos Panças, Rocinantes e Dulcineas. Só haverá senhores de ventos e servos ao sabor deles ou eternamente macerados sob as mós de seus deveres e dívidas.

Todos nós, por mais materialistas que pareçamos, temos ao menos uma recordação boa e um sonho puro em nossas mentes. A vida pode soprar seus ventos na tentativa de ocultá-los, sob a poeira do esquecimento, ou apagá-los, na erosão do desencanto. Mas todos temos nossa armadura, nosso escudo, nossa lança e nossa espada para lutar contra as forças que nos negam a liberdade do espírito e a chance de aflorá-lo, sem que nos sintamos tolos.

Sempre haverá os que preferem usar essas armas para destruir qualquer vestígio de virtude em si e nos outros, preferindo viver dos sonhos e desejos de poder de seus senhores. Mas se cada um acreditar numa vida melhor, não haverá tempestade que apague essa chama! E com tantas chamas acesas não haverá espaço para a escuridão e quem vive dela ou nela.

E quem se atreverá a escarnecer da bela figura de uma legião de Quixotes, sonhando e fazendo um mundo melhor, por seus méritos e partilhas; semeando esperança e espantando corvos, ervas daninhas e parasitas, que tolhem a evolução da seara humana?

Se os sonhos são produtos de mentes férteis, nossa vitória definitiva será aprender a domar os ventos adversos, para que passem a servir à disseminação de seu pólen e semente!

Eh, Rocinante!

PORTAL DO TEMPO

(Set./2004)

Quando o celular tocou, o identificador de chamada não ajudou em nada...

Do outro lado, uma voz de outros tempos, mas de lembrança recente, o amigo antigo lembrou que estávamos próximos de completar 30 anos de formatura do antigo Primeiro Grau, hoje Ensino Fundamental.

- Que tal se tentarmos reunir a turma para celebrar? – ele propôs.

Não me lembro de outra idéia que tivesse soado tão agradável.

- Como você conseguiu meu telefone? – perguntei.

- Lembrei de onde você morava e pedi o telefone de seus pais para um vizinho.

A idéia era excelente e topei de imediato!

Os *e-mails* - milagre da Internet – e telefonemas começaram a multiplicar-se. Nomes e fatos perdidos na memória ganharam a nitidez da saudade e, de repente, eu me vi voltar no tempo, como se ele nunca tivesse passado...

Não era nem o fatídico 1964, nem o obscuro 1984: era um despreocupado 1974, ao menos aos olhos de adolescentes, ainda ingênuos e cheios de esperança.

Estudávamos numa escola pública: a EEPSG “Prof. Primo Ferreira”, num tempo em que ainda se fazia exame de admissão.

Todos tínhamos orgulho de frequentá-la!

Nas férias, os alunos eram convidados para ajudar na manutenção da escola: pintura, limpeza... Comparecíamos “em peso”, pois tínhamos nossas mentes e nossos corações nela!

Naqueles tempos, nossos passatempos eram frugais: jogos de bola, tampinha de garrafa e botões, espeto, queimada... Os trabalhos em grupo terminavam invariavelmente com lanches e brincadeiras.

Cada um tinha seus sonhos e os compartilhava com os outros, sem medo do futuro. Tudo era possível!

Mas alguns caminhos se separaram na estrada da vida, onde nem sempre temos o controle do destino. Só que o mundo dá voltas e, num lapso, vozes familiares voltaram a ser ouvidas, ainda da calçada...

Quando a porta se abriu, os olhos rejuvenesceram 30 anos e viram os mesmos rostos amigos, que surgiram da bruma de um passado cuidadosamente guardado.

Não eram mais rostos imberbes e cabeleiras da moda, nem as calças de “boca-sino”, nem as camisas “psicodélicas”. Mas nem os cabelos grisalhos e quilinhos a mais foram capazes de ocultar o olhar, que não mudara.

Estavam quase todos lá: o roqueiro que virou violeiro, as musas que nunca deixaram de ser, os amigos e amigas de estudo e brinquedo, as mesmas lembranças e os sonhos, realizados ou não. E eu ainda tenho tantos...

Uma tarde foi pouca, mas a noite não apagou a luz desse dia, assim como o tempo não desfaz o que plantamos com carinho, no jardim da memória.

Foi preciso voltar no tempo para lembrar o valor de um abraço, de um sorriso e de um sonho. Mas como é bom viver o presente, para sentir que algumas coisas ultrapassam leve e calmamente a barreira do tempo, e o tornam relativo.

Um deles preparara cuidadosamente um vídeo com as fotos que cada um enviara. Surpresa: sua câmera também passeara pelos mesmos corredores por onde desfilamos nossa adolescência! Um efeito esmaeceu e descoloriu as imagens, mas os sorrisos iluminaram os rostos! Quem ainda não havia recordado de alguém, voltou no tempo e passou a enxergar com aqueles mesmos olhos e não teve mais dúvidas. Todos haviam rejuvenescido, como por encanto!

Fonte da juventude? Não! Bela juventude, como fonte!

As lembranças são assim mesmo: imagens que podem perder o foco, mas que não resistem a um novo olhar.

Foi pouco tempo para matar tanta saudade, mas foi tempo mais que suficiente para plantar nova semente!

No olhar e sorriso de cada um ficou a certeza de novos momentos, futuros, que serão, com certeza, presentes, mas que nunca serão passados!

AMAR É PRECISO

(Fev./2003)

Engenheiros adoram compreender o motivo e o sentido das coisas para, depois sintetizá-las e sistematizá-las.

Seria possível fazer isso com o amor?

Vejamos:

Hipótese 1: O amor é Matemática?

Se for estaremos criando uma nova escola, que subverte todas as certezas lógicas de Descartes e outros, pois, dentre outras coisas, como podemos justificar a soma abstrata de dois seres, que resulta um único... ou três... ou mais, mas que nunca deve resultar dois?

Hipótese 2: O amor é Física?

Mas como justificar a união de corpos e almas que, quando ocorre, não conseguimos diferenciar onde começa um e termina o outro, contradizendo a máxima de que não podem ocupar o mesmo espaço, ao mesmo tempo?

Hipótese 3: O amor é Estatística e Probabilidade?

Pode não ser, mas sua existência correspondida é diretamente proporcional à felicidade, à paz e a tudo que nos é caro e desejado. O amor também está sujeito a arranjos, combinações e permutas. Mas se os objetivos não forem comuns serão meras manipulações de dados, que não se sustentam com o tempo.

Hipótese 4: O amor é Química?

Nesse caso, há alguma coerência, pois átomos se juntam para formar substâncias e substâncias se unem para formar misturas.

Eureca! O amor é um amálgama, tanto no sentido químico como no sentido humano!

Ele pode despertar o oculto e domesticar o revolto, mas, como todo o amálgama, precisamos cuidar para que a mistura não se desfaça e perca suas propriedades mágicas. Temos que controlar sua dosagem e mantê-lo em constante movimento até encontrar a proporção ideal, para que um elemento não anule as propriedades do outro ou a mistura desande. É como leite e chocolate: quando encontramos a proporção ideal, todos que provam gostam e repassam a receita de pais para filhos, de filhos para netos e até à eternidade, cada um ensinando, adaptando e dando seu toque pessoal à fórmula básica, natural e universal.

É isso: o amor tem que ser cultivado, cuidado, festejado, aprimorado e, sobretudo, vivido! E todos nós podemos - e devemos - contribuir com nossa ciência e consciência, nosso entusiasmo e nossa crença absoluta em seu poder transformador.

O amor tem que ser sinônimo de felicidade, de cumplicidade e de compromisso com o outro e com a vida. Também envolve renúncia ao que não soma e adesão incondicional ao que frutifica, além de respeito às individualidades e consolidação do que converge.

É certo e triste que o amor possa desandar ou que a mistura se desfaça ou que os sentimentos enfraqueçam na rotina, nas atribulações, no individualismo, na ausência de diálogo e nas crises existenciais. Toda sociedade está sujeita a isso. Pior ainda é quando o que era amor se transforma em ressentimento, ódio, remorso ou violência e ferem inocentes, inclusive. Mas também é verdade que sempre possível corrigir, revolver e reciclar essa mistura, de maneira que volte a nos alimentar e satisfazer além de inspirar aos que dela frutificarem ou provem de seu convívio inspirador.

Pensando bem, tolice minha essa de tentar definir o amor. Amar não é uma ciência exata, embora sua sublimação seja exatamente o que buscamos e queremos demonstrar. Que seja, então, apenas um verbo, mas conjugado apenas em dois tempos: Presente e Futuro, todos mais que perfeitos e imperativos. E que nele toda a voz seja sempre ativa, pois, tanto quanto viver, amar é preciso!

O AVESSE DA FÉ

(Set./2004)

Sobre política, futebol e religião não se discute!

Isso é verdade para quem não está preparado para conviver com o contraditório. Se estivesse, com certeza saberia tirar proveito de uma saudável troca de opiniões. Mas, quando o único interesse é ganhar, todos saem perdendo, principalmente a verdade.

Por isso uma afirmação do comentarista Arnaldo Jabor, no "Jornal da Globo", de 06/09/04, deixou-me profundamente perturbado:

Ao falar sobre a morte de crianças no malfadado desenlace da ocupação da escola na Ossétia, ele concluiu que para os muçulmanos isso não representava nada. Segundo Jabor, para os adeptos do Islã nós não passaríamos de “cães infiéis”, qualquer que fosse a idade. Assim, para nós só haveria duas opções: a conversão ou a morte, para glória da “fé”.

A evolução de sua linha de raciocínio já me incomodava terrivelmente, quando ele concluiu que essa seria a ótica do fanatismo, que, infelizmente, vem ganhando muitos adeptos no Oriente. Acrescentou, entretanto, que preocupava muito o silêncio de lideranças esclarecidas, religiosas e políticas, sobre essa escalada de violência religiosa. Enquanto os extremistas de praxe defendiam a “natureza” do ato, ninguém condenou os ataques! Seria aquiescência ou medo de ser vítima do próprio remédio doméstico?

Felizmente, Jabor terminou neutralizando um pouco da acidez e aspereza de seus comentários: fez um apelo ao entendimento e à união dos esclarecidos contra toda espécie de fanatismo.

De fato, a religião não é o problema. Este, gravíssimo e histórico, reside no mau uso da religião.

Na maioria dos casos, o que está em jogo não é a salvação das almas, mas o poder sobre as gentes, pois poucas religiões educam para o conagraamento entre os povos. Preferem, em vez disso, fomentar discriminação, intolerância e contendas.

Não seria surpresa se, ao juntarmos todas num mesmo recipiente, verificássemos que, apesar de oriundas da mesma substância, não se misturariam. Pelo contrário, cada uma buscaria, a qualquer custo, ocupar a superfície. Talvez as moléculas buscassem o equilíbrio, mas o invólucro da mútua ignorância e ódio, doutrinados desde o berço, impediria a formação de uma substância universal: o “barro” de onde viemos. O resultado é que, em vez de água para saciar todas as sedes, a mistura produz nitroglicerina pura, altamente instável e explosiva!

O pior é que essa disputa não opõe apenas grandes religiões entre si: cada uma delas também tem seus problemas internos, seus cismas e correntes que disputam entre si. Sob o mesmo “teto”, uns tratam os outros como infiéis e oferecem as mesmas duas opções: a conversão ou o inferno, pela morte induzida ou natural. Todos se dizem ser os “povos escolhidos” e únicos herdeiros e merecedores das benesses divinas. Mas, se todos acreditam verdadeiramente nisso, porque não crêem, então, que todos realmente o são e pronto? Todos ficariam felizes e o mundo em paz!

A fé poderia, assim, curar feridas, unir todos os seres humanos! Mas as lideranças preferem cultivar as chagas e apelar para guerras “santas”, que quase sempre não passam de manobras para manterem o poder secular. O que deveria tornar a vida das pessoas melhor a torna um inferno de ódio, que torna a morte única alternativa para alcançar o paraíso.

Todos falam que suas doutrinas prezam a paz e a convivência pacífica, mas poucos as praticam. Preferem a “doutrina da conveniência”, pois justifica seus atos extremos, enquanto condena os dos outros.

O desvirtuamento de princípios chega a tal ponto, que todo o ato humano desprezível deixa de ser julgado individualmente, para ser considerado um defeito da “espécie”.

Os EUA invadem o Iraque, em busca de petróleo árabe, mas a culpa não é dos interesses comerciais, que os árabes também têm: é dos cristãos, infiéis! Rebeldes chechenos ocupam uma escola no Cáucaso, mas a culpa não é dos russos, que mantêm a Chechênia dependente, por ser região petrolífera: é dos muçulmanos, terroristas fanáticos!

Sobra culpa, mas falta perdão! Transborda loucura, mas inexistente razão!

Mas todos alegam ter razão! Todos alegam ser os verdadeiros guardiões da fé! Todos dizem prezar pelos fundamentos de suas religiões! Mas, afinal, que fundamentalismo é esse que não tem a paz e o amor como base e que prega a aniquilação de outros filhos do mesmo Deus, apenas por não pensarem igual?

Jabor afirmou constar que a maioria dos terroristas do mundo era muçulmana! Se terrorismo é destruir vidas, semear o medo e rejeitar o contraditório, então isso não é uma condição única desse povo, que já deu poetas e cientistas maravilhosos à civilização. Infelizmente, o terrorismo faz parte de nosso cotidiano, mesmo entre irmãos da mesma fé. E qualquer que seja a religião, nunca ninguém, por mais "iluminado" que acredite ser ou faça crer, conseguirá provar ou justificar que o ódio, a vingança e a morte, com o sangue de inocentes nas mãos, fazem parte do projeto de Deus para a humanidade!

O TODO E A PARTE

(Set./2004)

A parte pode ser mais importante que o todo?

Não! Na verdade a parte não existiria sem o todo!

Podemos aprender a viver sem algumas partes do corpo, mas no caso dos órgãos vitais é diferente: sem eles a morte é uma questão de tempo e a vida só subsiste sustentada por processos artificiais, mantidos por terceiros.

A alternativa é o milagre dos transplantes, que permitem mais uma chance para os que recebem e uma benção póstuma para os que doam.

A busca é uma só: manter ou recuperar a autonomia física! Mas ainda não existem transplantes de cérebro.

Não de fato, mas o que dizer dos que abrem mão, voluntariamente, de suas faculdades mentais, deixando de ser unidades autônomas e inteligentes, para se transformarem em terminais ou robôs “pseudo-espertos”?

E o que dizer dos que tomam corações e cérebros dos outros, não para salvar vidas, mas para viver e tirar proveito delas?

Alguns chamariam isso de escravidão, mas a habilidade de outros lhes deu ares de status social, de objeto de desejo.

Para os que não aceitam esse tido de dominação a vida fica mais difícil. É o preço da liberdade. Mas, para os que se submetem é dado passaporte para o sucesso material, ao menos até que a cobrança venha...

Para estes, a ilusão de superioridade fica subordinada à perda da liberdade de pensar e agir. Deixando o todo para pertencer a uma parte, eles passam a ser um pedaços mantidos artificialmente, congelados ou sujeitos à vontade de terceiros, que são primeiros.

É assim com alguns grupos humanos, que acreditam representar a parte mais importante do todo. Deveriam ser questionados, mas, pelo contrário, há os que anseiam por integrá-los.

Por honra e vontade de fazer bem à humanidade? Não! Por cobiça, arrogância e oportunidade de obter vantagens em detrimento do próximo. Ser parte, mas tirar proveito do todo!

É certo que existem grupos bem intencionados, constituídos para beneficiar a sociedade como um todo. Não são poucos, no entanto, os organizados com o intuito de usar do poder que alcançam, para que seus membros se locupletem do que não lhes pertence.

Fazer parte desse tipo de grupo envolve riscos de várias espécies. A primeira coisa que se perde é a imparcialidade, pois a prioridade passa a ser zelar pelo bem da parte sem, necessariamente, prezar pelo bem do todo. Alguns chegam a acreditar que a parte é o todo! Mas todos vivem de querer tudo de valor para si, merecendo ou não, e o resto que se dane, merecendo ou não. O objetivo aparentemente almejado é a tranqüilidade material e espiritual, mas quem aceita deixar a vida se levar dessa forma, corre o risco de que o diabo a carregue.

Por isso, quem quer ser independente tem dificuldade em aderir a partidos políticos e outros grupos afins, e paga um preço alto por isso, pois, enquanto os outros disputam 100 metros rasos, com cartas marcadas, eles são submetidos a constantes testes, numa infundável corrida de obstáculos. Só que a perda de independência de pensamento nunca valerá o preço da conveniência material ou pseudo-espiritual.

No mais, a condição básica para pertencer à parte é segregar e discriminar quem não faz parte dela.

Quando Cristo disse: “Quem não é por mim, é contra mim!” falava na condição de todo. As “partes”, no entanto, usam esse mote erroneamente. O resultado é que o todo se perde em partes, que disputam entre si, nunca pelo bem de todos, mas para tentar prevalecer, sem a mínima intenção de buscar a igualdade original. A igualdade, aliás, faz parte do discurso de todos, mas nunca é praticada. Com raras exceções, os que progridem em suas hierarquias, acreditam atingir, vaidosos, estágios mais evoluídos da existência humana, quando, na verdade, só demonstram a fragilidade e baixaza de seus princípios, por acreditarem serem superiores ao semelhante.

Se Deus não vê diferenças em nós, por que vivemos a multiplicá-las?

A verdade é que somos todos iguais! Mas essa verdade não interessa para quem quer ser diferente, não importa no que se transforme e no quanto prejudicará ao próximo para saciar seus desejos e intentos.

Só que a verdadeira grandeza não está em rivalizar ou superar os arrogantes poderosos, mas em ser veículo para a eliminação dos entraves ao livre desenvolvimento da humanidade. E qual é a efetiva contribuição da maioria dessas partes para o projeto de um mundo melhor, lembrando que esse mundo não se resume, apenas, a seus de familiares e correligionários? Até onde estão preparadas para repartir o pão: material, intelectual e espiritual, em vez de distribuir migalhas em troca de submissão e favores?

Essas perguntas só poderão ser respondidas por quem tiver autonomia de pensamento, coerência e imparcialidade, ou seja, quem esteja integrado e seja partícipe do todo!

O resto é parte... Poderosa, às vezes... Mas, sempre, parte!

PELÉ ETERNO... E UNIVERSAL!

(Jul./2004)

Quem o vê ainda acredita que ele possa entrar em campo e exercer sua majestade irreverente.

O porte atlético, o sorriso aberto, o jeito mineiro – a pedra mais preciosa extraída das Minas Gerais -, o sotaque santista – onde a pedra foi lapidada - e o inconfundível “entende?” ainda são os mesmos. Por onde ele passa mesmo os que não assistiram seu reinado espalham pétalas de sorrisos amigáveis e agradecidos.

Quem diria que ele nasceu numa época em que algumas cidades brasileiras ainda tinham as calçadas para brancos e as para negros...

Tive a felicidade de vê-lo jogar quando mingau de aveia ainda era minha comida favorita e não via motivos para distinguir pessoas, por qualquer razão que fosse. Só havia as boas e as más! Graças a Pelé, quando mais tarde alguém tentou justificar o preconceito racial, aquilo me pareceu tão sem propósito e coerência, que passei a nutrir um profundo desprezo, sim, mas pelos preconceituosos e extremistas.

Pelé surtiu esse efeito em muitas pessoas, no Brasil e no mundo.

Até as torcidas adversárias, quando o ataçavam ou ofendiam, não era por preconceito, mas para extrair dele um novo momento mágico, uma nova obra-prima. Tanto que os mesmos que, antes, xingavam, depois aplaudiam de pé seus prodígios, agradecidos e deslumbrados. A dor do adverso existia, mas o fascínio era um bálsamo que aliviava seus efeitos. A sabedoria popular sabe que não há arte sem inspiração!

A paixão de Pelé pela bola foi tão grande, que até goleiro ele foi para poder abraçar sua maior amada! Mas sua ascensão ao Olimpo não foi fácil:

Pelé foi caçado, às vezes abatido de forma covarde e desleal, mas nunca se abateu perante os desafios do esporte e da vida. O físico extraordinário, a visão privilegiada – apesar da miopia mínima -, a percepção quase premonitória, a orientação que recebeu, no tempo certo, dos mais experientes e a imprevisibilidade do gênio foram complementados pela a malícia do revide preciso e pedagógico.

Quando eu e meu filho – então com dez anos - vimos “Pelé Eterno” foi um festival de emoções e gargalhadas incontidas. Em dado momento ele olhou para mim, com um largo sorriso do rosto, e comemorou: “E ele jogou no nosso time!”.

Pelé tem essa aura de eternidade, que expõe sorrisos espontâneos, que parou guerras e curvou poderosos. Só ele era capaz de lotar estádios com gente de todas as raças, etnias, credos, ideologias e nacionalidades sem que isso fizesse a menor diferença para uns ou outros. Mais que isso, fez com que trocassem sorrisos e abraços, e gritassem, em uníssono, a mesma palavra: Gooooool!

Que grande embaixador do ecumenismo e da paz universal! Que grande maestro de platéias, que ao seu comando, preciso, gritavam ou calavam. Pensando bem, existe uma divina coerência e propriedade no nome dos dois times que Pelé defendeu profissionalmente: Santos e Cosmos!

Defeitos? Não encontrar muitos nele! Mas quem não os tem? Como figura pública, o peso de seus atos e palavras é muito maior. Mas pouquíssimas personalidades souberam conduzir sua carreira de forma tão sóbria e correta, apesar do assédio selvagem a que sempre esteve sujeito desde a adolescência. Consciente de seu papel, Pelé foi um operário de sua arte, exercendo-a, dentro do campo, e aperfeiçoando-a, fora dele. E nunca deixou de agradecer a Deus por seu dom!

O que mais surpreende é que Pelé veio de uma família humilde, mas sólida. Graças a esse diferencial ele pôde ascender ao estrelado, com a velocidade da luz, para transformar-se na estrela de maior grandeza do esporte mundial, sem sair da órbita de si próprio e sem perder a noção de seu papel. Luz negra, que realçou todos os detalhes da grande festa do futebol e foi cortejado por grandes líderes e artistas. No entanto, era nos braços do povo que ele encontrava o carinho ideal!

Pelé sempre será lembrado pela história que construiu, pelas 1.281 vezes que balançou, oficialmente, as redes adversárias, pelos gols que não fez, pelos “gols de bandeja”, pela quantidade imbatível de títulos, pelas tabelinhas, pelos dribles improváveis, que faziam a alegria dos ortopedistas; pelas arrancadas fulminantes e pelos clássicos socos no ar. Mas também não será esquecido por ter suportado as pressões e dores sem recorrer ou sucumbir ao vício. Por tudo isso seu nome jamais ficará perdido, nem na poeira da vida, nem na bruma do tempo.

Pelé não precisa de altar, nem da devoção de fanáticos! Só pede que lhe prestem homenagens em vida.

Nada mais justo para quem ensinou que o mundo, como a bola, só tem dois lados: o de dentro e o de fora, e que estamos todos dentro dele e devemos tratá-lo - e ao próximo - com o mesmo respeito e amor! E não precisa ser de Três Corações para fazê-lo... Basta um!

Salve o Craque-Café! Salve o Rei do Futebol! Salve o Atleta do Século, que jogou no meu time e na minha seleção!

HIPÓTESE GAIA

(Ago./2004)

Sou um entusiasta da ficção científica!

Desde criança, o imaginário futurista dos autores desse gênero literário me fascina. As versões cinematográficas, embora nem sempre bem sucedidas, também acompanham essa predileção.

A clareza asséptica dos ambientes cibernéticos contrasta com a desolação devastadora das paisagens pós-apocalípticas; o uso intenso da tecnologia se alterna com uma intensa busca da espiritualidade e o ser humano, que já era pequeno, diante de seu planeta, sente-se ainda menor, perante a imensidão do universo.

Talvez por sintetizar um pouco de tudo isso, o filme *Final Fantasy* (*Final Fantasy: The Spirits Within*, EUA, 2001), apesar de não ser nenhum clássico, exerce certo fascínio sobre mim. Por conta disso já o vi várias vezes! Foi na quarta vez, no entanto, que tive a oportunidade de aprender algo novo, ao menos para mim:

Meu filho, Guilherme, então com dez anos, ainda não havia visto o filme e o acompanhava, como sempre, com muita atenção. Imaginei que a abordagem filosófica do filme fosse um pouco complexa, com seus espectros, imagens surrealistas e teorias telúricas. Puxei conversa sobre isso e, para minha surpresa, ele afirmou, com naturalidade, que já conhecia a Hipótese Gaia mencionada pelos cientistas do filme... Não satisfeito, foi buscar seu livro de ciências e apresentou-me o cientista britânico, Sir James Lovelock, e sua teoria formulada na década de 1960! Continuo a aprender com o meu guri!

A idéia de que a Terra seja um organismo vivo, sensível e inteligente, na verdade, não é nova. O próprio nome Gaia vem da mitologia grega, no capítulo: origem da Terra. "Gaea" era o nome atribuído à Terra e seu surgimento, das sombras do nada inicial, é descrito coma a dança de um redemoinho, que se consolida e evolui como planeta. Descrições análogas são encontradas nas mitologias de várias civilizações e o próprio Livro do Gênese retrata a criação do mundo e do próprio ser humano de forma semelhante: formado do mesmo "barro" da Terra e animado com um "sopro" divino.

Se os átomos formam as moléculas, que constituem as células: base o organismo humano, feito à imagem e semelhança de Deus, não há incoerência em considerar que também somos partes do tecido orgânico de nosso planeta.

O mesmo raciocínio vale para a Terra, em relação ao sistema solar; para este, em relação à Via Láctea e para esta, em relação ao universo. Somos, todos, parte dessa incomensurável "multiplicação celular"!

Mas ao ver o filme futurista e compará-lo com o presente veio à mente a dúvida: somos células sãs ou cancerosas, nesse organismo? Pior: será que somos vírus?

Enquanto os povos eram nômades e dispersos não éramos risco ao equilíbrio do meio ambiente: a fauna e a flora se reciclavam. O surgimento das aglomerações urbanas representou o início de problemas, posteriormente agravados pelo extrativismo vegetal e mineral, e pela industrialização, desenfreados. Ainda não conseguimos equacioná-los, quanto mais solucioná-los. O resultado é que continuamos caminhando, a passos largos e rápidos, para uma situação já imaginada pelos ficcionistas científicos e futurólogos: o colapso ambiental!

A preocupação dos cientistas e ambientalistas já identificou origens e soluções, mas a visão de curto prazo de nossos governantes e a ganância de empresários insiste em postergar as providências que evitariam esse epílogo, ignorando que essa contagem regressiva não se faz mais em séculos, mas em décadas ou anos.

Os sinais são claros: extinção de espécies, exaustão de recursos minerais, desertificação, distúrbios climáticos... Todos são como tumores, que caminham rapidamente para a metástase e a falência do organismo.

A humanidade aprendeu a superar os obstáculos da natureza, mas ainda não conseguiu conter seu próprio instinto selvagem. Sofre as conseqüências de seus atos, mas não aprende com seus erros. Testa limites onde não deveria fazê-lo. Finge que não vê, ou que não é responsável pelos resultados. Mas a responsabilidade é de todos e ninguém está imune às conseqüências!

Fanáticos, alarmistas e mistificadores vibram, pois este terreno progressivamente árido e doente é fértil aos seus propósitos. Mas, se devemos zelar pela alma, também precisamos zelar pelo corpo. Para tanto: espírito e corpo, ser humano e Terra, o universo e Deus devem estar em comunhão e equilíbrio, perfeito e natural. E num organismo são os tecidos tendem a regenerar-se mais rapidamente!

Controlar a poluição ambiental, racionalizar, pesquisar e diversificar formas de produção sustentada de energia e alimentos são necessidades reais e imediatas, muito mais prementes e indispensáveis do que os lucros fáceis e abundantes dos mercados de supérfluos e conflitos bélicos forjados.

Talvez alguns digam que todo esse cuidado humano pode de nada adiantar se um meteoro atingir nosso planeta, ou se um vulcão explodir, em Yellowstone.

Essas são outras hipóteses.

Pobre Gaia? Não! Se a Terra é um organismo vivo, nada a impede, como no poema de Drumond, de encontrar uma pedra no caminho. Além disso, qualquer volta ao pó, seja terrena ou cósmica, será o proverbial retorno do corpo à matéria e do espírito à essência de Deus. Qualquer que seja o futuro que nos aguarda, o importante é que saibamos cuidar bem desses dois templos de Deus, nosso corpo e a Terra, enquanto habitarmos neles.

O que está fora de nossas mãos ocorrerá de uma forma ou de outra... Enquanto isso, o mínimo que podemos fazer por nossos descendentes é não lhes negar um futuro!

TAPETES VERMELHOS

(Out./2004)

Não cultivo nem cultuo ídolos, mitos ou gurus, sobretudo quando se trata de seres humanos!

A lógica que me levou a essa condição me parece bastante elementar:

Embora caiba a cada um de nós desenvolvermos nossos potenciais, tudo o que somos de bom é uma dádiva de Deus! Por que, então, colocar seres humanos em pedestais?

Quem se sobressaia positivamente em uma determinada área, igualmente positiva, merece respeito, mas nunca idolatria! Esse respeito, aliás, está na consciência de que pessoas têm virtudes, mas também têm defeitos, pois são feitas de carne e osso como qualquer mortal. Assim, apreciar as qualidades de quem quer que seja não implica omitir ou fazer “vistas grossas” aos seus defeitos. Se o fizermos estaremos entrando na perigosa seara do fanatismo.

Essa consciência da imperfeição deve ser encarada como uma benção universal, pois coloca-nos na condição singular de podermos ser importantes ao menos para nós mesmos, sem ofuscar ou apagar o brilho do semelhante, ou seja: sermos auto-suficientes!

Quem vive só para adorar seu ídolo ou só de ser adorado pelos fãs passa sua existência, muitas vezes sem perceber, flertando com a insanidade, o que é demonstrado pelos desvarios e excessos praticados por uns e outros, apenas para continuarem sendo adorados ou acreditarem terem sido notados por seus ícones.

Identificar-se? Tudo bem! Mas colocar a vida a serviço de um mito engendra um processo de autodestruição progressiva da personalidade e da racionalidade.

Analisando friamente, por que brigar, vestir a camisa, levantar a bandeira ou estender tapetes vermelhos para seres humanos, só porque eles têm alguma aptidão que apreciamos? No mais, em alguns casos, extremos, essa adoração tende a funcionar como uma fuga dos problemas reais. Só que isso não os resolve! Pior: os acumula, multiplica e agrava!

Uma coisa é dedicar conscientemente a vida ao próximo, ser solidário e prestativo; outra é viver a existência em função de uma única pessoa ou coisa, festejando seus sucessos e sofrendo seus fracassos como se fossem nossos.

Uma bela voz, um belo rosto, uma pintura genial, uma música maravilhosa, um estadista carismático, um pioneiro audacioso, um cientista brilhante... Tudo representa a consumação de faculdades humanas que todos nós possuímos, embora nem sempre tenhamos coragem ou oportunidade de manifestá-las, tantos são os obstáculos que podem existir para alguns. Mas se são especiais em algo, também são medíocres em outras coisas, pois são humanos como nós!

Esquecer a própria identidade e aceitar a submissão a um ídolo é, portanto, colocar-se abaixo do limite da mediocridade e, mais do que isso, é renunciar à condição de universo para transformar-se em mera poeira de “estrelas”.

É sempre bom lembrar que fomos feitos à imagem e semelhança de Deus. Somos, portanto, herdeiros de muito mais do que imaginamos!

Por isso, quando aceitamos ou criamos ídolos humanos é como se estivéssemos lançando um fardo sobre suas costas e arreios sobre as nossas. Uma relação construída dessa forma só terá aspectos negativos, mesmo para os que tiram proveito consciente delas. Não é à toa que a história é pródiga de ídolos, que destruíram a própria vida por não suportarem o assédio e as cobranças; e de fãs que mataram ou morreram por não se darem nenhuma opção de individualidade.

Viver, perder a própria identidade e, até, morrer por um ídolo, um time ou algo parecido é um desperdício terrível da própria vida. Além disso, a humanidade pode estar perdendo um novo gênio ou, no mínimo, um ser humano digno!

Com certeza, cada um já teve ao menos um momento sublime na vida, quando sentiu a alma tornar o corpo leve e a mente ultrapassar a barreira dos 10%. A única diferença é que não havia platéia para aplaudir e registrar...

Mas Deus, com certeza, viu e deu imenso valor!

Existem muitos nomes famosos, em muitas áreas e vários países. Imaginem se eles tivessem preferido ficar limitados ao culto de seus antecessores ou mestres?

O mesmo vale para nós! Por isso, é fundamental aprendermos a nos respeitar e ao próximo como seres humanos e indivíduos capazes, que todos somos!

Tornar nossa vida produtiva e auto-suficiente. Esse é o grande desafio! Senão, não faltarão invasores e posseiros...

PEQUENOS MILAGRES

(Jul./2004)

Ouvi esta história de um colega francês, sobre um seu amigo, árabe:

Ele havia passado a infância na Argélia e, como a maioria de seus conterrâneos, vinha de uma formação muçulmana tradicional.

Apesar dos rigores, no entanto, as crianças, meninos e meninas, podiam brincar livremente, ao menos até o início da adolescência.

Nesse período ingênuo ele estabeleceu uma profunda e sincera amizade com uma das meninas. Amizade daquelas em que a simples lembrança do amigo já aquece o coração. Eram inseparáveis e confidentes num convívio que chamava a atenção de todos e que parecia poder durar por toda a vida.

Desde aqueles tempos eles passaram a sonhar com essa continuidade, como se um não concebesse viver sem o outro. Mas havia um sério empecilho a esse intento: havia um costume local, segundo o qual, quando o homem atingisse a idade adulta teria de escolher sua esposa dentre todas as mulheres solteiras de sua aldeia.

Isso não seria nenhum problema, não fosse o fato de, quando da escolha, todas as pretendentes apresentarem-se perfiladas, imóveis, silenciosas e com o mesmo tipo de "burka", ou seja, indistinguíveis!

Na época, havia muito mais mulheres do que homens, pois a Argélia ainda sofria os efeitos de conflitos tribais e da guerra de independência da França. Como agravante, o casamento era a única perspectiva para as mulheres de sua aldeia. Assim, seu amor estava terrivelmente ameaçado!

Mas o tempo passou e continuou aquele convívio ingênuo e afetuoso, até que o início da adolescência os separou.

Então, veio o dia fatídico...

No estrito cumprimento da tradição, ele observou todas as candidatas a noivas, alinhadas e em estrita obediência aos costumes. Após alguns instantes, sob a rigorosa supervisão dos religiosos e líderes locais, e das mães, igualmente ansiosas, das pretendentes, ele apontou para uma delas.

Surpresa geral! Ele havia escolhido justamente sua amada!

Preteridas e respectivas mães lançaram suspeita sobre a coincidência, contrastando com a felicidade radiante do casal diante da possibilidade de

consumar seus sonhos de infância. Os anciãos e clérigos, no entanto, não encontraram motivos para anular o resultado do procedimento.

Sua união foi abençoada e permaneceram juntos e felizes, como nas obras mais inspiradas dos grandes autores árabes. Ela foi sua única esposa!

Assim, o amor sincero não se prestou às incertezas de usos e costumes concebidos para sossegar ímpetos e contornar cobranças sociais!

Providência divina?

De certa forma, sim, mas sob outro tipo de manifestação: ainda crianças, eles combinaram um sinal, que deveria ser observado por ele no dia da escolha.

Se o amor não fosse sincero e mútuo ela não o teria usado e ele, provavelmente, já o teria esquecido. Mas também é verdade que ela ainda não havia sido escolhida e tampouco tinha chegado o momento dele escolher.

Às vezes os milagres e a felicidade estão ao nosso alcance, dentro de nós, plantados por Deus! Só precisam de sentimentos sinceros e puros para aflorar!

DIVINOS E HUMANOS DONS

(Jul./2004)

Cada um de nós nasce com, no mínimo, um dom!

A moderna psicologia atribui a eles o nome, muito próprio, de “inteligências”. Só que há muito mais tempo eles já eram considerados presentes do Criador. Sendo assim, todos são inteligentes de alguma forma, por mercê de Deus, e essa inteligência é a base para o desenvolvimento dessas aptidões.

Como rejeitar um presentão desses?

Na verdade, o dom é como uma pedra bruta, que precisa ser lavrada e lapidada para realçar sua beleza e pureza natural. Só que em vez de auxiliar nesse processo de identificação, incentivo e desenvolvimento a sociedade prefere “lançar pérolas aos porcos”, garantindo as melhores oportunidades a quem não tem, necessariamente, méritos, mas tem poder aquisitivo. Assim, em vez de grandes artistas e cientistas formamos profissionais elitistas, burocráticos e insossos sob um verniz artificial de competência e erudição.

O problema é que nem todos estão preparados para identificar esses dons e se os identificam não sabem o que fazer para desenvolver ou auxiliar no seu desenvolvimento. Mesmo nas famílias, um talento ou potencial acaba sepultado por dificuldades financeiras ou frustrações paternas, sintetizadas na sentença sumária e desanimadora do: “Isso não leva a nada!”.

Não é muito diferente na escola. Aliás, uma das deficiências que os sistemas educacionais lutam para superar é a tendência de educar para a mediocridade, ou seja: em vez de incentivar e auxiliar no desenvolvimento das habilidades naturais dos alunos, os padrões adotados os conduzem à obrigatoriedade de dedicar mais tempo as suas deficiências, o que uniformiza desempenhos e elimina “discrepâncias”, para o bem ou para o mal. Para piorar, parece existirem mais professores interessados em limitarem os alunos ao que conhecem do que em serem ponte ou abrirem caminho para que eles avancem. Parecem mais preocupados com o próprio ego do que com sua sagrada missão, Ou será, apenas, simples e corrosiva inveja?

Só que nós não somos limite para nada e é de uma mesquinhez imperdoável distribuir freios e arreios, por medo ou incompetência de acompanhar. Na verdade, também somos exemplos, em certa medida, dessa sagração da mediocridade.

Por exigências de grupos sociais e de mercado somos moldados e cobrados segundo seus interesses. Não importa o que queremos ou sabemos, mas o que esperam de nós, para assegurar sua ascendência. Nossos dons e gostos só despertam interesses se representarem uma oportunidade lucrativa. Assim, existem mais magnatas esnobes dispostos a adquirir obras de arte por somas astronômicas, apenas para alimentar sua vaidade, do que mecenas interessados em descobrir e investir em novos talentos.

Quantos gênios já foram destruídos por essa “homogeneização”? No extremo-oposto, quantos prodígios tiveram sua vida torturada, exaurida ou encurtada pela ganância insensível do lucro?

Essas limitações vão desfazendo progressivamente nossos sonhos, tirando nosso brilho, obscurecendo nossos dons ou, pior, fazendo com que os reneguemos.

É preciso, sim, ter os pés no chão, mas a cabeça tem que estar bem acima deles! Senão, construiremos uma vida segundo o que esperam de nós! Nosso sucesso será atingir os objetivos dos outros! Nossa felicidade será cumprir suas metas e, depois, aceitar seus novos desafios!

Uma vida perfeita? Talvez... Só que dos outros!

O que nos diferenciará de fantoches, zumbis, rebanhos ou máquinas? A decisão de aceitar, convictos, essa condição bastarda?

E quando formos descartados? O que restará de nosso, em vida? O que nos motivará?

Portanto: quem tiver o dom da palavra, que fale! Quem souber cantar, que cante! Quem tiver o dom da dança, que dance! Quem tiver o dom da arte e da ciência, que crie e descubra! Mas também é um dom, talvez o mais especial de todos, saber identificar os dons dos outros e auxiliar no seu desenvolvimento como quem lapida pelo prazer de revelar a beleza da pedra, sem se importar com o crédito da jóia.

Agora: quem quiser calá-los, que se cale, pelo bem da humanidade!

E por falar em dom: não há maior do que a própria vida, que é o instrumento fundamental para tudo o mais! E não há maior ingratidão do que desperdiçar a própria vida e a dos outros desprezando ou destruindo essas sementes que cada um traz dentro de si!

AUTISMO SOCIAL

(Mai./2004)

Para algumas pessoas tudo é relativo! As opiniões dos outros, mesmo que de especialistas, só são consideradas quando ratificam as próprias. A “qualidade” do autor dependerá da convergência de pontos de vistas ou justificação de atitudes pessoais, geralmente acompanhadas de um triunfante: “É como eu sempre disse!” ou um enfadado: “Nada que eu já não soubesse...”. O que – e quem – não estiver adequado a sua escala de “valores” não tem relevância.

Os lugares que freqüentam, as pessoas com quem convivem, os livros que lêem, a música que ouvem e os filmes que assistem são *must* ou *cult*. Seus “princípios” de éticos e morais são reescritos segundo a conveniência do momento. Quando sua "autoridade" é insuficiente para convencer, buscam apoio em autores famosos, pinçando-lhes frases aleatórias para reforçarem suas teses, ou emprestam suas opiniões a “sábios” orientais, inventados. Não importa que elas estejam fora de contexto ou que seus autores não tenham praticado o que teorizaram e apregoaram. O que vale é a “respaldo” cultural! Paradoxalmente, o que para elas é demonstração de cultura e espírito, quando outras fazem passa a ser "lugar comum", clichê ou pedantismo.

Crêem-se perfeitas, daí, mesmo seus vícios e defeitos são tidos como virtudes. Elas não incomodam! Só são incomodadas...

Qualquer tentativa de desfazer esse “universo perfeito” é considerada "paranóica", leviana ou preconceituosa. “Muito barulho por nada!”. A exceção é quando suas “virtudes” ocasionam risco de morte ou fracasso de vida. Depois do choque inicial o até então "virtuoso" mudará radicalmente de opinião sobre o assunto. Combaterá tudo o que, antes, defendia de forma talvez mais neurótica.

Na relatividade de suas “teorias” tudo é baseado na vaidade pessoal. Se forem preguiçosos e estiverem fora de forma, considerarão dietas e esportes meros modismos e restrições ao prazer de viver. Dirão que dão mais importância a valores culturais. Se forem atléticos e não gostarem de ler, dirão que “saúde é o que interessa”! Agora, se tiverem que emagrecer por imperativo médico, ninguém poderá comer ou fazer o que faziam dentro de seu raio de visão, ou estarão sujeitos a chilikues e sermões!

A “razão” sempre estará ao lado e, qualquer que seja o caso, os acertos continuarão sendo seus, enquanto os erros, dos outros ou por culpa dos outros,

ou do mundo! Sua opinião relativa continuará absoluta, ao menos até que mude de idéia novamente.

Ora, a mudança de opinião é natural no ser humano. Afinal, as informações e experiências vão sendo acumuladas ao longo da vida. Mas elas vêm de todos os lados e, se soubermos filtrar sua essência, uma fonte humilde pode ser tão significativa quanto uma ilustre. Não por acaso, o Rei Salomão preferiu a sabedoria ao poder material. Enquanto perseverou, consciente, teve os dois!

Não é natural colocar-se no centro do universo! Somos, sim, o centro de nossas vidas e, mesmo assim, só enquanto optamos pela solidão. Não é coerente crermos ser capazes de mudarmos, relativos, enquanto, arrogantes, acreditamos que conhecemos os outros absolutamente, em qualquer tempo: “Se não for, fica sendo!”.

É essa falta de sensibilidade que destrói relacionamentos, pois exalta a si próprio e desrespeita o próximo.

Ter infinita tolerância com os próprios erros e defeitos pode ser bom para o ego, mas impô-los como referência aos demais é algo que beira a insanidade ou, no mínimo, o ridículo!

Relações e vidas construídas sobre essas bases podem, até, ser consentidas, convenientes e “charmosas”, mas serão supérfluas, relativas e efêmeras.

Esse autismo social pode compensar carências afetivas ou frustrações pessoais, mas é preciso ter consciência de que o mundo não tem obrigação de participar dessa “terapia”.

CEGUEIRA DA VISÃO

(Abr./2004)

Existe um tipo de anomalia visual grave, que não pode ser tratada ou curada nem pelos oftalmologistas mais especializados: é a cegueira social.

Seus portadores têm "visível" dificuldade para enxergar o que os incomoda, por exemplo: seus próprios erros, os acertos dos outros e os problemas da sociedade.

Na maioria dos casos relatados, essa doença é adquirida por contágio, em ambientes considerados seletos, e passada de pais para filhos. Seu principal sintoma? O paciente só consegue enxergar pessoas do "seu nível" ou superior. O resto é invisível, a não ser que desperte algum interesse eventual. Eleições, por exemplo.

E quem é invisível? Bem, depende da "visibilidade" social de uns e da capacidade de "enxergar" socialmente, de outros.

Há algum tempo, um pesquisador da USP atuou temporariamente como gari, na Cidade Universitária. Durante esse período não foi reconhecido por seus colegas, mesmo passando ao seu lado. Noutro caso, uma escritora dos EUA usou de todos os recursos cosméticos e dermatológicos para passar-se por empregada doméstica negra. Sofreu toda sorte de preconceito e quase foi estuprada pelo patrão. Mais: um jornalista alemão assumiu identidade turca, para constatar a realidade desses imigrantes em terras tedescas. Descobriu atitudes criminosas de empresários e atos de desumanidade, tais como funcionários contratados como mão-de-obra desqualificada para efetuar limpeza de ambientes contaminados por radioatividade. Soube que estes, depois de desenvolverem os primeiros sintomas de doenças decorrentes, recebiam uma indenização suficiente para voltarem para seu país de origem e comprarem uma casa para viverem o restante de seu tempo de vida, sem saberem o motivo de sua morte.

Infelizmente, apesar dos esforços de algumas instituições, o máximo que esses relatos conseguem despertar na sociedade são lampejos de visão, indignação temporária, quinze minutos de fama ou um "best sellers". Os portadores dessa síndrome que viram a reportagem, leram o livro ou assistiram ao filme são capazes de chorar lágrimas sentidas, ao lembrar dos aspectos mais dramáticos das histórias, mas são incapazes de enxergar exemplos tão ou mais dramáticos a poucos metros de distância.

Existe muita injustiça, corrupção e sofrimento passando todos os dias diante de nossos olhos e não é preciso travestir-se, mudar de cor ou interpretar um personagem fictício para constatá-los. Não os enxergamos ora porque só vemos virtudes em seus autores, por suas posses, hábitos refinados e roupas de grife, ora porque só vemos defeitos nas vítimas: são mal-vestidas, simplórias.

Se o que os olhos não vêem o coração não sente, então é só não olhar ou olhar sem ver. Fixar os olhos na linha do horizonte ou na ponta do nariz e deixar o resto sem foco, sem medo nem culpa. Essa é a cegueira da visão, que também afeta os demais sentidos!

Pilatos também não viu nada, por isso lavou as mãos. O certo não seria lavar os olhos? Quem sabe isso cure dessa doença e permita voltar a ver, plenamente, o que, seguramente, nunca escapa aos olhos de Deus!

Ele está vendo...

NAMORO E AMIZADE

(Jun./2004)

Não existe coisa melhor na vida do que acordar pela manhã e, ao ver a pessoa amada ao seu lado, sentir paz, prazer e alegria. Se a felicidade tem uma definição, esta deve ser a mais próxima. E não há como alcançá-la plenamente sem conjugar esses três elementos!

Alguém pode dizer que eu não mencionei Deus... Ledo engano, pois Deus está presente em cada um deles.

Existem pessoas que os procuram isoladamente, como se fosse possível viver só de paz, só de prazer ou só de alegria. Outros preferem pagar por alguns momentos deles, como se fossem artigos descartáveis de um supermercado. Só que a felicidade e o amor não são descartáveis! Na verdade, os dois são elementos básicos de um processo, que dura a vida toda e jamais pode ser construído por uma única pessoa. Quem quiser participar desse empreendimento precisa: conhecer, planejar, construir e habitar esse relacionamento.

Termina aí? Não! É preciso cuidá-lo, reformá-lo e ampliá-lo sempre em conjunto, para sempre sentir-se bem dentro dele.

Só os egoístas não fazem isso, pois são incapazes de dividir responsabilidades. Só querem receber! Não constroem nada, preferindo viver de relacionamentos de aluguel ou de ocasião. Não amam nem respeitam os sentimentos do outro. Não se entregam. Para eles o relacionamento atual é apenas um interregno do próximo.

Quem ama de verdade é como um cientista: quer conhecer cada vez mais o seu amor! Não fica apenas na superfície, mas passa dias e noites observando e encontrando novos detalhes: nos olhos, na boca, na pele, nos gestos e em cada parte do corpo e da alma da pessoa amada. E cada descoberta ou redescoberta é um novo momento de paz, prazer e alegria!

Quem ama de verdade se entrega, abraça, beija, acaricia, cuida e se cuida. Fala e ouve, concorda e discorda, procura acertar, reconhece erros. Sente e dá prazer, toca e arde na chama dos sentidos para, logo depois, querer pegar seu amor no colo e apertá-lo contra o peito, como para protegê-lo de todo o mal e, ao mesmo tempo, evitar que ele parta.

Quem ama enxerga com os olhos da alma! Vê o que mais ninguém pode ver! É capaz de conciliar instinto e racionalidade! Não se anula, mas compõe, tanto que é impossível imaginar um sem o outro! Confia, mas

sempre sente ciúmes! Sente saudade! Sabe lapidar suas virtudes e administrar seus defeitos. É um ser humano pleno!

Quem ama não fica: está sempre, mesmo quando distante! Namora a vida toda! É capaz de ficar olhando para a pessoa amada, com um misto de ternura e desejo, mesmo depois de anos de convivência. É amigo, amante, cúmplice e sócio!

Mas existem os que consomem a juventude dos outros, confundindo-a com amor. Acreditam, talvez, que permanecerão jovens enquanto tiverem a juventude por perto. Mas nem sempre o calor do corpo aquece a alma. É o verdadeiro amor que a rejuvenesce e não vê o tempo passar, pois descobre a cada dia novos motivos e maneiras para amar. Essa é a verdadeira fonte da juventude!

Vinícius que me desculpe, mas a beleza não é fundamental! Ele pode ter amado suas mulheres apenas por isso, mas elas, seguramente, não o desejaram por sua silhueta “atlética”. Não sei se ele teve a sorte, como eu tenho, de encontrar beleza junto com amor; se trocou ou foi trocado; se pediu mais do que deu ou se deu mais do que recebeu. Só sei que a beleza é que é chama e que o amor pode ser eterno, atraente, insinuante, irradiante e amigo! Só ele é capaz de dar paz, prazer e alegria em pensamentos, atos e palavras! É uma benção divina!

Meus amigos: amar é muito bom! Amem!

Amém!

MULHERES DE PRETO

(Mar./2004)

Outro dia, numa conversa com um amigo, surgiu uma lembrança, comum, dos tempos de infância: nossas avós vestidas de preto.

Naquela época - e não faz tanto tempo assim - era tradição guardar luto pela morte de um ente querido. O respeito era compartilhado até desconhecidos, que fechavam seus estabelecimentos, tiravam seus chapéus ou faziam uma grave reverência quando da passagem de um féretro. Mas não foi esse aspecto respeitoso e costumeiro o que mais marcou essa recordação: foram os enormes períodos de manutenção desse luto.

Minha avó materna enviuvou com menos de cinquenta anos. Vestiu luto por um ano! Mas não deixou de sorrir.

Findo esse período, ela voltou a vestir roupas coloridas, viajar... Lembro-me de vê-la, já perto dos setenta, escalando pedras, intrépida e rindo a cada escorregão, para ver a "Cama de Anchieta", em Itanhaém, e questionando, após a façanha concluída: "Esse sujeito não tinha lugar melhor para dormir?".

A lembrança carinhosa de meu avô, pessoa maravilhosa, nunca a abandonou. Mas ela não deixou de viver em nome de sua ausência!

Continuando a "seção nostalgia", avancei um pouco a máquina do tempo e fui parar em Portugal, 1986, numa cidade do interior, mas nem tanto.

Lá existiam três primas, todas por volta dos sessenta anos, todas vestindo luto. Delas, duas o faziam em nome dos maridos, enquanto a terceira o fazia em solidariedade às outras. Os maridos já haviam morrido há alguns anos, mas parecia algo extremamente recente. Mas não foi isso que me intrigou. Duas coisas chamaram minha atenção:

Primeiro, as duas viúvas haviam transferido suas posses para os filhos e viviam na casa de um parente próximo. Moravam em condições espartanas, com mobiliário mínimo e tosco. Segundo, numa conversa sobre tempos de juventude, uma delas, a mais nova, após exibir um largo e espontâneo sorriso, fechou o rosto abruptamente e pediu desculpas. Quando indaguei o motivo do arrependimento, ela respondeu: "Não devo sorrir, pois perdi minha maior alegria: meu marido!".

Fiquei perplexo, ainda mais por constatar a aquiescência das outras primas e a naturalidade com que os outros membros da casa aceitavam suas "mortes" em vida.

Tradições? Bem, cada povo tem as suas.

Admiro os irlandeses, que festejam a morte. Faz sentido, pois se passamos a vida acreditando na vida eterna e no paraíso, a morte, apesar de representar uma inevitável perda, deveria ser motivo de regozijo! Os budistas também cultuam a memória de seus mortos sem se mortificarem.

É impossível não sofrer com a morte de um ente querido, mas é um absurdo penalizar os que ficam com tradições esdrúxulas e anacrônicas.

A vida é um dom de Deus e a morte um retorno para Ele. Desperdiçá-la com lamentações, prostrações e conformismo, ou condicioná-las à vida de outras pessoas é ser, no mínimo, incoerente e mal-agradecido.

Há outras pessoas para serem amadas, netos e filhos para serem acariciados, e muito trabalho a ser feito, que precisa de braços, mentes e sorrisos.

Seja homem ou mulher, viver esperando a morte é roubar da vida o bem que se poderia fazer aos outros. E a tristeza deixa rugas... Tira a beleza do corpo e da alma!

Quem quiser reencontrar o amor perdido em vida sorria, antes, para ela! Vista a roupa de Domingo e mantenha a alma em forma... Eternamente jovem!

PERSONALIDADE O'CULTA

(Mai./2004)

Uma pesquisa de alto nível, realizada pelo "Centro de Altos Estudos em Psicologia", de Pisser-sur-les-Alpes, na Suíça, sob a coordenação do Prof. Dr. Malin Foudepierre e publicada na conceituada revista científica "The Empiricist" estudou durante cinco anos o efeito que a aquisição de cultura provoca no ser humano. Para tanto foi constituído um grupo de indivíduos selecionados aleatoriamente dentre pessoas identificadas como cultas, convidadas ou que se apresentaram, voluntariamente, como tal. Eis algumas conclusões do estudo, relativas à maioria dos entrevistados:

1. A aquisição de cultura é considerada um ato de prazer, altamente estimulante. Não há restrição quanto ao tipo de conhecimento e nem obrigatoriedade de frequência de ambientes exclusivamente eruditos para obtê-lo;
2. O espírito aberto e a postura cosmopolita permitem apreciar diferentes formas de manifestação cultural, do clássico ao popular, com um misto de curiosidade científica e empirismo lúdico;
3. São bem-humorados e, algumas vezes, irônicos, mas nunca menosprezam seus interlocutores. Esse comportamento, aliás, tende a ser recíproco, aproximando as partes e enriquecendo o diálogo;
4. Tendem a ser mais tolerantes e conciliadores. Não praticam nem aceitam qualquer forma de discriminação. Não impõe suas preferências. Os conhecimentos adquiridos são utilizados para ilustrar situações e posições. São atentos e críticos a qualquer opinião concordante ou discordante, tratando-as e questionando-as de forma articulada e objetiva, sem inibir o interlocutor com seu currículo pessoal;
5. Não apresentam diferenciação física ou social da média da população. Salvo ocasiões sociais e festivas, vestem-se normalmente, comem o trivial e trabalham;
6. Têm restrições quanto a modismos e convenções. Falam de si próprios somente quando solicitados. Não se consideram diferentes ou superiores, mas, apenas, privilegiados, num universo em que a maioria das pessoas vive mal, trabalha muito, ganha pouco e tem acesso a uma

formação acadêmica cujo resultado é próximo do analfabetismo funcional.

Embora os resultados demonstrem que a aquisição de cultura tem efeito altamente positivo na personalidade dos indivíduos, alguns dados, apesar de percentualmente pouco significativos, apontaram para a existência de grupos de risco, formados por pessoas que tendem a apresentar alterações de comportamento durante a evolução do processo. Os distúrbios identificados foram os seguintes:

1. Megalomania;
2. Afetação de gestos e fala;
3. Incoerência entre opiniões e práticas;
4. Desconforto e rompantes de intolerância explícita, quando em ambientes que não consideram compatíveis com o seu nível;
5. Necessidade de demonstrar seus conhecimentos e relatar suas experiências mesmo em situações onde isso é desnecessário ou inadequado;
6. Tendência a considerar interrupções e réplicas como deselegâncias, apesar de praticá-las com frequência e autoridade;
7. Discriminação social, cultural e etária;
8. Gosto por estereótipos e citações de terceiros;
9. Dificuldade em participar de atividades das quais não sejam líderes. Nessas condições apresentam comportamento pouco cooperativo e pontuado por manifestações de discordância e enfado.

Uma leitura atenta da introdução permite concluir que esse estudo não passa de uma invenção. Até a cidade européia, bem como seu coordenador e veículo de divulgação são fictícios e esdrúxulos! Esse, aliás, é um recurso muito utilizado por essa minoria para iludir incautos, crédulos e discípulos.

A maioria das conclusões relacionadas, no entanto, pode ser comprovada sem grandes pesquisas ou dificuldades.

É essa nefasta e, ao que parece, intencional associação da cultura ao estereótipo da afetação, arrogância, sofisticação e elitização que impede a acessibilidade e democratização da cultura erudita!

BRIOCHES E A ROUPA DO IMPERADOR

(Abr./2004)

Até a década de 1970, a Noruega – terra de *vikings* e fiordes - era um país pobre para os padrões europeus. Seus habitantes viviam de forma modesta, adequada ao seu poder aquisitivo, e ensinavam seus filhos a darem valor às coisas simples e à alegria de viver. O clima sempre foi frio, mas seus corações sempre estiveram aquecidos.

Então, descobriram petróleo em suas águas territoriais, no Mar do Norte!

La dolce vitta? Absolutamente, não! O poder aquisitivo aumentou significativamente, mas existe uma consciência nacional contra o desperdício e a ostentação. Vive-se bem, come-se bem, mas tudo sem exageros. Para eles a prosperidade do petróleo é efêmera. Assim, o grande desafio é construir bases sólidas e alternativas econômicas viáveis e sustentáveis para o futuro. Desde então, vivem páscoas diárias, pois agradecem pelo que são sem esquecerem o que foram. E os reis são os primeiros a dar o exemplo!

Infelizmente, ainda existem pessoas egoístas e alienadas em nossa sociedade, que vivem de aparências e lucram ou tiram proveito próprio fazendo apologia da ostentação. Provavelmente, nunca passaram necessidade ou tiveram que trabalhar para aprender a dar valor ao que é conquistado com esforço e merecimento. Vivem num mundo irreal, onde acreditam que seus padrões são ideais e seus gostos universais.

O curioso é que alguns pregam a singeleza de espírito, o desprendimento do mundo material e o prazer pelas coisas simples. Quem os ouve acredita estar diante de um guru iogue, só que *gourmet*, ou de um monge budista com estágio no Tibet, mas com escalas em Paris e Milão. Só que a teoria, na prática, é outra, pois cultivam hábitos pessoais sofisticados, que pouquíssimos podem pagar.

Simples? Sim! Mas tem que ser com classe, estilo, grife, talher de prata e guardanapo de linho, sem falar nos serviços!

Sua pouca relação com o mundo real resume-se à frequência de jantares beneficentes cheios de pompa e circunstância, mas onde os beneficiados não podem entrar.

E se o dinheiro envolvido fosse, apenas, doado diretamente, com simplicidade de espírito e caridade virtuosa?

Já sei... Isso não teria o mesmo *glamour*, nem a cobertura de meios de comunicação, ou shows de falta de compostura "mauricinhos", "patricinhas" e excêntricos de plantão. Tampouco haveria munição para fofocas, tietagem, desfile de "modelitos" exclusivos e apresentação pública dos resultados da cirurgia plástica mais recente. Exceção feita aos bem-intencionados, o que se vê nesses casos é muita luz para os presentes e poucos presentes para quem precisa...

Vivemos tempos bicudos! Podem não ser para alguns, mas não é de bom tom falar de brioques quando existem pessoas que não tem pão. Também não é adequado cobrar que os outros gastem fortunas para vestir a "roupa nova do imperador" enquanto tem gente que mal tem o que vestir.

Isso não implica deixarmos de apreciar coisas que nos agradam, mas também não nos obriga a freqüentar lojas e restaurantes caros, apenas para satisfazer expectativas elitistas. O bom senso é de cada um, mas não é hipócrita ou piegas afirmar que existem coisas muito mais importantes, úteis e enobrecedoras para serem sugeridas e incentivadas, hoje e em qualquer tempo!

Temos muito que aprender com a saga dos noruegueses, mas Maria Antonieta e o "imperador nu" ainda fazem escola...

SALADA MUNDI

(Mar./2004)

"**A Terra não** é um planeta sério!", talvez dissesse Charles de Gaulle.

Fala-se em globalização, mas questões econômicas, culturais, religiosas e étnicas continuam não encontrando o equilíbrio indispensável. Os ecos da Torre de Babel e o fascínio por apressar o Apocalipse ainda prevalecem. "Se não for meu, não vai ser de ninguém!" é o lema desse egoísmo de Estado.

A mesa está preparada para todos comerem, mas alguns se recusam a sentar. Não é por falta de convite. É porque uns quererem ser sempre os primeiros a se servir, enquanto outros não aceitam a presença de pratos que não podem ou não querem comer. Essas dietas...

O resultado é uma escalada de conflitos, dispersos e mal definidos, que permite algumas conclusões, dentre as quais a de que interesses estão sendo "feridos". Outra é que muitos líderes religiosos estão falhando em sua missão, criando mais divisão do que comunhão entre os seres humanos, mais fanáticos suicidas e homicidas do que pessoas solidárias e tolerantes. Pecados do passado não estão sendo perdoados, mas continuamente reciclados.

Paradoxalmente, enquanto os avanços da Ciência abrem as portas do futuro, a Civilização caminha para abortá-lo. Somos capazes de ver um planetóide à distância de bilhões de quilômetros, galáxias ainda mais longínquas, mas não enxergamos o abismo que estamos construindo a poucos metros. O misticismo e a ganância ofuscam a razão.

Para quê clones e robôs se qualquer religião ou movimento político radical pode criar "soldadinhos de chumbo", teleguiados e cegamente obedientes? De que adiantam grandes exércitos e ataques cirúrgicos contra um inimigo que não se vê e pode retaliar e "retalhar" em qualquer lugar, sem medo?

No lado oposto, alguns guardiões de "valores" religiosos e étnicos lutam para garantir sua liderança, rejeitando tudo o que é novo, menos as armas. Usam o feitiço contra o feiticeiro, numa autêntica guerra de bruxos.

Curiosamente, todos pregam um mundo perfeito e unido, mas sob sua condução. Todos defendem a redenção da Humanidade e estão dispostos a "prender e arrebentar" todos os que se opuserem, mesmo que para isso tenham que extingui-la. Querem o triunfo de sua "pureza" por meios sujos!

O que eles vão conseguir com isso? Talvez o oposto, com a proliferação de muros e redomas, separando, como azeite e vinagre, interesses inconciliáveis.

Imaginem ocidentais separados dos orientais! Mas também teríamos que separar por religião! Mas dentro de uma mesma religião existem facções, que se amaldiçoam e matam em nome do mesmo Deus! Mas, e as raças e etnias? E os ricos e os pobres? E as doutrinas filosóficas? E os partidos políticos? E as torcidas organizadas? E as "tribos"?

Separar diferenças para manter influências reduziria o mundo a um aglomerado de territórios herméticos e zonas de exclusão, em cujas fronteiras seriam dados tiros, primeiro, para, depois, perguntar quem é.

Não há dúvidas de que, mesmo juntando todos os "iguais", não tardariam a surgir dissensões. E quantos milhares de países e territórios seriam necessários para saciar essa "sede" de diferenças? Quanto tempo levaria para que a prosperidade material de um despertasse a cobiça do outro?

Censurar meios de comunicação e institucionalizar bodes itinerantes seria uma forma de transformar infernos em paraísos? E como evitar imigrações? Com expurgos e massacres pedagógicos ou obrigando cada país a usar roupas, marcas e vocabulários que permitissem identificação imediata? Detector de católicos, muçulmanos, judeus, protestantes, budistas, sérvios, terceiro-mundistas, com data de validade, logomarca do "fabricante" e certificado de origem com base na ISO 666! Até que não seria um absurdo, pois alguns já fazem isso.

No que o mundo se transformaria, meu Deus?

O mundo tem que ser uma grande salada mista, agradável ao paladar de qualquer *gourmet* que saiba apreciar tanto o trivial quanto o exótico. O azeite e o vinagre, em medidas equilibradas, a torna mais saborosa. Excessos - entendam-se, radicalismos - enjoam ou azedam. Quem gosta de exageros, que coma sozinho sem impor sua dieta aos demais!

No mais, os únicos detectores de que a Humanidade realmente precisa são os de ódio, corrupção, violência, fanatismo e intolerância. Os flagrados nesse caso, sim, precisam ser confinados, quem sabe no imaginário de Dante, quem sabe no longínquo, gélido e escuro planeta Sedna, que parece ser seu habitat natural.

Lá, talvez aprendam, entre si, a viver em harmonia com a adversidade, e que o mal que vêem nos outros pode ser o reflexo de seu próprio mal. Quem sabe entendam que o ser Humano não é uma *commoditie* e realizem que, ao exortarem e patrulharem para que milhões vivessem, morressem e matassem culpados ou inocentes por seus "ideais", queriam, apenas, poder temporal, valorização de ações e garantia de mercados.

Então, conscientes, arrependidos e redimidos estarão prontos para retornar e saborear, com prazer e comedimento, todos os pratos do cardápio de mundo!

O *Chef* ficará muito satisfeito!

A MAIOR VITÓRIA DE SENNA

(Mar./2004)

A Ferrari queria Senna. Senna queria a Ferrari. Mas sua obsessão pela vitória fez uma curva no destino, levando-o para a melhor equipe de então: a Williams. O "casamento" do melhor piloto com a melhor máquina!

Era a promessa de superação de todos os recordes! Fangio não via, então, outro piloto capaz de suplantar sua marca. E Senna havia movido céus e terras para que isso acontecesse.

Ironia do destino, a Williams não era mais a mesma e surgia um jovem irreverente e autoconfiante, Michael Schumacher, num carro que não era de ponta, numa equipe que era mais famosa pelas propagandas heterodoxas de seu principal patrocinador: a Benneton. Curiosamente, essa equipe era a sucessora da que fora sua primeira escuderia na Fórmula 1: a Toleman. Sinais ou conspirações do destino?

Era um domingo, 1º de maio de 1994. Lá se vão vários anos...

Foi dada a largada do GP de Ímola, disputado em clima de consternação e medo, pois os treinos já contabilizavam uma morte e acidentes graves.

Anos antes, em 1975, Emerson Fittipaldi havia sido taxado de covarde, pela mídia e colegas, por haver desistido de correr o GP da Espanha. Ele considerou o circuito inseguro!

Seu temor foi confirmado: onze pilotos acidentados e cinco espectadores mortos, numa corrida que terminou na metade e que quase vitimou José Carlos Pace.

Após algumas voltas, Schumacher estava na "cola" de Senna, que tentava de todas as formas manter a posição. O Brasil inteiro, sentindo a mesma angústia de Senna, perante a inevitável ultrapassagem, gritou: "Acelera, Ayrton!". Devia ter gritado: "Freia, Ayrton!".

Ninguém sabe, ao certo, o que se passava na mente de Senna, naquele princípio de temporada.

Sua campanha estava aquém das expectativas geradas. A mídia já ameaçava cobranças. Senna devia estar se cobrando muito mais! Mas será que o povo brasileiro teria paciência para esperar resultados positivos na Ferrari?

Schumacher e o povo alemão, há anos sem um piloto vencedor, tiveram, mas estávamos mal acostumados...

Senna era perfeccionista, arrojado... Só pecava ao tentar justificar sua obsessão pela vitória com um discurso transcendental, quase religioso.

Fittipaldi foi mais discreto até quando, no auge da carreira, frustrando as expectativas dos torcedores brasileiros, abandonou equipes de ponta para pilotar as incertezas utópicas da Coopersucar. Só a F-Indy trouxe o perdão.

Nelson Piquet encarnou o anti-herói. Sarcástico, destemperado e intempestivo tinha a virtude de não levar-se a sério. Pilotava por prazer e molecagem, numa época em que os motores turbinados explodiam sem aviso.

Seus estilos eram totalmente diferentes! Todos foram tricampeões! Assim, é impossível dizer qual foi o melhor. Mas Senna era o mais carismático, sem dúvida!

Todos lutaram contra adversários respeitáveis, mas Senna queria alucinadamente vencer!

A vida pode dar voltas, mas não é um circuito de F-1. Se fosse, talvez pudessemos evitar os erros do passado, mas o imponderável é a sua marca.

De certa maneira, Senna encarnou a saga do povo brasileiro. Lutava para abrir espaço ante a arrogância das nações desenvolvidas. Tinha prazer em ostentar, altivo e "vingador", a bandeira do Brasil, como fizera após a frustração na Copa de 1986, ainda pilotando uma Lótus, então equipe de segunda linha. Justiça poética: a Seleção de 1994, pilotada por Romário, retribui-lhe a homenagem.

Ele aceitou ser um mito, um exemplo de obstinação e sucesso. Viveu por isso! Mas uma curva dessas que o destino às vezes põe em nossas vidas, sem sinalização de advertência ou que uma luz intensa não permite observar, transformou o herói em mártir.

O piloto que ultrapassava todos os limites técnicos sucumbiu ao tentar superar os limites da máquina pela comunhão com o espírito. Sua alma focou o objetivo, mas não viu o muro! Talvez pensasse poder voar... E o circuito da vida lhe deu a bandeirada final! Em vez de Maranello, Tamburello...

Não há vidas perfeitas, como não há pistas nem máquinas perfeitas. Somente os ideais são perfeitos!

O Brasil perdeu seu ídolo das manhãs de domingo, mas encontrou outros caminhos. Criou novos ídolos, mas não lhes cobra mais sacrifícios. Há mais cumplicidade e menos adoração.

O legado de Senna é, hoje, mais forte do que suas conquistas esportivas. Seu Instituto tem colaborado para que muitos tenham acesso ao maior grande prêmio que um ser humano pode obter: a educação, chave de tudo o mais!

Obrigado por aqueles domingos, Senna! Mas seu maior troféu é essa esperança, que lhes ilumina todos os dias da semana.

Graças a ela, eles poderão acelerar, com segurança, para a vitória no GP da vida!

AINDA CASA GRANDE E SENZALA

(Mar./2004)

O que é preciso para tornar um ser humano escravo?

Tome uma criança, uma vida sem rumo ou uma alma ingênua. Mantenha-a na ignorância do mundo. Crie regras rígidas, que punam com violência física ou psicológica. Destrua qualquer vestígio de dignidade ou autonomia mental, incentive à promiscuidade, rompa vínculos familiares ou transforme-os em mecanismo de controle: numa ameaça!

Dê-lhe apenas o necessário para matar a fome e a sede, e, mesmo assim, só quando estas já forem tantas, que seu ato seja considerado uma demonstração de generosidade. Ela já estará acreditando que sua vida depende de você.

Acostume-se a estender a mão para ser beijada. Exija que baixem os olhos diante de sua presença.

Escolha um dentre esses submissos, de preferência o de pior índole, para ser seu “capataz” ou “capitão-do-mato”. Dê-lhe alguma regalia e ascendência, e faça com que ele seja o instrumento físico de sua crueldade e falta de humanidade. Mande-o bater! Deixe que bata! E depois surja como um bálsamo.

Manipule os cordéis, mas mantenha-se à distância.

Use a religiosidade a seu favor. Deixe acreditarem que existe uma vida melhor e que o sofrimento é o caminho para ela. Mas não nessa existência! Doutrine para que creiam existir pessoas que nasceram para mandar e outras para obedecer, e que isso é natural e imutável desde a origem dos tempos.

Eduque seus filhos para serem piores do que você e encarem a escravidão como parte de sua herança. Encham-nos de preconceitos e mimos. Façam com que eles acreditem que existem seres inferiores aos seus cães e cavalos de estimação, e que as filhas da escravidão também são escravas de seu prazer sem culpa nem compaixão. Acobertem seus excessos.

Compre o “respeito” e o silêncio das elites. Lave as mãos com viagens e festas. Cultive a vaidade para si e a insensibilidade para com o semelhante. Construa templos para expiar seus pecados. Glorifique Deus com palavras, mas sirva às trevas, com seus pensamentos e atos. Acredite que o sangue de Cristo o libertará, mesmo que você viva imerso no sangue de inocentes. Creia fazer jus a vida eterna, apesar de limitar a vida de seres humanos. Sonhe com

um túmulo majestoso. Esqueça as centenas de covas rasas, em local desconhecido, pelas quais deve ter sido responsável.

Pensaram que isso havia acabado em 13 de maio de 1888, mas não! Isso nunca acabará enquanto existirem bestas humanas, nos campos e nas cidades, que insistam em tratar outros seres humanos como animais de um rebanho pessoal.

Enquanto houver senhores feudais no campo, empresários sem escrúpulos nas cidades, cafetões em qualquer lugar e a sociedade tolerando-os e cortejando-os, a escravidão continuará sendo uma sombra, uma vergonha, um absurdo e um imperdoável crime contra a Humanidade!

São vidas de pessoas que estão sendo desviadas, consumidas e destruídas! São condenações sumárias e sem juízo por toda a vida!

É tudo de ruim!

Como qualificar e punir quem pratica ou justifica a escravidão em pleno Século XXI? Com a milenar Lei de Talião?

Não! Isso seria justificá-los, transformando-os em vítimas e rebaixando-nos a um nível ainda pior. A Humanidade evolui quando supera essas práticas!

Que tal condená-los a viver de um trabalho honesto, tendo apenas o que merecerem? Quem sabe...

Enquanto isso, que Deus tenha piedade de seus atos e de nossas omissões.

IMAGENS E SONS

(Abr./2004)

Outro dia, num dos poucos momentos de calma desses tempos modernos, coloquei um CD no aparelho de som, desliguei a luz e fiquei sozinho com meus pensamentos. O CD era de Carly Simon, bonita de se ver e ouvir, a melhor intérprete de música romântica que eu conheço!

As músicas foram se sucedendo até que tocou *Coming around again*. Sugestionado, comecei a pensar somente nas boas lembranças acumuladas ao longo de meus quarenta e poucos anos, e no que, abaixo do amor de Deus, meus cinco sentidos haviam registrado como beleza inesquecível em meus arquivos pessoais de memória.

Uma das primeiras imagens foi a da lenta e redimida agonia do último “replicante” de *Blade Runner*, magnificamente interpretado por Rutger Hauer, quando ele relatou tudo o que seus olhos haviam visto de maravilhoso em sua curtíssima vida. Eram imagens verdadeiras e não implantes de memória de outros!

Vasculhei um pouco mais as minhas e encontrei outras coisas:

"Adagio", de Albinoni. "Abertura 1812", de Tchaicovsky. As "Bachianas Brasileiras" e o "Trenzinho Caipira", de Villa-Lobos. "Carmina Burana", de Carl Orff. "Lohengrin", de Wagner. O "Coro dos Escravos Hebreus", do "Nabucco" de Verdi. "As Quatro Estações", de Vivaldi. Eleazar, Karabtchevsky e Karajan regendo. O duo de Chico e Bethânia em "Sem fantasia". Elis Regina. Vinícius e Tom. Elizeth Cardoso interpretando "Saudade". "Nada além", na voz de Néelson Gonçalves. Djavan. "Domingo no Parque", de Gil. "Faroeste Caboclo", do Legião Urbana. Os solos de sax de Manito, na época de "Os Incríveis". A flauta de Altamiro Carrilho. A viola de Almir Satter. *The Golden Boys*. "Boca Livre". "Quarteto em Cy". MPB 4. "Ponteio", de Edu Lobo. Dolores Duran. Tayguara. Belchior. Raul Seixas. "Disparada", de Vandrê. As performances de Antônio Nóbrega. *Changes*, do Black Sabbath. Beatles. Rolling Stones. Bee Gees. Queen. Ella Fitzgerald. Swingle Singers. Louis Armstrong. Plácido Domingo. Simon & Garfunkel. Mamas & Pappas. *California Girls*, dos Beach Boys. Eric Clapton. Cat Stevens. Rick Wackeman. A irreverência poética de Renaud. O *chansonnier* Aznavour. Michel Legrand. A exuberância apaixonada de Brel. Sergio Endrigo. Os balés Verioska e da Geórgia. As coreografias de Béjart. O vigor atlético de Deborah Colker. A exuberância do La La La Human Steps. "A Família Trapo". "Jovem Guarda". "Romeu e Julieta", com Hebe e Golias. Os festivais da Record. "O Fino da Bossa". Mazzaropi na corda bamba do circo,

em "Sai da Frente!". Paulo Autran. Paulo Goulart. Grande Otelo. Fernanda Montenegro. O "Chatô" de Antonio Calloni, em "Um só coração". Spencer Tracy. "Rastros de Ódio", "Rio Bravo" e "Como era verde o meu vale", de John Ford. O menino Osment em "Inteligência Artificial". "Scout" (Mary Badham), a filha de Atticus (Gregory Peck), em "O Sol nasceu para todos". "O Jovem Frankenstein", de Mel Brooks. O Quasímodo de Charles Laughton e a Esmeralda de Maureen O'Hara, em "O Corcunda de Notre Dame". A monumental briga entre John Wayne e Victor MacLagen em "Depois do Vendaval". "Os Sete Samurais", de Kurosawa. O "Cyrano" de Gérard Depardieu. O jardim impressionista e o inferno de navios de "Amor além da Vida". A cena das escadarias de Odessa do "Encouraçado Potenkin" e a batalha sobre as águas congeladas de "Alexander Nevsky", de Eisenstein. Peter Sellers em "Um tiro no escuro". John Belushi em "O Clube dos Cafajestes". O vôo rasante do caça-bombardeiro sobre o campo de concentração, balançando as asas para o menino, em "O Império do Sol". A pluma esvoaçante de "Forrest Gump". A casa de campo, vazia e coberta de neve, de "Doutor Jivago". Audrey Hepburn em "Bonequinha de Luxo". Rita Hayworth em "Gilda". Gene Kelly. A gota de sangue tingindo tenuemente, contra a luz, a bebida de Deckard (Harrison Ford), em "Blade Runner", mais uma vez. A despedida de Gary Cooper e Ingrid Bergman em "Por quem os Sinos dobram". A Copa de 1970. O Penta. João Paulo II. Dom Paulo Evaristo e Zilda Arns. Irmã Dulce. As procissões de Lourdes. O discurso emocionado de Mário Covas pouco antes de morrer, agradecendo os dons de Deus. Os anos de 1960. Minha cidade, nessa época. Minha professora de primeiro ano. As dunas do Nordeste. Os Campos do Sul. Minha irmã mais nova consolando uma prima, no velório de seu pai. O antigo acervo musical de meu irmão mais velho. O canto suave e a ternura sem fim de minha mãe. A honra e honestidade de meu pai. O auxílio prestativo e gratuito do pequeno engraxate... Que a vida nunca destrua sua pureza! Uma tempestade num dia de verão. A Lua Cheia numa noite de outono. O Sol num dia de primavera.

Lembranças são cartões postais da vida! Seu valor não está no que custaram – a maioria foi gratuita -, mas no que somaram aos registros da memória. Não está no que dizemos aos outros, mas no que guardamos em nós.

Agradeço a Deus por todas, pois sem Ele nada existiria!

Lembranças tristes? Claro que as tenho! Mas todas foram lições e caminhos que conduziram ao que me faz mais feliz, consola e motiva: todos os dias com minha mulher e meu filho!

Os sentidos e a memória são dons de Deus e as boas lembranças são flores que colhemos no caminho da vida.

Quais são as suas?

CONDOMÍNIO É DIFÍCIL

(Fev./2004)

Um condomínio é um legítimo laboratório de campo da convivência humana. Nele, indivíduos das mais diferentes origens, culturas, índoles e condições financeiras compartilham áreas e necessidades comuns e tentam provar que o ser humano é capaz de viver em sociedade.

As neuroses, crises existenciais, animais domésticos e hábitos exóticos de cada um, quando expostas abertamente passam a fazer parte do cotidiano de todos, sem consulta ou licença prévia. Isso é o que torna a raça humana tão complexa quanto fascinante e testa os limites da tolerância, de uns, e de civilidade, de outros!

Onde mais poderíamos ouvir ópera, *rap*, *vira*, pagode e música sertaneja ao mesmo tempo e com máximo volume sem precisar ligar nenhum aparelho de som em casa? Ou assistir, quem sabe, ao nascimento de um novo instrumentista musical?

Onde seria possível encontrar pessoas aparentemente “finas”, “cultas” e “civilizadas”, mas que quando flagradas ou contrariadas são capazes de revelar surpreendente arrogância e falta de tato em vários idiomas?

Onde mais, num país tropical, você olharia pela janela e seria surpreendido por neve? Tudo bem que são migalhas de pão ou pelos do cachorro provindos de toalhas e tapetes sacudidos, rápida e dissimuladamente, pensando que ninguém vai saber. Também têm as estrelas cadentes (pontas de cigarro acesas) que nunca atendem nossos pedidos, mas podem queimar ou incendiar.

Mas sejamos românticos!

Você pode sentir-se em Nápoles vendo tapetes e lençóis pendurados nas fachadas. Pura “cortição”!

Também pode viver o milagre da transição social relâmpago, pois os críticos de plantão - talvez por falta do que fazer - adoram distribuir adjetivos aos que elegem como desafetos. Dependendo da motivação, sua “bolsa de valores” do próximo oscila entre o “esnobe” e o “pobre” em uma fração de segundos. Mesmo um prédio de alto luxo pode abrigar “barracos” incríveis... Mas de alto nível!

Para quem sonha com uma casa com quintal, um condomínio não é um anti-clímax. Você pode deixar seu cãozinho de guarda cuidando da porta de entrada, latindo, alerta, para todos os que distraidamente saem elevador. E não

se incomode quando os vizinhos reclamarem que outro “totó” passa o tempo todo ganindo quando não tem ninguém em casa; ou que urina e defeca em áreas comuns, com ou sem “supervisão” do dono. Isso é fruto da insensibilidade das pessoas. Elas precisam aprender a respeitar os sentimentos e necessidades dos animais. Afinal, eles também são gente!

No mais, o fato de você ter que compartilhar espaços com outros não é um empecilho para a sua individualidade. Você tem seus direitos e sua personalidade! Por isso, não se importe se alguém reclamar das pontas de cigarro, papel de bala e outros dejetos que você, caprichosamente, lança a menos de dois metros das lixeiras que existem em cada andar do edifício, bem visíveis e sinalizadas. Também não fique constrangido de entrar cheio de malas e pacotes no elevador social. Afinal, você mora no prédio! Não está ali a serviço...

No mais, as pessoas precisam aprender a ser tolerantes, principalmente com você! Você só está treinando-as para atingirem esse “estágio superior”... E gratuitamente!

Mas não esqueça de advertir seus vizinhos: inconveniente e mal-educado é quem se incomoda! E cuidar da vida dos outros e chamar-lhes a atenção é muito feio!

Sempre tem um jeito de inverter a situação, passando de algoz à vítima, não é?

Quem vive ou viveu em condomínios já passou, seguramente, por alguma das situações acima. Conhece os “estressados”, “os ranzinhas”, os “mal-amados”, os “excêntricos”, os “dissimulados”, os “fofoqueiros” e os “espaçosos”, desde os mais inofensivos aos de alta periculosidade. Talvez já tenha sido um deles, mesmo sem notar. Felizmente, eles são exceções.

A vida em condomínio é assim: complexa e aleatória. Os psicólogos e psiquiatras perdem muito por não exercerem suas funções nesse lócus.

Num grupo tão diverso de pessoas, com experiências, idades e valores diferentes, equacionar egos e interesses é difícil. Isso é natural, pois o condomínio é o microcosmo da sociedade. Revela tanto suas virtudes como suas mazelas. Mas também propicia ótimas oportunidades para praticar solidariedade, cortesia e amizade, desde que haja disposição mútua para tanto.

O cotidiano já é tão estressante... Porque, então, guardar desaforo “em casa” e viver num “clima pesado”?

Cuidado! As estruturas dos prédios - e de muitas pessoas - não são projetadas para esse tipo de “carga”!

NO ESCURINHO DO CINEMA

(Jan./2004)

Existem basicamente dois tipos de pessoas que vão ao cinema: as que querem, contrariando todos os princípios da lógica, ver um filme, e as que fazem de tudo para atrapalhá-las!

Nada contra os tradicionais assovios e gritos, quando as luzes se apagam; nem contra os casais de namorados que aproveitam o “escurinho do cinema” para trocar beijos apaixonados, incógnitos, mas discretos. O problema é com os que transformam esses ambientes de entretenimento público em palco para sua má-educação, falta de civilidade e babaquice.

As salas de hoje são bem mais confortáveis que as de dez anos atrás. O som beira a perfeição. É quase como fizéssemos parte do ambiente do filme. Os sistemas digitais brevemente estarão disponíveis, ampliando a qualidade e dando total liberdade para a obtenção de efeitos visuais e sonoros livres de ruídos e chiados, sem distorção ou perda de foco.

As poltronas são confortáveis, o ângulo de visão elimina o incômodo do vizinho da frente com complexo de limpador de pára-brisa. Já existem cinemas, sobretudo em parques de entretenimento, que possuem assentos que se movimentam, sincronizados com a ação que se passa na tela.

Daqui a pouco poderemos pedir cachê e nome nos letreiros de tão interativo que o cinema está se tornando!

Só que todo esse primor técnico ainda não conseguiu eliminar o ruído da pipoca comida de boca aberta, as sinfonias dos celulares, as bolsadas na cabeça, os solavancos das poltronas provocados por cruzadas de perna de longo percurso, pelo apoio de pés em busca do conforto individual pleno ou pelos namorados mais empolgados, que beiram as “vias de fato”.

Invejoso? Não!

Ranzinza? Tampouco!

Experimentem fazer isso no teatro, numa peça do Antonio Fagundes...

Também existem os que vão em grandes grupos e passam o tempo todo “zoando” e, até, brigando uns com os outros, sem tomar conhecimento do direito dos demais estarem ali para fazer o objetivo principal dos cinemas: ver filmes! Curioso é que sempre tem um ou dois que já viram o filme e ficam comentando, em voz alta, a próxima cena, o filme anterior do ator, as preferências pessoais, o que vão fazer depois da sessão, ou, literalmente, agindo como se estivessem numa roda de bate-papo. E pagam para isso!

E dá-lhe bailado de ponteiro *laser* na tela!

Fazem isso porque o filme não está interessante? Vão embora, então!

Quando você consegue, a muito custo, excluir mentalmente essas interferências ambientais, exercitando o autocontrole até o limite, surge aquele pai ou mãe que, com a conivência da direção do cinema, entra com um filho em fase pré-escolar para assistir um filme legendado ou impróprio. A opção é a tradução simultânea, com explicações, réplicas e trélicas, ou choro desesperado. Só alegria!

Ir ao cinema é como ir a um estádio de futebol: se perder o lance não tem *replay* nem *pause*! E nem todos têm poder aquisitivo para adquirir um *home theater*.

Teoria de conspiração: será que isto faz parte de uma estratégia dos produtores de filmes, para obrigar-nos a alugar ou comprar fitas e DVDs, por não termos conseguido assisti-los direito no cinema?

Bobagem! Os cinéfilos já fazem isso por puro deleite.

Apesar dos chatos de praxe, os grandes filmes continuarão a bater recordes e a telona continuará imbatível, sobrevivendo a todos os percalços. Mas quem quiser continuar a assistir filmes nesse templo sagrado da sétima arte terá que aprimorar cada vez mais a capacidade de isolar esses incômodos periféricos, ou chegaremos ao absurdo de cinemas terem que distribuir fones de ouvido esterilizados a cada sessão. Ou, quem sabe um dia, uma boa dose de “Semacol”, distribuída junto com o bilhete, permitirá que apreciemos: o talento dos grandes artistas, a beleza dos grandes roteiros, a precisão dos diretores, cenógrafos e toda a tecnologia que a indústria do cinema gasta milhões para desenvolver, tudo sem ter que aturar dublês de cidadãos, canastrões ou figurantes de quinta “fazendo arte” ao lado.

“The End!”.

BONSAI DE GENTE

(Nov./2003)

Todos estão sujeitos a desilusões e insucessos, mas existem pessoas que transformam, consciente ou inconscientemente, suas experiências infelizes, sobretudo as emotivas, num fardo insuportável para os filhos, com seqüelas por toda a vida.

Embora não admitam, sob o pretexto de os protegerem de situações análogas criam um mundo paralelo, baseado em seus medos e frustrações, e os condenam a andar na contramão da vida, como herdeiros e guardiões de sua “doutrina” híbrida.

Seu egoísmo quer transformar exceção em regra, não por acreditarem no acerto de suas decisões e opções pessoais, mas para tentarem se convencer, e ao mundo, de que estão certos. Como não conseguem convencer o mundo, só lhes resta “educar” seus filhos dentro dos limites pequenos e estanques de suas famílias, se é que a relação doentia que os une pode ser chamada assim. Também não conseguem punir o mundo por suas frustrações. Assim, punem os filhos tolhendo-lhes a autonomia, pois temem que seus “valores” sejam questionados pela comparação e percam seu único respaldo e alternativa à solidão. Daí, o amor espontâneo cede lugar à devoção fanática, mantida pela chantagem psicológica e financeira, que beira perigosamente os limites da idolatria incestuosa.

Em muitos aspectos não são diferentes dos que, por ignorância ou má-fé, geram e criam filhos para o auto-sustento, condenando-os a viverem com as mãos estendidas nas ruas da vida.

Esses pais querem sustento, sim, mas não do dinheiro de esmolas: querem filhos-escravos, pois, para proveito próprio, negam-lhes o direito às escolhas pessoais e ao risco do erro e do acerto que é inerente ao ser humano. Patrulham os filhos não para cuidá-los, mas para evitar perda de controle sobre eles.

Sua cegueira seletiva só enxerga os raros exemplos que os justificam, construindo uma vida solitária, cheia de barreiras e imposições, mas esbanjando altivez arrogante.

Seu “fundamentalismo” não concebe esperança de superação e felicidade dos filhos fora de seus “dogmas”. No limite, chegam a torcer e articular pelo fracasso de suas experiências independentes, apenas para provarem que estão “certos”.

Será que não compreendem que em vez de livrar os filhos dos males que os afligiram – talvez por seus próprios erros de julgamento - os estão condenando, duplamente e sem clemência, à perpetuação de seus efeitos? Não percebem que, satisfeitos seus caprichos paternais, talvez sua principal “herança” seja o comprometimento definitivo das chances de felicidade de seus descendentes. Os referenciais que impõe geram barreiras psicológicas intransponíveis, incapacidade de relacionamento fora de seu “universo” e impossibilidade de converter os falsos brilhantes de seus “valores” no câmbio da vida.

A relação de pais e filhos tem que ser de amor e respeito mútuos, e a família deve ser um porto seguro e não um cemitério de navios!

Porque insistem em manter o “cordão umbilical”?

Se “são demais os perigos dessa vida” isso não implica em render-se à paranóia! Os riscos têm que ser enfrentados e superados com a esperança de transformação, pois viver é um processo de evolução brilhante e não uma repetição opaca e monótona, tolhida por medos e preconceitos alheios.

A construção da felicidade é uma tarefa pessoal e intransferível, pois não há um ser humano igual ao outro, como não há uma vida igual à outra!

Uma existência híbrida, plantada no solo estéril da super-proteção ou do autoritarismo, e tolhida como um “bonsai” pode até gerar um ser aparentemente vistoso, mas ele permanecerá pequeno e dificilmente gerará nova semente.

A vida tem que ser semente pura, que germina e cresce livre e forte em busca do Sol, e gera nova e sempre melhor semente.

Aí reside o grande mistério e fascínio da vida!

VENTOS E VELAS

(Mar./2004)

A vida é feita de caminhos e escolhas.

Caminhos existem de vários tipos: prontos ou a serem abertos. Mas as escolhas dependem de cada um.

Existem caminhos que levam ao topo do mundo, de onde tudo pode ser visto. Lá, a visão do mundo dá a sensação de poder e superioridade. Mas na verdade o ar é rarefeito e o clima é frio. Com o tempo perde-se a sensibilidade, o coração fica comprometido e a ausência de oxigênio prejudica o discernimento. A vida só é possível de forma artificial.

Há também os caminhos feitos de trilhos. Você pode comprar um bilhete para ir ao destino desejado, mas, se não ficar atento, pode embarcar no trem errado ou ficar sujeito à vontade e humor do condutor, pois sempre existem desvios.

As opções são muitas e cada um tem livre-arbítrio para decidir. O problema é que a maioria das pessoas prefere considerar a vida como um labirinto ou um teste de múltipla escolha. Assim, em vez de analisar, expressar e defender o que concluir, e traçar rumos, preferem limitar-se às alternativas que os outros propõem. Isso é mais cômodo e menos estressante, tanto para quem controla como para quem se submete. Mas as possibilidades oferecidas condicionam e limitam. O livre-arbítrio cede espaço à sorte e a preguiça mental adere ao coro do "deixa a vida me levar". O problema é que não é a vida que vai levar, mas sim as intenções dos guias.

Quem leva a vida dessa forma, "chutando" quase sempre inconscientemente, só muito tarde descobre que das opções que lhe foram oferecidas, a única correta era "nenhuma das alternativas anteriores".

Quem aceita submeter-se incondicionalmente, recebe o gabarito antes e é aprovado no teste. Mas fica em dependência.

Pode até ter uma vida "tranqüila e segura", mas não será senhor de seu destino, nem conhecerá os caminhos e os planos que lhe são preparados. Será um soldado inconsciente e obediente de interesses de outros. Mas, embora não seja autor, será julgado e punido pelas conseqüências de seus atos.

A vida não tem trilhos nem fronteiras! Quem os impõe quer conduzir ou confinar. E trens também descarrilam... Ela é mais semelhante a um barco: pode não ter a certeza absoluta do caminho de ferro, mas tem a liberdade da

escolha. Nele, cada possibilidade deve ser pensada, a decisão, autônoma, e a responsabilidade, assumida.

Para tanto, a Humanidade deve ser encarada como um oceano. Sua condição natural é o equilíbrio. Cada molécula de água é igualmente importante. Mas vidas e oceanos também estão sujeitos às instabilidades do clima, com ventos mudando constantemente de direção.

Para enfrentá-las é preciso construir um barco forte; conhecê-lo detalhadamente; revisá-lo e aprimorá-lo constantemente, e pilotá-lo decididamente, sem medo de enfrentar o mar aberto. Se tempestades soprarem ventos fortes e descontrolados, pode ser melhor recolher as velas e pensar. Talvez buscar um porto seguro ou um estuário tranquilo, e esperar que as nuvens se dissipem e as estrelas ressurgam, e com elas o caminho. Mas não se deve esquecer que o porto é apenas uma pausa na viagem e que barcos não foram feitos para portos, mas para o oceano.

Nunca se deve transferir seu comando aos que alardeiam que são senhores dos quatro ventos, mas que, na verdade, vivem das tempestades. É bom lembrar que se o barco "fizer água" os ratos sempre serão os primeiros a abandonar o barco. Não devemos, tampouco, abandonar seu leme ao primeiro canto de sereia. É esse tipo de renúncia ou alienação que impede a visão de recifes e icebergs. Também devemos cuidar para que ele nunca fique à deriva, pois quem o encontrar assumirá seu domínio.

Navegar, portanto, é preciso! Mas escolher o rumo conscientemente é fundamental, tendo o oceano como caminho e as estrelas como guias!

SOBRE ALMAS E PILHAS

(Set./2003)

A relação de pais e filhos é um processo de mútua descoberta para quem tem consciência de seu papel e se dispõe a tal.

Cada fase tem que ser vivida e sentida, pois quando menos esperamos podemos estar encontrando o sentido da vida ou respostas para perguntas que nunca obtivemos dos outros. Para tanto é necessário estabelecer uma relação de amor, confiança e atenção, que não deixe perguntas sem respostas, mesmo que as respostas sejam coerentes com a idade.

Lembro-me de estar assistindo um filme sobre espíritos - uma comédia -, quando meu filho, então com seis anos, entrou no quarto e, depois de acompanhar a exibição por alguns minutos, perguntou-me o que era alma.

Ele já havia feito perguntas sobre morte, como é comum em toda a criança, mas não me senti, num primeiro momento, preparado para falar de algo tão complexo até para mim mesmo: a alma. Procurei desconversar propondo que nós tratássemos desse assunto quando ele fosse um pouco mais velho. Ele olhou para mim sem entender o motivo do adiamento, levantou os ombros, franziu os olhos e disse um "ta bem" que soou para mim como se eu fosse o mais covarde e incompetente pai do mundo!

Imediatamente botei a cabeça de engenheiro, professor e pai para funcionar e puxei-o carinhosamente pelo braço, para retomarmos o diálogo. Ele reagiu com o olhar atento e luminoso de quem tem um mundo pela frente e quer saber como ele funciona em minúcias, ávido de ferramentas e materiais para construir seu caminho.

Busquei uma analogia palpável para explicar a alma, sem recorrer a estereótipos e alegorias. Encontrei-a nos brinquedos dele. Expliquei que a alma é como as pilhas e baterias: enquanto elas estão nos brinquedos eles "têm vida". O brinquedo pode quebrar ou parar de funcionar, pelo uso ou pela idade, mas a pilha continua existindo mesmo sem o brinquedo.

Para minha felicidade paterna - e alívio - ele aceitou prontamente a explicação e, aproveitando a deixa, foi brincar. O curioso é que graças à dúvida dele eu pude refletir também, procurando entender o mecanismo da vida, que cabe a cada um de nós compreendermos para melhor operá-lo.

É quase certo que voltaremos a esse assunto, para tratá-lo com mais profundidade e sob enfoques filosóficos e religiosos; mas a construção do

conhecimento e do caráter é uma obra que tem seu tempo certo e depende de uma base bem consolidada, desde a infância.

Sei que o tempo vai torná-lo cada vez mais independente e, um dia, pai e mãe deixarão de ser sua referência principal. Isso é natural da vida.

Mas se hoje sou importante para ele, ele o é muito mais para mim! Ver seu crescimento e suas conquistas fez com que eu me tornasse, mais do que pai, seu fã! Faço questão de dizer-lhe, nos poucos momentos que a vida atribulada permite uma brincadeira, uma conversa mais longa ou um passeio, que, independentemente de tudo o mais, sou feliz apenas por ser seu pai!

O "moleque" de nove anos, inteligente e vivaz, que, hoje lê histórias para mim; conhece dinossauros mais que qualquer paleontólogo; tem o dom do desenho; dispara perguntas francas e diretas, e faz questão de me contar cada detalhe de seu dia vai virar adulto e os caminhos da vida podem levá-lo para outra cidade, estado ou país.

Evito pensar nisso, a não ser para lembrar que a única coisa que pode efetivamente unir as pessoas é o amor sincero que comunga, entrelaça e acaricia as almas; amo que combate o egoísmo, a tristeza e a depressão, contrariando a lógica cartesiana e consagrando a máxima franciscana, pois quanto mais se dá, mais se recebe! Ele não pode ser comprado! Tem que ser conquistado, exercitado e merecido a cada segundo.

É função dos pais e parte desse indissociável amor ensinar os filhos a caminhar, mas a escolha dos caminhos tem que ser uma decisão pessoal, senão será frágil e confusa. Para tanto, nossa obra só será completa se também os ensinarmos a voar, para que tenham visão mais ampla dos caminhos, e aprendermos o tempo certo de soltar as amarras.

Talvez o tempo me transforme. de caucasiano genioso num velho ranzinza... Já falei para minha mulher que se isso acontecer ela pode me internar e jogar a chave fora! Mas espero que Deus me conceda a graça de sempre estar disponível para amá-los, mesmo quando meu brinquedo da vida deixar de funcionar. Peço que a relação de confiança e afeto que nos une seja transcendente e sempre um porto seguro, onde possamos recarregar nossas baterias e brincar a vida como deve ser: juntos, mesmo que distantes!

AS DIMENSÕES DA VIDA

(Dez./2003)

Você é um mago dos negócios e alcançou seu primeiro milhão antes dos trinta? Parabéns!

Você descobriu uma nova técnica ou um invento revolucionário? Sensacional!

Você bateu um novo recorde esportivo? Que façanha!

Você realizou o sonho de comprar aquele carro importado maravilhoso? Puxa!

Você alcançou fama com seu talento? Que bom!

Para você o sucesso é uma escada e cada degrau é um novo desafio a ser enfrentado com coragem e motivação.

Você espera viver muito, rodeado por gente rica, bonita, alegre e "sarada", e toda a sua vida é voltada para conquistas, descobertas e prazeres. Graças aos seus feitos a Humanidade alcança, a cada dia, novos estágios intelectuais e físicos.

Sua morte, após uma velhice ditosa e calma, talvez cause comoção pública, luto oficial, homenagens, visitas intermináveis, repercussão na mídia e denominação de empreendimentos públicos e privados. Provavelmente, seu nome será inscrito na História, como um ícone a ser cultuado ou uma meta a ser superada.

É isso que você quer e nada pode desviá-lo de seu caminho triunfante! Ele é difícil, mas você está disposto a todos os sacrifícios para trilhá-lo. Nada desvia seu olhar do objetivo!

Seu mundo é perfeito e maravilhoso, e seu segredo é não perder tempo com o que não tenha futuro! Não há lugar em sua vida para quem não pense como você!

Verdade?

Então, qual o valor que você daria para aqueles de lidam com o inevitável, com a dor e com a falta de esperança, tentando dar um pouco de amor, consolo e dignidade aos que não tiveram a mesma sorte que você?

Em sua escala de valores, como você pontuaria os que dedicam suas vidas ao cuidado de doentes terminais ou portadores de doenças infecto-contagiosas ainda sem cura?

Você teria coragem de dar carinho, esperança e força para uma criança que, inocente e indefesa, enfrenta o abandono ou perda de parentes; ou a

dependência absoluta dos outros, as dores de um tratamento agressivo e interminável, e a indiferença ou preconceito de uma “sociedade” que só lembra dos males do mundo quando um de seus membros é afetado?

Há os que dizem que as doenças congênitas, as síndromes e as DSTs são castigos divinos por erros cometidos nessa ou em outras vidas! Alguns chamam seus portadores de "pobres diabos"! Outros pregam a esterilização, a eugenia, a eutanásia ou o isolamento, como faziam com os hansenianos, na Antiguidade.

Pura estupidez! Na verdade, ligadas à vida por um fio, elas estão mais próximas de Deus do que nós!

A vida tem várias dimensões e não é preciso fazer regressões, saídas em astral ou desencarnar para tomar conhecimento delas. Às vezes ela nos toca e permite que nossa visão se amplie, revelando o que a alienação esconde.

Graças a isso temos a benção de existirem pessoas que aceitam, de corpo e alma, a missão de manter os frágeis laços que mantêm essas pequenas vidas, enquanto houver um fio de esperança.

Elas, normalmente, ganham pouco ou são voluntárias; enfrentam a escassez de recursos e vivem totalmente de recursos públicos e da caridade. Enfrentam, resignadas, a certeza de que o único sucesso que podem alcançar é aliviar o sofrimento dos outros; e mesmo assim conseguem extrair um sorriso, fazer uma brincadeira e alimentar um sonho infantil.

Conviver com a desesperança sem deixar-se contaminar por ela é uma obra de gigantes! E é assim que elas encaram as crises, administram conflitos e vencem desafios. Os recordes que perseguem são a sobrevivência e a dignidade!

Provavelmente, seus nomes não serão lembrados e raramente denominarão prédios públicos, mas são vencedores de fato! Talvez nunca tenham muitas posses ou troféus, mas espiritualmente estão a anos-luz de distância dos que dão valor extremado a isso.

Poucos de nós têm "estômago" para fazer esse trabalho, pois, realmente, essa tarefa não é para qualquer um. Assim, o mínimo que podemos fazer é não ignorar essa dimensão da vida.

Essas pequenas vidas, embora limitadas, não são fruto de um castigo de Deus, mas sementes de uma possibilidade divina de expiar ou evitar os erros de uma existência frívola e egoísta. São oportunidades do mercado extremamente lucrativo da paz de espírito!

A Humanidade precisa, sim, de descobertas, superações e evoluções, mas também precisa de caridade e solidariedade. Precisa de gênios, mas também precisa de anjos!

Se não pudermos sê-los, que ao menos tenhamos a humildade de agradecer pela saúde de nossos entes queridos e pelo fato da maioria - senão a totalidade - de nossos problemas ter solução. Também devemos agradecer pela existência desses seres que compensam nossas deficiências de espírito; fazer-lhes uma contida e respeitosa reverência, bater palmas e, principalmente, ajudá-los no que for possível!

UM ORGULHO QUE NÃO É PECADO

(Fev./2004)

O orgulho (ou soberba) é considerado um pecado capital! Mas há “orgulhos” e orgulhos.

Por exemplo: podemos alcançar, esbaforidos, o topo do Monte Everest; saltar, amarrados numa corda elástica, de sei lá quantos metros de altura; pegar “aquela onda” de trinta metros de altura e sair contando nossa proeza, orgulhosos, para todo mundo.

Muito bom! Mas o que isso acrescentou à Humanidade?

Se fizermos isso por gosto pessoal, tudo bem. Mas se fazemos para demonstrar, segundo critérios próprios, nossa superioridade em relação aos outros... Que belos exemplares de *babacas* seremos! O máximo que conseguiremos é desafiar outros, da mesma espécie, que tentarão suplantar nossos “feitos”, num ciclo que às vezes só termina com a morte inútil de um desses heróis de papel. E ainda há os que choram por eles...

Esse é um orgulho vão, que não acrescenta nada a ninguém e ainda turva a visão de si e dos outros.

Mas existem orgulhos que são como luzes:

Há algum tempo atrás, um colega, mestre-de-obras, anunciou-me que sua filha havia entrado na faculdade, na área de veterinária se não me engano.

Manifestei minha sincera satisfação com a notícia, mas fiquei preocupado, em silêncio, com as dificuldades que eu já conhecia e sabia que ele iria enfrentar: mensalidade, custo do material didático, etc.

Dois anos depois ele, com pesar, contou que ela havia mudado para biologia, pois estava difícil mantê-la no curso inicial, mesmo fazendo horas-extras e “bicos”, nos horários livres e férias.

Ponderei que isso não era o fim de um sonho, mas um caminho só um pouco mais comprido. Nada a impediria de retomá-lo, depois de formada e inserida no mercado de trabalho.

Ele não esmoreceu e continuou sua maratona de trabalho, dia e noite. “Cabra bom” esse sujeito!

Deus o abençoou com uma saúde e dinamismo impressionantes. Não é à toa que seu apelido era “Zé Boi”! Mas, nos poucos anos que se seguiram, seus cabelos foram clareando, até ficarem todos brancos.

Outro dia, num janeiro, encontrei-o voltando do trabalho. Fazendo as contas, de cabeça, perguntei se sua filha já havia terminado a faculdade.

Seus olhos se iluminaram e ele abriu um largo sorriso ao dizer, cheio de orgulho, que a formatura dela seria dali a poucas semanas!

Ele não havia escalado o Monte Everest, mas havia preparado todo o caminho para descortinar um novo horizonte para sua filha. Havia vencido obstáculos muito maiores!

Quem sabe ela possa fazer o mesmo por seus netos, sem tanto sacrifício e para renovado e multiplicado orgulho.

Existem muitos “Zé Bois”, Antônios e Geraldos, que desafiam a realidade fria e adversa para acalentar, assumir e concretizar os sonhos de seus filhos e netos. Isso é amor elevado à enésima potência!

Eles constroem escolas, estradas, hospitais e tudo o que vemos e necessitamos. Uns têm nomes de santos, outros de profetas... Isso talvez explique essa capacidade de operar, com as mãos, pequenos e grandes milagres. Sem saber, eles também nos ajudam a construir nossos sonhos! Mas poucos o reconhecem.

Não importa! Esses homens e mulheres de coragem útil e orgulho justificado provam que a vida real é mais rica de exemplos e lições do que qualquer vã filosofia ou discurso. Só precisamos ter a humildade de despirmos o véu de nosso “orgulho”, para aprender o muito que eles nos ensinam.

OUTROS CARNAVAIS

(Fev./2004)

Era o ano de 1965...

Eu tinha cinco anos de idade e morava num bairro simples e tranqüilo, onde as crianças podiam brincar na rua, sem sustos.

Só havia casas e as portas podiam ficar destrancadas durante o dia. O único senão era o casarão da esquina, único com muros altos, onde nunca víamos ninguém. Era a nossa “casa mal-assombrada” local!

À noite, nos dias quentes, as pessoas colocavam cadeiras nas ruas e todos conversavam. Havia respeito, confiança e amizade.

Nosso quintal tinha mamoeiro, nespereira, laranjeira e uma horta bem diversificada, com canteiros e cercas. E olhem que o terreno tinha apenas cinco metros de largura! Mas eram as carambolas da Dona “Zalé”, vizinha predileta, o objeto de desejo. O dinheiro era curto, mas a felicidade não tinha preço!

O Carnaval era uma brincadeira inocente. Havia malícia e sensualidade, sem dúvida, mas também havia limites consensuais.

Todos os clubes tinham bailes que sempre estavam cheios, assim como os campos de futebol de então. Havia bailes públicos nas ruas e desfiles de fantasias e escolas de samba. Não tinham a pompa e circunstância de hoje, mas a alegria era esfuziante e despreziosa.

Os grandes artistas ainda compunham marchinhas para a época. Havia batalhas de confete, corsos e encontro de blocos, onde o máximo que acontecia era um jogar farinha e água (água mesmo!) no outro.

Pais e filhos caminhavam de mãos dadas entre foliões fantasiados. As brincadeiras eram consentidas. Havia quase uma cumplicidade brejeira entre todos. Tudo era uma grande e democrática festa!

O clima contagiava todos e as pessoas olhavam-se e relacionavam-se sem tanto preconceito e formalidade.

Se para as crianças tudo já era uma grande festa e fantasia, o Carnaval era o ponto culminante!

Um dia um vizinho, dono de um caminhão de aluguel, resolveu convidar todas as crianças da rua para dar um passeio. Os pais nem titubearam: “Podem ir!”.

O caminhão era um Ford “bigode”, da década de 1920, daqueles que a partida ainda era na base da manivela. Ninguém se importou, pois além de

quase nenhum ter carro, fazia sucesso na televisão a série “Comedy Caspers”, com vários personagens do cinema mudo, entre eles um grupo de crianças que tinha um, parecido.

Subimos na carroceria, munidos de confete e serpentina, e iniciamos nossa pequena odisséia pelas ruas da cidade.

Saudávamos e éramos saudados por todos! Outras crianças corriam tentando pegar nosso véu de serpentina ou dar-nos um “caldo”. As buzinas faziam coro.

Foi a primeira e última vez que fiz esse passeio, pois, no ano seguinte, mudamos de bairro, para um apartamento. Pouco depois, soubemos que a Dona “Zalé” falecera.

Daí em diante as fantasias de infância foram desaparecendo, queimadas pelo amadurecimento precoce, e a vida virou, por um longo tempo, uma Quarta-Feira de Cinzas.

A cidade perdeu seu jeito inocente. As pessoas não convivem mais nas ruas, mas em grupos “seletos” e fechados, que vivem de querer tudo para si e nada para os outros. Mas a casa e as lembranças daquele carnaval ainda estão lá!

Curiosamente, lá se vão quase quarenta anos. Uma quaresma!

Graças a Deus, não precisei de tanto tempo para ressuscitar a crença em dias melhores. Hoje, sei que mesmo os dias que parecem ruins são prenúncios de melhores, pois, mal sabia eu, minha Colombina, que só conheci muitos anos depois, morava a poucos metros daquele apartamento sem glamour nem quintal.

Hoje, fazemos parte do bloco da esperança, que precisa sair para desfilar, jogar seus confetes e serpentinas, e trazer de volta o povo às ruas, para que volte a se conhecer, conviver e respeitar.

Que tal vir para esse bloco também, “Seja você quem for, seja o que Deus quiser. Seja você quem for, seja o que Deus quiser”?

"CATU PLECTU PLIN"

(Dez./2003)

São impressionantes os avanços tecnológicos na área de entretenimento!

As possibilidades são quase infinitas: videogames, *lan houses*, *Internet bares*, DVDs, VCDs, interatividade... Você pode passar horas diante de uma tela, apertando os botões de um controle remoto ou de um "joystick", desafiando recordes e surpreendendo-se com a imaginação e realismo proporcionados pelos seus criadores.

Tudo bem que existam efeitos colaterais, tais como: insônia, estresse (quem diria?), problemas de visão, tendinites, obesidade e outros reflexos do sedentarismo. Mas, de que outra forma você, simples mortal, poderia viver a fantasia de pilotar um caça supersônico, usar um fuzil AR-15 e toda a sorte de armamentos letais (até que não é tão difícil, infelizmente), dominar o mundo ou destruí-lo; matar e ser morto, com requintes de perversidade, sem dó nem culpa?

Pois é! Como era a diversão das crianças e adolescentes antes do advento desse mundo virtual e digital? Devia ser tão sem graça e imaginação, não?

Depende... Talvez a gente só tenha esquecido ou sido induzido a esquecer.

Quem viu o filme *Delicatessen* (1991, França), deve lembrar de uma cena na qual o zelador, artista circense desempregado e virtual candidato a "presunto", munido de uma grande bacia e de um aro avantajado, fazia enormes bolhas de sabão, no corredor do prédio.

Era pura e absoluta poesia!

Lembrei daquela música da Bossa Nova, só que em vez de canudo e canequinha, reproduzi o aparato do filme e, entusiasmados, eu e meu filho fomos para uma praça próxima de casa.

Quando começamos a produzir nossas enormes bolhas de sabão, os demais freqüentadores e transeuntes, adultos e crianças, pararam o que faziam – ou não faziam – para admirar aquelas elementares e pouco onerosas maravilhas do entretenimento.

Alguns se aproximaram, com brilho infantil nos olhos, querendo assimilar aquela "tecnologia de ponta" ou pedindo para deixar fazer...

Todos olhávamos cada bolha, acompanhando sua trajetória errática ao suave sabor do vento e torcendo por maiores, mais coloridas e mais duradouras. Assim, passamos horas ao ar livre, sentindo prazer e leveza inofensivos e imemoriáveis. E tudo isso sem “matar” ninguém!

Mínima tecnologia e máximo resultado!

O entretenimento, segundo os futurólogos, será o grande negócio do século XXI, mas alguns produtores estão levando seus projetos perigosamente próximos do limite alienante e insensível do “pão e circo” da Roma Antiga!

A humanidade, a sensibilidade e a imaginação têm sido tolhidas, condicionadas, seqüestradas e uniformizadas pelos interesses do mercado de consumo, tanto que a maioria dos “games” mistura violência desmesurada, sangue aos borbotões, assassinatos “à queima-roupa” e crimes, muitos crimes!

Tudo é fictício, é claro; mas nota-se um crescente potencial de interação desse mundo “paralelo” com o mundo real. Em parte, isso é um subproduto da especulação imobiliária e da violência urbana, que têm reduzido progressivamente os espaços de lazer e a liberdade de ir e vir. Hoje, os pais minimamente responsáveis têm medo de deixar seus filhos saírem sozinhos à rua, e a vida das crianças e adolescentes urbanos sofre de um novo tipo de claustrofobia, transitando entre as paredes fechadas de apartamentos, escolas, clubes e shoppings.

A realidade virtual surgiu como uma alternativa a esse realismo perigoso e estaque. A maior vítima desse contexto é a imaginação, que cada vez mais perde lugar em nossas vidas.

Mas ainda há vestígios dela! Talvez por isso a visão de uma pipa colorida, de uma gaiota de papel ou de uma bolha de sabão cause tanto fascínio, mesmo aos mais carrancudos e intolerantes. Talvez porque com elas também voam nossas almas e sonhos, livres das “gaiolas” do cotidiano e do “pão e circo” do consumismo selvagem.

É certo que nesse universo lúdico e ingênuo também existe a crueldade das atiradeiras e a malícia do “cerol”, mas sempre podemos fazer uma nova pipa, mais arrojada e colorida, ou bolhas maiores e em tanta quantidade, que nem mesmo o mais persistente “espírito de porco” conseguirá destruir todas! Ao menos uma subirá, carregando consigo nossos sonhos que, quando uma corrente de vento a desfizer, se espalharão pelo céu.

Será que se todos fizerem bolhas de sabão essas correntes de vento poderão se transformar em correntes de sonhos, que um dia se transformarão em realidade?

Quem sabe? Afinal, “sonho que se sonha junto...”.

GERMINAL

(Set./2003)

Como todas as ex-colônias ibéricas, os países da América Latina herdaram os vícios e dívidas de seus colonizadores. Ao longo de quase duzentos anos de "independência" todos balançaram ao sabor dos interesses das grandes potências do momento, ora considerados celeiros, ora quintais, ora bordéis, mas sempre currais.

Fruto dessa dependência de fato, o financiamento de governos corruptos, geralmente ditaduras, assegurou a manutenção de uma pequena elite colonizada controlável, defensora incondicional dos interesses das potências, enquanto a imensa maioria da população permanecia mergulhada na mais absoluta miséria de tudo: comida, saúde, educação e cultura. Eram duas Américas: a "ladina", dos caudilhos e coronéis, e a "latrina", "privada" de tudo, dos miseráveis.

Esse quadro é sempre propício a posturas maniqueístas, daí, ou tínhamos a submissão apática e sem esperança, que servia como justificativa ao argumento de que o povo era simplório e precisava de "lideranças firmes" e "proteção"; ou à reação indignada, revolucionária, iconoclasta e intempestiva.

Marx e Engels, no século XIX, falavam em "luta de classes" e da disputa capital x trabalho, mas no caso da América Latina isso não era tão "moderno" ou ideológico. Havia, é claro, o interesse dos financiadores capitalistas externos e a contra-carga do socialismo soviético, mas a relação interna era muito mais próxima do feudalismo medieval.

Após a derrocada da União Soviética houve uma distensão ideológica na América Latina. As ditaduras corruptas e ineficientes foram, pouco a pouco, sendo substituídas por governos eleitos, embora ainda sob suspeita de fraudes. Se lembrarmos da eleição de Bush, veremos que isso não é uma característica só da AL.

A "luta armada" ideológica perdeu sustentação e financiamento soviéticos, e foi buscar novos recursos para manter sua estrutura e poder. Assim, os antigos adeptos da cartilha que abominava o "ópio do povo", passaram a viver, na prática, do tráfico de narcóticos. Apesar dos aspectos nefandos desse comércio, esses grupos muitas vezes suprem as necessidades de comunidades, que de outra forma continuariam esquecidas ou desprezadas pelos governos legalmente constituídos.

Com isso, a equação da América Latina ainda não está bem definida e nem é tão simples e cartesiana quanto alguns podem pensar. Mas esse

histórico de rancor interno, desequilíbrio social e disputas externas tem sido o principal elemento de inibição do desenvolvimento regional. Os interesses comerciais das potências também continuam fomentando essa divisão, intervindo direta ou indiretamente em vários países. A Colômbia é um perigoso exemplo, transformada num "Vietnã latino" e no que seria, talvez, o primeiro passo do interesse principal: a ocupação e internacionalização da Amazônia.

Apesar dos percalços, a evolução da democracia na região é inegável. No entanto, do ponto de vista diplomático, ainda estamos mais para África do que para Europa.

Os países europeus superaram - ou, ao menos, digeriram - séculos de disputas territoriais, políticas e econômicas, em nome de uma unificação, com mútuos benefícios. Os EUA, antes de se tornarem a grande nação "democrática" que se dizem, precisaram de uma sangrenta guerra civil. Também precisaram superar rancores em nome da realização de seus potenciais.

A recente reunião da OMC comprovou que EUA, Europa e Japão formam um bloco poderoso e compacto na defesa de seus interesses; que a abertura de mercados que pregam tem uma única mão de direção; e que estão dispostos a tudo para bloquear qualquer estratégia que altere essa relação ditatorial.

É certo que o endividamento e a dependência de investimentos externos prejudicam a autonomia político-econômica dos países emergentes, mas se não houver um forte posicionamento dessas nações a tendência é de agravamento desse quadro, submetendo-os definitivamente aos interesses das potências e frustrando qualquer possibilidade de desenvolvimento e autodeterminação nacionais.

A unificação da América Latina, nos moldes da União Européia - superando ranços e disputas antigas, internas e externas - pode parecer utópica, quixotesca... Mas é uma necessidade premente e quase única alternativa.

A aproximação com África do Sul, China, Índia e Rússia também é interessante, embora geográfica e culturalmente mais complexa.

Iniciativas nesse sentido estão surgindo e demandam um esforço diplomático importante, capacidade de resistir ao "canto de sereia" das economias mais fortes e cuidados para que esse novo bloco não se transforme num "Exército de Brancaleone" ou numa "Cruzada dos Meninos".

Está na hora de avaliarmos até que ponto a democratização desses países foi capaz de gerar, em lugar de ditadores sangrentos e corruptos, e de mártires e intelectuais vaidosos, estadistas que façam jus a esse nome!

AVERSÃO AO NOVO

(Set./2003)

O dicionário "Aurélio" define cultura como:

"O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade..." ou "Atividade e desenvolvimento intelectuais; saber; ilustração; instrução...". Afirma, ainda, que "... é fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento desses valores...".

Ocorre que, apesar do dinamismo característico da evolução da Humanidade, existem pessoas que acreditam que nada deve ou precisa ser mudado ou acrescido: são os conservadores e os fundamentalistas. Talvez essa postura seja a expressão de seu medo de enfrentar o desafio de evoluir, de perder sua ascendência ou status, ou por não terem realmente nada a contribuir. Esse medo já fez várias vítimas, tais como: Jesus Cristo, Mahatma Ghandi e Martin Luther King, por exemplo.

Especificamente no âmbito das artes, eles procuram desabonar qualquer iniciativa inovadora, como se nada houvesse a acrescentar depois de Vivaldi, Bach, Beethoven, Verdi, Wagner, da Vinci, Rafael, Rubens, Goya, Rembrandt, Van Gogh e tantos outros magníficos gênios do passado. Eles continuam presentes e inspirando o futuro, não pelo que os "doutos" de seus tempos diziam deles, mas pela força sensorial universal de suas obras, que maravilham tanto o rico quanto o humilde. Voltando no tempo, talvez cheguemos à conclusão de que, se a aversão ao novo de então vingasse, é provável que suas obras sequer chegassem a nós, execradas que foram pelos críticos conservadores de então.

No caso do Brasil, a obra de Villa-Lobos foi duramente criticada, acusada de ser excessivamente popular, contrapondo o colonialismo cultural, europeu, do início do século XX. Machado de Assis sofreu discriminação pelo seu estilo inovador e origem racial. Não fosse por suas obstinação e paixão, eles e outros, antes e depois deles, teriam sido abafados pelos "intelectuais" conservadores ou, como muitos outros, tendo seu talento e sua genialidade reconhecidos apenas de forma póstuma. Se essa aversão ao novo lograsse sucesso, muitos dos expoentes que hoje admiramos sequer existiriam!

"É que Narciso acha feio o que não é espelho"!

Baseado nisso, pode-se afirmar que a aversão ao novo é anti-cultural!

É certo que cada um tem suas preferências, mas a imposição desses valores aos demais, ou a discriminação arrogante e esnobe dos gostos diferentes provoca mais aversão popular aos clássicos do que sua popularização.

Não se trata de defender a "cultura de massa" imposta pela indústria do consumo, mas não se pode desenvolver o gosto popular pelas artes eruditas impondo barreiras. O processo tem que ser natural e interativo, e as políticas governamentais são fundamentais para o fomento de programas culturais atrativos, que agreguem experiências às vidas das pessoas, sem destruir suas bases.

Mas alguns desses conservadores crêm que as questões políticas são superficiais e irrelevantes. Sobre essa postura, duas frases, de autor bastante conhecido e respeitado, são pertinentes: "A cada dia suas preocupações" e "À César o que é de César". Cito-as porque são poucos, muito poucos, os cidadãos que não têm suas vidas influenciadas, de forma cotidiana e, por vezes, dramática, pelas medidas governamentais. Dentre elas, as políticas de saúde e educação são fundamentais para dar condições adequadas de vida e desenvolvimento profissional e intelectual ao povo. Não são, portanto, desprezíveis, a não ser para quem tem independência financeira ou apadrinhamentos políticos, que assegurem sustento sem trabalho, empregos sem competência. Também pouco influem para os que têm acesso privilegiado ao mercado de trabalho, favorecido pela possibilidade de cursar as melhores escolas particulares (até o Ensino Médio) e as melhores universidades governamentais (grande paradoxo do ensino público, que é sofrível até o Ensino Médio). Tampouco incomodam os que tenham optado por uma vida de contemplação, afastados dos problemas reais que afetam milhões de brasileiros.

Sobre a cultura, dita, popular, também seria interessante analisar porque existem tantos intelectuais formulando dissertações de mestrado e teses de doutorado e pós-doutorado que divulgam e incentivam manifestações populares, em vez de aculturar as comunidades ao padrão erudito. Mesmo Villa-Lobos, como já mencionado, baseou parte importante de sua obra em temas folclóricos e populares.

O conservadorismo cultural, tacanho e esnobe, inibe o surgimento do novo e mesmo a consagração do que defende. Não podemos e não devemos, portanto, discriminar o que não corresponde aos nossos padrões e gostos. Devemos, sim, incentivar o intercâmbio de experiências e conhecimentos. E isso deve ocorrer de forma lúdica, prazerosa e não-elitista, evitando o choque da imposição ou da artificialidade. Precisamos aprender, não apenas com os grandes intelectuais, mas também com a sabedoria popular; e ensinar sempre

com o objetivo de unir e não de discriminar, participando, dessa forma, do esforço coletivo pelo aprimoramento dos valores culturais.

Para tanto é preciso ter a grandeza de ser humilde "sin perder la cultura"!

ANJOS DO COTIDIANO

(Set./2003)

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor,... nada seria.

(I Coríntios, 13)

Existem pessoas que são capazes de recitar obras-primas inteiras com uma eloquência requintada e explicar minuciosamente o sentido de cada frase ou pensamento dos grandes filósofos. Mas, apesar da cultura, inteligência e sabedoria que muitos ostentam, com vaidade improdutiva, são incapazes de expressar uma única frase autoral, precisa e sincera, que sirva de conforto ao próximo, que às vezes nem reconhecem como semelhante, em momentos de real fragilidade emocional. Falta-lhes senso de observação, pureza e caridade.

De que adiantam discursos e sermões plenos de impostação, citações e dialética, se vazios de sentimentos honestos e sinceros? Eles só servem para iludir aos outros e, muitas vezes, a si próprios!

Fisicamente temos quase tudo em, no mínimo, o dobro: dois olhos, dois ouvidos, duas narinas e um intrincado sistema de terminações nervosas pelo corpo inteiro, mas apenas uma boca. Quanto aos ouvidos e boca, um ditado diz que os temos assim para ouvirmos duas vezes mais do que falamos. No entanto, estendido a todos os sentidos, é possível concluir que devemos tomar todas as informações sensoriais, processá-las pela consciência para somente depois expressar, não apenas pela boca, mas também pelo olhar e pelo afago.

Apesar do mau uso que fazemos de nossas faculdades sensoriais e mentais, Deus ainda abençoa-nos, permitindo que existam pessoas capazes de entender o sofrimento dos outros e consolá-los, de esquecer um pouco de si próprias para solidarizar-se com o próximo. Infelizmente, pela falta de sensibilidade, alienação e submissão a valores impostos, não somos capazes de reconhecer essa benção, negando-lhes uma vida mais leve e feliz. Preferimos uma inquestionável obediência a princípios conservadores ou radicalismos paranóicos, próprios ou herdados, onde valores como solidariedade, bondade e pureza são desprezados em nome de idéias-fixas características de quem é incapaz de ser humano.

Existem casos piores, em que confundem essa humanidade e altruísmo com fraqueza ou falta de ambição, da qual mal-intencionados tiram proveito, sem qualquer compromisso ou escrúpulo.

Não é à toa que existem tantos santos. Eles são obras dos erros da humanidade!

Mas apenas uma pequena parte deles é conhecida. Os já conhecidos eram humanos como nós. Foram, geralmente, mártires, que sofreram pelas mãos dos que se sentiram incomodados, ameaçados ou atraídos de forma torpe pela sedução angelical de suas obras. Para atribuir-lhes a santidade formal foi preciso de um longo processo, que inclui a comprovação de curas e eventos miraculosos.

Entretanto, às vezes basta olhar ao redor para constatar a presença de novos e genuínos anjos entre nós, que com uma simples palavra ou toque sincero são capazes de operar milagres anônimos e conduzir-nos aos caminhos do bem-estar e do bem-ser. E tudo isso sem exigir nada em troca!

Na verdade, nós também temos essa capacidade, pois cada um de nós recebeu um ramal dessa linha direta com Deus. A forma com que conduzimos ou somos conduzidos na vida é que faz com que ele seja cortado ou esqueçamos o número. Assim, quando vem o chamado: ou estamos ocupados demais para atender ou preferimos ouvir "mensagens eletrônicas" dos bloqueadores.

Os que sabem atender são pessoas especiais, que não vêem nada de especial nisso e muitas vezes sofrem além da conta com os males do mundo. Preocupam-se tanto com o sofrimento dos outros, que esquecem ou têm receio de pedir ajuda para solucionar os seus próprios. Ironicamente, a vida quase sempre ainda os testa, negando-lhes o bem que proporcionam aos outros e colocando em seus caminhos pessoas que lhes negam um mínimo de reciprocidade.

Esses santos do cotidiano não se consideram diferentes e são naturalmente bons. Nem sempre são conhecidos ou reconhecidos, mas sua presença sempre ilumina e transforma o ambiente. Provavelmente não terão seus nomes perpetuados em logradouros ou prédios públicos, mas têm uma infinita capacidade de amar e de renunciar em favor dos que amam ou mesmo dos que sequer conhecessem. Ensinam-nos, assim, uma vez mais, o que é o verdadeiro amor!

O que diremos das pessoas que tiram proveito malicioso dessa bondade, pureza e denodo?

Em respeito à singeleza desses verdadeiros anjos, e sob risco de, por ser humano, ser igualmente culpado, manter-me-ei calado!

Tenho a felicidade de conviver, bem próximo, com algumas dessas pessoas. Muitas vezes sinto-me fascinado e indigno ao observar seus gestos, atitudes e palavras. Sinto-me abençoado por tê-las tão ao meu lado e por ter a oportunidade de tentar retribuir um mínimo do enorme bem que me fazem apenas por existirem.

Se não podemos servir-lhes de bálsamo e aconcheço, que ao menos nosso egoísmo, arrogância, inveja, covardia, preconceitos, frivolidades, obsessões e culto às aparências não lhes sejam pedras no caminho.

Quem sabe, assim, tenhamos menos santos mártires, vítimas da estupidez de seus semelhantes, e uma humanidade mais santa, onde a língua dos anjos e as dos seres humanos seja uma só: o esperanto do amor!

NARCISO, A VERDADE E A TORRE DE BABEL

(Jul./2003)

... Mas nos deram espelhos e vemos um mundo doente.

Há cerca de oito anos, li um comentário do premiado cineasta iraniano Mohsen Makmalbaf sobre uma lenda persa. Segundo ela, que a Verdade era um grande espelho, que foi partido em milhares de pedaços, lançados na Terra. Desde então, cada um que encontra um pedaço acredita tê-la achado, inteira.

Esse simbolismo também faz recordar uma outra lenda: a de Narciso, cuja beleza era tão divina, que ao ver sua imagem refletida num lago, apaixonou-se por si próprio e afogou-se ao tentar se encontrar.

Ambas as lendas falam do ego e do risco do ser humano se deixar levar pela vaidade e perder a noção do todo, por ignorância, idiotia ou soberba.

O episódio bíblico da Torre de Babel também é um belo retrato dessa condição pouco edificante, apesar de tratar de uma edificação. Consta que, não satisfeita com a semelhança divina, a Humanidade quis atingir e sobrepujar o Criador. Antes de edificar e povoar a Terra quis alcançar o céu! A vaidade e a ânsia de poder levaram à confusão das línguas e à divisão dos povos.

Assim, alheios às lições da vida, os seres humanos, nos milhares de anos que se seguiram, continuaram a construir torres cada vez mais altas e muros cada vez mais sólidos. Não os fizeram para atingir o céu ou para adaptar o meio ambiente, mas para instalar tronos e demarcar domínios que nunca bastam, gerando contínuos conflitos.

São dezenas de países, centenas de religiões e várias correntes político-filosóficas, que em vez de juntarem seus pedaços de espelhos para reconstruírem a Verdade que une, preferem considerar que, embora feitos do mesmo material e origem, apenas o seu estilhaço a reflete sem distorções.

Fragments dos livros sagrados, como os do espelho persa, geram a cada dia novas denominações, que não trazem o nome de Deus, mas tem o nome do fundador ou responsável, num autêntico culto à personalidade. Tomam o seu pedaço de espelho, constroem o seu muro ou sua torre e criam mais uma divisão, para satisfazer sua vaidade de exercer a “liderança” que lhe foi negada alhures. Da torre ditam a “verdade”, que se confunde com o muro,

que limita, reprime, desnorteia e divide. Evitam, assim, a reunião dos fragmentos de espelho, que poderia abrir portas e janelas.

Para esses discípulos da discórdia, não basta aos outros serem e professarem. Eles têm que falar igual, vestir-se igual, sustentar o aparato, tratar os “diferentes” como inferiores - ou coisa pior -, condicionar bênçãos gratuitas dadas pelo Dono ao regime complexo e excludente estabelecido pelos posseiros, para os quais até “guerras santas” tem respaldo e justificativa.

Não importa se o Pai é o mesmo, tem que ser adotado pelo mesmo padrasto e morar dentro dos mesmos muros.

A Verdade que deveria confortar os espíritos é substituída pela “verdade” que os confunde e pela crença de que assim somos mais bonitos e perfeitos.

Fragmentos de espelhos só servem para decorar fantasias cujo brilho fascina, mas distorce e fere. São igualmente belos quando arranjados em mosaicos, mas formam uma imagem que nada tem a ver com seu elemento básico.

O verdadeiro paraíso não é feito de muros e desigualdades! Nele, todos falam o mesmo idioma e não precisam de espelhos, pois são o que são em vez de falsas e convenientes aparências.

O problema do espelho é que a prata que se põe sob o vidro tira-lhe a transparência, só permite ver um lado. Quanto ao muro e a torre: só quem está acima deles vê o outro lado ou todo o entorno. Se for escravo da vaidade, talvez ele não diga tudo o que vê, esconda, deturpe ou, simplesmente, minta.

A reunião dos fragmentos do espelho original permitirá que nos vejamos como realmente somos. Mas para que ele reflita é preciso de luz; e para que haja luz - e ar puro - são necessárias amplas portas e janelas. Assim, ao abrirmos esses vãos veremos mais e melhor, e chegaremos à conclusão de que não precisamos de muros e torres feitos a partir de fragmentos. Basta dispor o espelho recomposto sobre o solo e verificar que, ao andarmos sobre ele, o céu pode ser refletido na Terra “a Sua imagem e semelhança”.

FOME DE VIVER

(Jul./2003)

Assisti, em 17/07/03, a uma magnífica e desconcertante reportagem da excelente jornalista Neide Duarte, levada ao ar pela TV Cultura – SP. Seu tema era a desnutrição infantil no sertão do Nordeste.

A repórter acompanhou várias famílias, desde a constatação da deficiência até a evolução do tratamento com “multimistura”.

Ela encontrou e mostrou talvez mais do que foi procurar. Casas paupérrimas, falta de eletricidade e saneamento, mães que sofriam com a falta de saúde e esperança dos oito filhos vivos, e com a dor da perda dos mais de dez natimortos: autênticas “vidas secas”!

A voz de José Dumont, num relato “severino”, permeava os hiatos da repórter, tornando ainda mais pungentes as imagens de miséria que desfilavam na tela.

Neide Duarte foi além do simples documentário: tocou, alimentou, sentiu e reconheceu suas limitações como ser humano diante de um quadro tão antigo quanto a História do Brasil. Ao fim da reportagem apresentou o saldo: algumas crianças recuperadas, várias ainda lutando e duas mortes.

Mas, o que esperava as sobreviventes? Miséria? Marginalidade? Morte em vida?

Nem todos os programas de conscientização para a paternidade responsável e de supressão da fome, e nem a participação de todas as mais bem intencionadas ONGs do mundo serão suficientes para reverter o quadro em que esses filhos de Deus subsistem, enquanto a corrupção política viver de sua carniça!

Nesse universo de desesperança: verbas desviadas, projetos inadequados, enriquecimento ilícito, justificado com as mais esdrúxulas desculpas, e discursos cheios de hipocrisia e poesia, mas vazios de honestidade e decência são como sentenças de morte para milhares de brasileiros. E isso não vale apenas para os que vivem nos sertões, mas também para os que subsistem nas cidades e todos os que vagam no esquecimento desse limbo, para serem ressuscitados, qual uma fênix, apenas na época das eleições.

Sem pieguice, temos nossa cota de responsabilidade nesse quadro... Mas a dos políticos e demais membros dos três poderes é total e inalienável!

E não combate-se a miséria com as migalhas filantrópicas “de fachada”, discursos, inércia ou segundas intenções!

“Governo do povo, pelo povo e para o povo”; “Todos são iguais perante a Lei” e muitas outras frases que compõem o jargão democrático perdem seu sentido e sentimento se quem devia representar e proteger o povo o esquece, em nome de outros interesses. O manto do governante transforma-se no capuz do verdugo e a toga do que julga converte-se na mortalha do indefeso.

A corrupção se faz no mínimo a quatro mãos: corruptor e corrompido. Se estivéssemos num regime islâmico não restaria nenhuma! Aliás, não seria nenhum absurdo reputar desvios de verbas, corrupção e enriquecimento ilícito como crimes hediondos contra a Humanidade, pelo efeito que provocam. Mandar milhões de submissos para a morte nos campos de extermínio ou de trabalho forçado, nas guerras étnicas ou nos conflitos forjados não é considerado crime? Então, porque condenar à: fome, marginalidade, escravidão e prostituição também não o são? E qual pena imputar-lhe, então?

Seja qual for dificilmente será aplicada nesse mundo, pois os que praticam esse tipo de crime, além de ofuscados pela ganância e vaidade, estão protegidos pela prosperidade econômica ilícita e pelas leis dúbias que criam. Seus filhos e herdeiros políticos, bem nutridos, “estudados” e “viajados” à custa do erário não sofrerão dos males do mundo. Na verdade, estarão cada vez mais insensíveis a eles, embora mais hábeis em tirar-lhes proveito.

Quando se atinge esse nível, não se vê e não se quer ver a miséria como produto da corrupção. Ambas assumem a condição de retas paralelas, que não se tocam, exceto no infinito comum do retorno ao pó.

Quem sabe se gabinetes, plenários e tribunais tivessem, bem legível e em lugar de destaque, a menção: “Toda criança faminta, marginalizada, drogada e prostituída é fruto da corrupção!”, os membros dos três poderes acordassem de seu sonho etéreo de poder e descessem de seus pedestais para verem o surrealismo e sentirem o odor sulfúreo de seus atos.

E daí? Pode ser que vejam, sintam e, ainda assim, nada façam!

Pois que sintam, ao menos, remorsos e carreguem esse peso, enquanto quiserem, em suas consciências; e toda vez que olharem para suas colheitas sem merecimento vejam nisso a sombra da miséria que cultivam e perpetuam.

Em dado ponto da reportagem, uma médica afirmou que uma das principais características da recuperação de uma criança desnutrida é a volta do sorriso. Então, lembrando uma antiga campanha televisiva: “Façam uma criança sorrir!”. Ou vão continuar negando-lhes isso às gargalhadas, entre uma garfada e outra “garfada”?

OS 60 POR UM NOS 40

(Jul./2003)

Vi e vivi a década de 1960 com os olhos da infância e da pré-adolescência. Embora de família operária e numerosa, em tempos politicamente nebulosos, meus pais conseguiram a proeza de nos preservar dos aspectos mais turbulentos e inexplicáveis da época. Afinal, como explicar para uma criança: Guerra Fria; Vietnã; Argélia; Biafra; Guerra dos Seis Dias; crise da Baía dos Porcos; os assassinatos dos Kennedy e Martin Luther King; movimento *Black Power*; *Nouvelle Vague*; Brigitte Bardot; *Pop-Art*; Kerouac; Kubrick; Glauber; Primavera de Praga; Paris-1968; corrida espacial e armamentista; hippies; racismo; ditadura; luta de classes; amor-livre; preconceitos; enfim, esse monte de personagens e eventos que transformaram os anos 1960 no período de maior ebulição político-artístico-cultural do Século XX?

Criança não distingue raça, religião nem ideologia! Complicar, odiar e discriminar são coisas que só alguns adultos curtem e gostam de ensinar.

Mas nem tudo era tão complicado ou taciturno. Havia um saudável espírito de globalização nas artes e a vida urbana era menos complicada. Minha mãe vivia cantando, meu pai me levava ao cinema para ver os filmes que projetava, meu irmão mais velho tinha pilhas de fitas cassete, que eu ouvia escondido dele. Brincávamos nas ruas calmas, os vizinhos eram amigos e os adultos conversavam sentados nas calçadas, observando suas “crias” à distância. Assim, esse período transcorreu docemente, sob o signo da inocência, exceção feita às crises de bronquite, que sumiram aos seis anos de idade, graças a Deus, mas tornaram-me um pouco precoce, introspectivo e observador.

Os meios de comunicação abriam espaço para todas as correntes. Não havia a “pasteurização” das rádios FM de hoje, onde todos falam igual e tocam as mesmas músicas de qualidade duvidosa. As emissoras AM de então, mesmo as emissoras mais populares, mesclavam músicas de várias origens e tendências. Era possível ouvir: Charles Aznavour, Jacques Brel, Louis Armstrong, Beatles, Rolling Stones, Bob Dylan, Simon & Garfunkel, Beach Boys, Bee Gees, Credence, B. B. King, Pepino di Capri, Sérgio Endrigo, Rita Pavone, Domenico Modugno, Roberto e Erasmo Carlos, Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Elis Regina, Moacyr Franco (que cantava versões magníficas), Jair Rodrigues, Geraldo Vandré e tantos outros, além de

música clássica e instrumental. Inglês, Francês, Italiano e Espanhol eram idiomas ouvidos diariamente; ícones do Iê-Iê-Iê e Rock conviviam pacificamente com os mestres da Bossa Nova e Samba (a sigla MPB foi criada naquela época). Tinha tudo de bom das décadas anteriores (os artistas da era de ouro do rádio ainda estavam em grande forma) e todas as sementes que brotariam pouco depois.

Na televisão, ainda jovem e experimental, Tupy, Record, Excelsior e Globo premiavam-nos com festivais musicais honestos, atores de primeira grandeza e programas que marcaram a vida de muitas pessoas. Apesar de ter entre três e dez anos, ainda me lembro de: *Times Square*, Corte & Rayol Show, Moacyr Franco Show, Hotel do Sossego, Praça da Alegria, Jovem Guarda, Pim-Pam-Pum, Zás-Trás, O Fino da Bossa, Astros do Disco, Família Trapo e tantos outros. Era muito mais fácil encontrar uma atração interessante nos poucos canais abertos, com todas as dificuldades técnicas que existiam na época do que hoje, incluindo as TVs a cabo, Internet e Satélite! Até o anúncio de problemas técnicos era divertido: “Não desligue não! O problema é nosso! Estou fazendo o que posso para consertar a televisão...”, era o início da vinheta que a TV Excelsior colocava no ar – e que a gente cantava junto – quando alguma falha de transmissão acontecia.

Nem vou falar sobre o futebol-arte de Santos, Botafogo, Palmeiras e Cruzeiro... Seria covardia!

Saudosismo? Total e sem culpa! Aliás, ainda compro CDs com gravações que não podia comprar da época. Nem precisava, pois tem tanta gente regravando os sucessos de então. E a “galera” pensa que é coisa nova!

Mas esse saudosismo não é patológico, nem me impede de gostar – e muito – do que é novo e tem qualidade.

Os anos 1960 foram tempos em que preconceitos foram quebrados, a liberdade de expressão assumiu novos contornos e as massas mostraram seu poder de transformação. Também foi o início de muita coisa ruim: apologia do vício, perda de valores familiares e antropofagia profissional. Isso é justificável, pois toda a barragem quando rompe provoca grandes estragos antes que o equilíbrio das águas se estabeleça.

No entanto, talvez o maior legado daquela década tenha sido a subversão do tempo, pois, até então, quem passava dos trinta era considerado “coroa”, “careta” ou estava “por fora”. Só que quem falava isso envelheceu e foi transferindo sistematicamente esse limite para o que ainda está para chegar. Que o diga Mick Jagger...

Definitivamente, velhice passou a ser um estado de espírito, uma opção pessoal e intransferível!

Ainda estou no início dos “enta” e longe de viver do passado. A atividade docente também ajuda na oxigenação do cérebro, pelo intercâmbio produtivo de idéias e opiniões com as novas gerações de parceiros da vida. O passado vivido serve, sim, como experiência pessoal e inspiração.

Saudosista? Sim! Mas com os pés no presente e os olhos no futuro, que “vai ser uma brasa”, mora?

OS DOIS PRÍNCIPES

(Jun./2003)

É curioso como a maioria dos que ingressam na política partidária, após um contato inicial com a vida pública, adota como bibliografia básica dois títulos: "O Príncipe", de Maquiavel e "A Arte da Guerra", atribuído a Sun Tzu, nessa ordem. O mais interessante é que essa maioria se diz impressionada com a atualidade e perspicácia dos conceitos neles expostos - independentemente de contexto histórico - e mais preparada para enfrentar os desafios desse meio complexo.

Este padrão faz lembrar de um outro príncipe, o "Pequeno Príncipe", de Saint Exupéry, que era o livro preferido e indispensável para dez entre dez misses.

A diferença é que enquanto o primeiro relaciona modelos de governo, recheados de argúcia e uma boa dose de crueldade, numa época em que a vida humana valia muito pouco nas mãos dos que faziam política: os nobres, o segundo fala de pureza e amizade. Sendo assim, o que a adoção de Maquiavel e Sun Tzu como mestres, ambos associados a sistemas absolutistas, pode auxiliar na evolução de um modelo democrático? Formando novos predadores?

As obras de Maquiavel e Sun Tzu são interessantes documentos históricos. Serviram de conselho aos nobres de seus tempos e têm sido fonte de inúmeras analogias. Vários autores e conferencistas ainda se valem delas na área empresarial. Já a obra de Saint Exupéry é lembrada mais como manifesto utópico.

São dois "príncipes" e duas medidas! Mas lê-los é importante, como importante é ler qualquer livro, de qualquer autor, pois quanto mais e mais diverso for o conhecimento adquirido, mais e melhor nosso discernimento estará instrumentado para raciocinar e concluir. Afinal, para enfrentar o mal é preciso conhecer seus princípios e métodos. Mas também é indispensável aprender e praticar o "bem"! Cristo, investido da forma e fraquezas humanas, sujeitou-se a tentações durante quarenta dias no deserto, para provar a força do espírito sobre a carne, antes de assumir efetivamente seu destino.

O que causa preocupação é que muitos desses novos políticos, que poderiam mudar o quadro atual, lêem essa bibliografia sem auferir nenhuma elevação ou evolução espiritual, ou sensibilidade social. Em vez disso buscam nesses e em outros autores consagrados e mitos justificativas para intentos

pouco democráticos ou moralmente duvidosos, e mercadoria para abastecer seus "saquinhos de maldades". Querem aplicar os pensamentos de forma literal e insofismável, ignorando contextos históricos e sem se importar que para isso tenham que passar por cima dos princípios morais e éticos que a civilização levou séculos para amadurecer. O bem do povo continua valendo muito pouco nesse projeto.

Num dado trecho da obra de Maquiavel, um nobre ordena a um comandante de sua inteira confiança e que sempre primara pela obediência cega, que conquiste um território usando de todos os recursos necessários. Todos mesmo!

Obediente, fiel e seguindo a moral da época, o militar invadiu cidades, mandou assassinar governantes e suas famílias e impôs temor e terror ao povo. Preparado o caminho, o nobre entrou triunfalmente em seus novos domínios e, num gesto magnânimo, buscando aproximação e respeito de seus novos súditos, mandou executar seu fiel e obediente comandante!

Muito atual não? E quase literal...

Essa formação estereotipada, aliada a uma predisposição natural para o dolo e o sadismo, tem sido responsável pela "cultura" de muitos políticos, que começam suas carreiras com nobres ideais, para pouco tempo depois resumirem sua vida pública ao discurso vazio, à retórica rebuscada e à busca obstinada por prestígio e poder, ou da sombra de quem os têm, qual um autêntico vício.

A esperança de formação de um cidadão íntegro cede lugar ao cidadão partido, cujos princípios variam de acordo com a legenda em que se encontra, ou a legenda varia de acordo com seus projetos de momento.

Talvez fora melhor que os políticos lessem "O Pequeno Príncipe", de Saint Exupéry e as misses, "O Príncipe", de Maquiavel.

Ambos ficariam, seguramente, mais interessantes...

Poesias

AMAR É PRECISO!

(Nov./2004)

Ventos me levavam, mares me tocavam...
Seguia por rotas que eu nunca escolhi.
As velas infladas levavam ao longe,
distante da vida que eu nunca vivi.

Portos eram sonhos e amores possíveis,
que a bruma do tempo não deixava ver.
Faltava coragem pra perder o rumo
e buscar o novo, sem nada temer.

Brisas enganavam com falsos sorrisos,
cantos de sereias, com seu murmurar.
Eram como âncoras e calmarias,
que à terra, destino, negavam chegar.

Desejei sargaços e mares bravios,
recifes, tormentas, valente, enfrentar.
Busquei um farol, no horizonte, luzindo,
de braços abertos a me esperar!

Vi que o mar e a terra são partes de um todo,
que o vento acarinha com a mesma ternura.
Se afagam, se açoitam, mas sempre se tocam
como dois amantes em doce ventura.

Hoje, mar e terra convivem em meu peito;
navego e caminho, sagaz e conciso.
Se as ondas me agitam, teus olhos me acalmam.
Navegar é bom, mas amar é preciso!

NÃO TOQUES NOS MEUS SONHOS!

(Ago./2004)

Tu podes, para reinar,
portas e janelas fechar,
horizontes limitar
e somente em si pensar.
Mas não toques nos meus sonhos!

Tu podes, por mero prazer,
com correntes e mentiras conter,
de correntes e mentiras viver,
e até o que não és parecer.
Mas não toques nos meus sonhos!

Tu podes, para luzir,
tramar, burlar e iludir,
labirintos e sombras urdir;
sem caráter e escrúpulos, vidas destruir.
Mas não toques nos meus sonhos!

Tu podes, para num altar se por,
da vida dos outros dispor;
semear lágrimas, sofrimento e dor;
troçar de quem não aspira mais do que paz e amor.
Mas não toques nos meus sonhos!

Tu podes, para viver de "glamour",
somente fazer o bem para si, "mais jamais pour...";
possuir cada "belle du jour",
sem nunca enxergar "autours et aux alentours".
Mas não toques nos meus sonhos!

Não toques nos meus sonhos,
pois eles serão meu derradeiro manto e acalanto;
porque, nesse teu mundo insano,
são eles que me manterão humano.
Porque, mesmo que me tires o arrimo e a meta que anima,
eles nunca negar-me-ão a esperança da rima.

Mas se insistires em fazê-lo,
mesmo depois de tão sincero e profuso apelo,
o que mais te restará a tomar
de quem nem mesmo será dado sonhar?

Teu mundo será "perfeito",
mesmo envolto em tão falsa e aparente calma.
O mundo será teu leito!
Que Deus se apiede de tu'alma!

Mas não te iludas em crer
que podes os sonhos de outrem conter,
por sádico prazer
ou tirano poder.

Saibas que os sonhos não têm limites,
por mais que os ceifes ou evites!
São como semente divina,
que transcende o corpo e ilumina,
que nos é dada a plantar,
não importa o tempo ou o lugar.

Semeiam o amor e a esperança,
convidam ao riso e à dança,
em gesto, prosa e verso.
Sem dor, lamento ou cansaço
lançam o espírito no espaço,
na fértil seara do universo!
Universo de estrelas sem fim,
de mundos em nada enfadonhos.

Queres brilhar? Pois que brilhes!
Mas não toques, jamais, nos meus sonhos!

CAMINHOS DA ÁGUA

(2004)

Fluía ao sabor da Lua,
crispado ao vento.
Sonhava com o céu,
de tua beleza o véu.

De tão inebriado,
minha alma incontida
sentia o calor,
levitava de amor!

E assim, levitando,
fui ao teu encontro,
qual nuvem criança
que ao vento se lança.

Mas um turbilhão me afastou de teus braços
e nuvens cinzentas tomaram teu posto.
Onde está meu Sol? Só clarões eu vejo!
Meu peito se oprime, sem ver o teu rosto.

E assim, oprimido, deixei-me cair
do céu até o solo, em forma de pranto.
Desfeito em pedaços, qual gotas de chuva,
o toque da terra foi meu acalanto.

Mas logo refeito de uma tal vertigem,
corri o mais que pude, até o rio mais lindeiro.
Desci por montanhas, escarpas, talvegues...
Só tive remanso no mar, minha origem!

E aqui estou de novo, fitando tua luz;
sentindo o calor que a ti me conduz.
Meu ciclo é assim: uma busca sem fim,
que só terá termo ao gostares de mim!

FLOR–MULHER

(2004)

Oh, canto distante!
Quem te traz é o vento.
Tens cheiro de flor,
mas tom de lamento.

Talvez nem notasse.
Estava distraído.
Não fosse o poente,
mal teria ouvido.

Mas ao te escutar,
logo não resisti,
e ao teu encontro,
encantado, parti.

E assim que te vi
tomei-me de amores,
pois mal consegui
distinguir-te das flores,
que em doce tristeza
colhias com calma.
Teu doce perfume
envolveu minha alma.

Toquei tua mão, com recato e pudor.
Disse que mais bela, ali, não havia.
E ali, fascinado com tanto esplendor,
pedi que a deixasse colher, como flor.

Então seu lamento tornou-se um sorriso
e qual um botão, feito rosa, se abriu!
Tomei-te em meus braços e disse: - Mulher,
se és flor para mim, eu sou o bem que te quer!

SANGRIA

(2004)

Corte na carne!
Corte profundo!
Dane-se a dor!
Dane-se o mundo!

Sangue vermelho
escorre em vão;
tinge de rubro
o corpo e o chão.

Clamar por socorro
não é meu intento,
pois curo as feridas
com o fogo do tempo,
que queima, arde e estanca,
e se apaga com o vento.

Dano passageiro,
malgrado intenso.
O mundo é inocente
das coisas que penso.
Sou eu o errado,
irrequieto e tenso.

Onde está meu láudano?
Onde está minha cura?
Quem sabe na alma,
tornada alva e pura.

Contida a sangria,
que tanto me cansa,
quem sabe eu recobre
a fé e a esperança.

SURREAL

(2004)

Qual num quadro de Dalí, as imagens se amolgavam...

Eu buscava, alucinado, por um foco mais preciso,
que deixasse ver teu rosto, ao menos por um átimo,
antes que o torpor do sono me levasse a luz e o siso.

As tintas e tons vivos escorriam entre os meus dedos...

Com receio de tocar-te me mantive a tal distância,
que deixava ver teu corpo, mas teus olhos... sugeria.
Não sei para onde olhavas, mas sentia tua fragrância!

Fechei, então, os olhos, pra poder te ver melhor,
pois até em pensamento tua imagem está ali;
mesmo quando me afasto, qual obra de Escher,
as escadas da mente me levam a ti!

Te vi qual tu és: beleza mutante,
que em Vasarely não achei nenhum par.
És muitas mulheres num mesmo semblante.
Um céu colorido sobre um verde mar!

Não és surreal, pois te toco e te sinto!
Mas onde me levas eu vou, sem pensar.
Sou eu que me amolgo e de amor me desfaço.
Surreal é tua aura! Irresistível é o teu olhar!

MAGIA

(2004)

Hoje eu quero esquecer a tristeza
e as fotos espalhadas sobre a mesa:
lembranças de um passado ainda presente.
Teu sorriso e teus carinhos ainda estão em minha mente!

Ponho o terno mais fino e saio sem destino
em busca do brilho da noite, que ofusca.
Mas logo vislumbro teu rosto na Lua
e minha mão no vazio, em busca da tua.

Será que você já me esqueceu?

Só sei que não existe, quer queira ou não,
angústia mais forte que a da solidão;
nem dor mais profunda, presente e constante
que a dor de amar quem se encontra distante.

Mesmo se os sentidos e a mente distraem,
tentando criar paralelo universo.
Mais forte é a lembrança, enraizada no peito,
de um tempo de êxtase, agora desfeito!

Talvez eu te ligue, qual quem não quer nada...
Ingênua desculpa pra ouvir tua voz.
Talvez te proponha um encontro furtivo,
segunda intenção: nos quedarmos a sós.

Se a inércia e a rotina quebraram o encanto,
talvez a magia ainda não esteja morta.
Um toque talvez reacenda essa chama
e ilumine o quarto, ao fecharmos a porta...

MEMÓRIAS E SONHOS

(2004)

Memórias de imagens,
de sons e de olfatos,
da vida compõem
um diverso retrato.

Retrato vivido
e, portanto, passado,
às vezes querido
ou deixado de lado.

A saudade é um misto
de memória e sonho.
A esperança é um sonho
do que se quer visto.

Quando um sonho bom
se transforma em memória,
logo vem um outro tomar seu lugar,
pois vida sem sonho é vida sem futuro!
Viver de memória é morrer devagar.

Por isso não cansa
memória somar
e sempre mais sonhos,
sem medo, sonhar.

De memória e sonho,
e também do presente,
deve ser completa
a vida da gente!

PEDIDO

(2004)

Dá-me tua mão! Não negues!
Pois, ao tomares a minha,
terás meu corpo e mente entregues.

Dá-me teu corpo! Venhas!
Deixa os sentidos consumarem
labaredas de mil lenhas.

Dá-me a paz de teu cansaço
e a pureza de teu sono,
deitada no carinho de meu abraço.

Nunca te afastes!
Nunca me deixes!

Sejamos tintas que se misturam
para compor quadro novo, a cada dia.
Sejamos amigos, cúmplice e amantes
de amor e desejo transbordantes!

--- 000 ---